

Universidade de Lisboa



**Concursos de Empreendedorismo e sua Influência no Desenvolvimento de
Competências nos Alunos: experiência numa turma do 3.º ano do curso
Técnico de Gestão do Ensino Profissional**

Sandra Christina Brito Gomes

Mestrado em Ensino da Economia e da Contabilidade

Relatório da Prática de Ensino Supervisionada orientado pela Professora Doutora
Ana Paula Curado

2016

“Ser professor é um desafio grandioso que nos obriga a dar o melhor de nós mesmos”.

Machado (2011)

AGRADECIMENTOS

A realização deste trabalho teve muitos apoios e incentivos de diversas pessoas. Todos os contributos foram essenciais para a realização do mesmo. Por este motivo, gostaria de agradecer e mostrar o meu apreço a todos aqueles que fizeram parte deste percurso.

Em primeiro lugar, à Professora Doutora Ana Paula Curado, pela orientação e disponibilidade que demonstrou ao longo da realização do relatório de prática de ensino supervisionada.

Ao Instituto de Educação da Universidade de Lisboa por me ter proporcionado a realização da profissionalização que tanto ambicionava. Sou eternamente grata por me ter realizado este sonho de ser professora.

A todos os professores do Mestrado em Ensino de Economia e Contabilidade que contribuíram para o meu desenvolvimento profissional através da partilha de conhecimentos.

A todos os meus colegas, pela amizade e companheirismo que me proporcionaram ao longo deste percurso. Quero destacar a colega Ana Márcia Ribeiro que me acompanhou na realização dos trabalhos de grupo e pela motivação que me deu na realização dos mesmos.

Ao Diretor da Escola Secundária Domingos Sequeira, Dr. Alcino Duarte, pela forma como me recebeu na escola. Senti-me perfeitamente integrada, o que permitiu desenvolver um bom trabalho.

Ao coordenador do grupo 430 – Economia e Contabilidade, Dr. José Manuel Ferreira, por toda a amizade ao longo deste percurso.

À professora cooperante, Dra. Susana Carvalho, por todo o acompanhamento, reflexões e conhecimentos partilhados.

Aos alunos do último ano do curso Técnico de Gestão, que me receberam de forma bastante simpática, fazendo com que me sentisse perante a “minha turma”.

Por último, à minha família e amigos por todo o apoio, carinho, motivação e admiração que me deram ao longo de todo o mestrado.

A todos muito obrigada, por tornarem este sonho uma realidade!

ÍNDICE

Agradecimentos	iii
Índice	iv
Índice de figuras	vii
Índice de gráficos	viii
Índice de tabelas	x
Siglas	xi
Resumo	xii
Abstract	xiii
Introdução	1
 CAPÍTULO 1 – REVISÃO DA LITERATURA	 3
Parte I - Empreendedorismo	4
1.1. Noção de Empreendedorismo	4
1.2. Educação para o Empreendedorismo	6
1.3. Competências Empreendedoras	9
Parte II – Concursos de Empreendedorismo	16
2.1. Conceito e Tipos	16
2.2. A Influência dos Concursos de Empreendedorismo no Desenvolvimento de Competências	18
Parte III – Ensino Profissional	23
 CAPÍTULO 2 – PROBLEMÁTICA E MÉTODO DE INVESTIGAÇÃO	 26
Parte I – Enquadramento do Problema	27
1.1. Justificação e propósito	27
1.2. Questões de Investigação	27
Parte II – Enquadramento Metodológico	29
2.1. Abordagem de Investigação	29
2.2. Técnicas de Recolha e de Análise de Dados	30
2.2.1. Técnicas de recolha de dados	30
2.2.2. Técnicas de análise de dados	33

CAPÍTULO 3 – TRABALHO DESENVOLVIDO NO ÂMBITO DA PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA	35
Parte I – Contexto Escolar: Escola, Turma e Curso	36
1.1. Caracterização da Escola	36
1.2. Caracterização da Turma	39
Parte II – Estratégias de Ensino Desenvolvidas na Unidade Didática 16 – Inovação e Empreendedorismo	41
2.1. Disciplina de Gestão e Unidade Curricular	41
2.2. Paradigma Ecológico como Estratégia de Ensino	43
2.3. Planificação de Médio Prazo	44
2.4. Aulas Lecionadas	48
2.4.1. Aula 37 e 38	48
2.4.2. Aula 39 e 40	51
2.4.3. Aula 41 e 42	53
Parte III – Concursos de Empreendedorismo e a sua Influência no Desenvolvimento de Competências	61
3.1. Competências empreendedoras dos alunos do 3.º C do curso Técnico de Gestão	61
3.2. O concurso de Ideias Intermunicipal e a sua Influência no Desenvolvimento de Competências	65
Parte IV – Principais Conclusões	77
 CAPÍTULO 4 – CONSIDERAÇÕES FINAIS, LIMITAÇÕES E FUTURAS LINHAS DE INVESTIGAÇÃO	 79
Referências	84
Apêndices	90
Apêndice A Guião da entrevista aplicado aos alunos do 3.º C do Curso Técnico de Gestão	91
Apêndice B Inquérito por questionário aplicado aos alunos 3.º C do Curso Técnico de Gestão: concurso de ideias Intermunicipal	93
Apêndice C Pedido de Autorização ao Diretor da ESDS para aplicação dos Inquéritos aos alunos do 3.º C do Curso Técnico de Gestão	95
Apêndice D Pedido de Autorização aos Encarregados de Educação para aplicação dos inquéritos aos alunos do 3.º C do Curso Técnico de Gestão	96
Apêndice E Ficha da Turma do 3.º C do Curso Técnico de Gestão	97

Apêndice F	Planificação a médio prazo do módulo 16 – Inovação e Empreendedorismo	99
Apêndice G	Avaliação sumativa do módulo 16 – Inovação e Empreendedorismo com base no projeto realizado para o concurso de Ideias Intermunicipal	100
Apêndice H	Matriz de objetivos / conteúdos do módulo 16 – Inovação e Empreendedorismo	102
Apêndice I	Prática de ensino supervisionada: plano de aulas n.º 37 e 38 e recursos didáticos	103
Apêndice J	Prática de ensino supervisionada: grelha de observação comportamentos	114
Apêndice K	Matriz de análise de conteúdo: “Considero-me uma pessoa inovadora, penso muitas vezes em criar um negócio quando terminar o curso”	115
Apêndice L	Prática de ensino supervisionada: plano de aulas n.º 39 e 40 e recursos didáticos	116
Apêndice M	Grelha de avaliação - construção do <i>site</i> sobre o desenvolvimento de um produto/serviço inovador	125
Apêndice N	Prática de ensino supervisionada: plano de aulas n.º 41,42 e recursos didáticos	126
Apêndice O	Matriz de conteúdos: questionário de competências empreendedoras dos alunos do 3.º C do curso Técnico de Gestão	141
Apêndice P	Matriz de Análise de Conteúdo das Entrevistas realizadas aos alunos do 3.º C do curso Técnico de Gestão	144
Anexos		148
Anexo A	Inquérito por questionário aos alunos do 3.º C do Curso Técnico de Gestão: Competências Empreendedoras	149
Anexo B	Modelo de avaliação do questionário realizado aos alunos do 3.º C do Curso Técnico de Gestão: Competências Empreendedoras	153
Anexo C	Certificado de participação no colóquio: Educação para o Empreendedorismo	161

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1.	Pilares dos objetivos da Educação para o Empreendedorismo	7
Figura 2.	O que é Educação para o Empreendedorismo?	7
Figura 3.	Ensino baseado no método tradicional versus ensino baseado na curiosidade	13
Figura 4.	Modelo Conceptual do <i>mentoring</i> como prática de apoio ao empreendedorismo	19
Figura 5.	<i>Networking</i> como prática de apoio ao empreendedorismo	20
Figura 6.	A relação do capital humano com o empreendedorismo	21
Figura 7.	Modelo de análise de investigação	30
Figura 8.	Desenho da investigação	34
Figura 9.	Localização da Escola Secundária Domingos Sequeira	36
Figura 10.	Planta da Escola Secundária Domingos Sequeira	37
Figura 11.	Áreas descobertas da Escola Secundária Domingos Sequeira	37
Figura 12.	Número de alunos, por género, dos cursos Científico-humanísticos no ano letivo 2015/2016 na Escola Secundária Domingos Sequeira	38
Figura 13.	Número de alunos, por género, dos cursos profissionais no ano letivo 2015/2016 na Escola Secundária Domingos Sequeira	38
Figura 14.	ESDS: Planta da sala de aula da turma do 3.º C	40
Figura 15.	Módulos do curso Técnico de Gestão	42
Figura 16.	Esquema simplificado dos resultados obtidos no concurso “Quem quer ser empreendedor?”	54
Figura 17.	Grelha de pontuação do concurso “Quem quer ser empreendedor?”	55
Figura 18.	Árvore do conhecimento elaborada na turma do 3.º C	58
Figura 19.	Conceitos mais referidos pelos alunos no módulo 16 – Inovação e Empreendedorismo	59
Figura 20.	Caracterização os alunos inquiridos	61
Figura 21.	Perceção dos alunos do 3.º C sobre a mentalidade empreendedora, o ambiente escolar e as práticas na sala de aula	62
Figura 22.	Conhecimento empreendedor dos alunos do 3.º C	63
Figura 23.	Capacidades empreendedoras dos alunos do 3.º C	64

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1.	Evolução do número de jovens matriculados no ensino secundário e nos cursos profissionais de nível secundário, público e privado, no Continente em 2000-2012	24
Gráfico 2.	Razões que levam os alunos do 3.º C a não querer criar um negócio quando terminarem a escola	50
Gráfico 3.	Razões que levam os alunos do 3.º C a querer criar um negócio quando terminarem a escola	51
Gráfico 4.	Média dos resultados obtidos na avaliação individual dos alunos do 3.º C na construção do <i>site</i>	52
Gráfico 5.	Média dos resultados obtidos na avaliação coletiva dos alunos do 3.º C na construção do <i>site</i>	53
Gráfico 6.	Resultados da participação no Concurso de Ideias Intermunicipal	67
Gráfico 7.	Satisfação dos alunos entrevistados com o curso Técnico de Gestão	70
Gráfico 8.	Expetativas dos alunos entrevistados em relação à disciplina de Gestão	71
Gráfico 9.	Áreas do curso com mais interesse para os alunos entrevistados	71
Gráfico 10.	Atitude e postura dos alunos entrevistados nas aulas de Gestão	72
Gráfico 11.	Satisfação dos alunos entrevistados em relação à participação no concurso de Ideias Intermunicipal	72
Gráfico 12.	Aprendizagens obtidas dos alunos entrevistados com a participação no concurso de Ideias Intermunicipal	73
Gráfico 13.	A influência do concurso de Ideias Intermunicipal na forma como os alunos entrevistados encaram a disciplina de Gestão	74
Gráfico 14.	A influência do concurso de Ideias Intermunicipal na tomada de decisão dos alunos entrevistados para a criação de um negócio	74
Gráfico 15.	A perceção dos alunos entrevistados em relação à ligação da disciplina de Gestão com os concursos no âmbito das ciências empresariais	75
Gráfico 16.	A influência do concurso de Ideias Intermunicipal na forma como os alunos entrevistados ganham interesse na pesquisa de novas informações	75

Gráfico 17.	A influência do concurso de Ideias Intermunicipal na forma como os alunos entrevistados refletem sobre a possibilidade de criar um negócio	76
Gráfico 18.	A influência do concurso de Ideias Intermunicipal na forma como os alunos entrevistados mudam a sua capacidade reflexiva e participativa	76

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1.	Matriz de conteúdos acerca da submissão da candidatura ao concurso de Ideias Intermunicipal	66
Tabela 2.	Matriz de conteúdos sobre a participação dos alunos no concurso de Ideias Intermunicipal	68
Tabela 3.	Matriz de conteúdos simplificada com os resultados das entrevistas	69

SIGLAS

EE – Educação para o Empreendedorismo

ESDS – Escola Secundária Domingos Sequeira

GEM – Global Entrepreneurship Monitor

LBSE – Lei de Bases do Sistema Educativo

RESUMO

O presente relatório de prática de ensino supervisionada teve como finalidade compreender a influência que os concursos de empreendedorismo trouxeram no desenvolvimento de competências em 26 alunos do último ano do curso Técnico de Gestão. Para o efeito foi realizado um trabalho de intervenção na disciplina de Gestão. Neste sentido, foram lecionadas seis aulas com estratégias de ensino diversificadas. Contudo, deu-se prioridade a uma aprendizagem baseada no princípio “aprender a fazer”. A recolha de dados foi efetuada através do diário de campo, de questionários e de entrevistas.

Os resultados indicaram que os alunos não apresentavam competências empreendedoras. Contudo, a participação em concursos de empreendedorismo permitiu-lhes refletir sobre a possibilidade de criar, no futuro, um negócio. Por outro lado, a participação em atividades práticas fez com que os alunos ficassem mais empenhados e participativos no processo de ensino-aprendizagem.

A grande conclusão que se retira deste trabalho é que os professores não devem simplesmente transmitir informações ou conhecimentos, mas sim encontrar estratégias de ensino que façam com que o aluno goste de estar na sala de aula e que goste, sobretudo, de aprender. Se assim for, o aluno estará receptivo a todas as competências que o professor lhe quiser desenvolver.

Palavras-chave: empreendedorismo, concursos de empreendedorismo, competências, ensino profissional.

ABSTRACT

The following report presents the supervised teaching practice in a management vocational course. The main purpose of this work is to understand how the entrepreneurship contest facilitates the development of new skills in a class of 26 students. In order to achieve this goal, diverse teaching strategies were implemented. However, “Learning by doing” was the major strategy used. All the information was retrieved with the help of field diary, questionnaires and interviews.

The results showed that students did not have entrepreneurial skills. The participation in the entrepreneurship contest allowed them to reflect on the possibility of creating a future business. It was also verified that the participation in entrepreneurship contest helped the student becoming more engaged with learning process.

The major conclusion that can be drawn from the data analysis and interpretation is that the teachers are not only needed to facilitate. Teachers also have a crucial role identifying new strategies for enhancing process. With this approach the students will be more receptive to all the skills that the teacher wants to develop.

Key-words: entrepreneurship, entrepreneurship contest, skills, vocational course.

INTRODUÇÃO

O presente relatório de prática de ensino supervisionada integra-se no âmbito do Mestrado em ensino de Economia e Contabilidade e visa apresentar todo o trabalho pedagógico desenvolvida na Escola Secundária Domingos Sequeira (ESDS), situada na região de Leiria.

O tema do trabalho surgiu através de um estudo exploratório realizado no 3.º semestre, do presente ano letivo, numa turma finalista do curso profissional Técnico de Gestão. Verificou-se que os alunos para além de não apresentarem competências empreendedoras, o seu envolvimento no processo de ensino-aprendizagem também era reduzido. Os professores são os principais agentes para desenvolverem as competências necessárias nos alunos, para enfrentarem possíveis obstáculos que surjam na sociedade (Benesova, 2015). São, ainda responsáveis por envolvê-los ativamente no processo de ensino-aprendizagem, de modo a formar cidadãos responsáveis e críticos em relação ao meio onde atuam.

A questão de partida formulou-se a partir da seguinte indagação: de que forma podem os professores e a escola desenvolver competências empreendedoras e incentivar os alunos para o processo de ensino-aprendizagem? Existem várias formas de o concretizar, contudo optou-se pela participação dos alunos em concursos de empreendedorismo. Uma das participações incidiu no concurso de Ideias Intermunicipal e numa das atividades práticas realizadas em sala de aula, nomeadamente no concurso “Quem quer ser empreendedor?”.

Segundo Berger e Myhrer (2012) o principal objetivo dos concursos de empreendedorismo é desenvolver o interesse e os conhecimentos dos alunos acerca de aspetos relacionados com a criação de negócios, independentemente da área de estudos em que estejam inseridos. No entanto, também se pretende que a participação em concursos de empreendedorismo incremente o empenho dos alunos no processo de ensino-aprendizagem.

Tendo em conta estes aspetos, pretendeu-se compreender a influência dos concursos de empreendedorismo no desenvolvimento de competências (empreendedoras e ao nível das atitudes) nos alunos do ensino profissional.

Para responder ao objetivo deste trabalho seguiu-se uma abordagem de investigação mista, baseada no método do estudo de caso. Neste estudo participaram 26 alunos. A informação foi recolhida através de diferentes fontes, nomeadamente a partir de entrevistas, de questionários, do diário de campo e de análise documental. Para o tratamento de dados utilizou-se a análise de conteúdo, a análise interpretativa e a análise descritiva (estatística).

Relativamente à estrutura, o presente trabalho encontra-se dividido em quatro capítulos: Capítulo 1 – Revisão da Literatura, Capítulo 2 – Problemática e método de investigação, Capítulo 3 – Trabalho desenvolvido no âmbito da prática de ensino supervisionada e Capítulo 4 – Considerações finais, limitações e futuras linhas de investigação.

O Capítulo 1 – “Revisão da Literatura”, pretende apresentar os aspetos teóricos que serviram de base para este estudo. Neste contexto, foi fundamental conhecer o conceito de empreendedorismo, para posteriormente compreender o seu enfoque na educação. Assim sendo, analisaram-se as características da educação para o empreendedorismo, nomeadamente o conceito, as competências que desenvolve nos alunos e as estratégias que podem ser implementadas. Das várias estratégias existentes, optou-se pelos concursos de empreendedorismo, sendo feita uma breve caracterização dos mesmos. Por último, foi realizada uma breve apresentação do ensino profissional, dado ser o campo de intervenção deste trabalho.

O Capítulo 2 – “Problemática e método de investigação”, pretende mostrar o propósito que levou à realização desta intervenção, bem como as questões e o método de investigação.

Segue-se o Capítulo 3 – “Trabalho desenvolvido no âmbito da prática de ensino supervisionada”, que mostra o trabalho desenvolvido na escola Secundária Domingos Sequeira. Deste modo, é apresentada, na primeira parte a escola, a turma e o curso. Na segunda parte, as estratégias de ensino a que se recorreram na prática pedagógica. Na terceira parte as competências empreendedoras dos alunos e na última parte as principais conclusões deste capítulo.

Por último, no Capítulo 4 – “Considerações finais, limitações e futuras linhas de investigação”, é apresentada uma reflexão sobre o trabalho desenvolvido, as limitações que se obteve com a realização do mesmo e futuras linhas de investigação, que poderão servir de base para outros estudos.

CAPÍTULO 1 – REVISÃO DA LITERATURA

Neste capítulo apresenta-se uma revisão da literatura considerada essencial como suporte teórico do trabalho realizado. O capítulo está subdividido em três partes fundamentais. A primeira parte refere-se ao empreendedorismo, a segunda parte aos concursos de empreendedorismo e a terceira parte ao ensino profissional. Na primeira parte expõe-se a noção de empreendedorismo (1.1.), a educação para o empreendedorismo (1.2.) e as competências empreendedoras (1.3.). Na segunda parte apresenta-se o conceito e os tipos de concursos de empreendedorismo (2.1.) e a influência dos concursos de empreendedorismo no desenvolvimento de competências (2.2.). Na terceira parte pretende-se compreender as características subjacentes ao ensino profissional (3.).

PARTE I – EMPREENDEDORISMO

1.1. Noção de Empreendedorismo

O conceito de empreendedorismo teve a sua origem em França, a partir da palavra *entrepreneur* que surgiu no início do século XVI, para designar os homens envolvidos na coordenação de operações militares. Mais tarde, por volta de 1700, o termo começou a ser utilizado no mesmo país para os proprietários de terras e de trabalhadores assalariados. Jean-Baptiste Say, economista francês, foi um dos primeiros a criar o conceito de empreendedorismo, no início do século XIX. Assim, ele definiu-o como sendo a capacidade de movimentar recursos económicos de um setor de baixa produtividade para outro de maior produtividade.

Posteriormente, o austríaco Joseph Schumpeter um dos maiores economistas do século XX, viria a sugerir como função clássica do empreendedorismo a inovação, nomeadamente na transformação de novos produtos, novos métodos de produção, novos mercados e novas formas de organização. Alguns anos depois, Peter Ferdinand Drucker evolui o conceito de empreendedorismo para a interdisciplinaridade do conhecimento e da experiência de cada um dos indivíduos, de modo a conseguir alcançar os objetivos e criar algo novo (Sá et al., 2015).

Mais recentemente, Dornelas (2001) refere que a essência do empreendedorismo está na perceção e no desenvolvimento de novas oportunidades. As novas oportunidades poderão surgir no âmbito de negócios já existentes, com novos métodos de produção, mais eficientes e mais baratos. Sob o mesmo ponto de vista, Hisrich e Peters (2002) argumentam que o empreendedorismo é a capacidade de identificar oportunidades e criar algo inovador que seja útil para a sociedade. Assim, é um processo que envolve a criação de uma empresa inovadora com o propósito de ganho ou de crescimento, sob condições de incerteza e de risco (Dollinger, 2001). Para a Comissão Europeia (2006) o empreendedorismo não está, unicamente, associado à criação de negócios, mas também ao desenvolvimento da capacidade criativa, à inovação e ao risco.

Por tudo o que foi referido anteriormente, entende-se que o empreendedorismo está interligado a uma mudança ou a um processo de mudança (Audretsch, 2002). Esta mudança segundo o Global Entrepreneurship Monitor¹ (GEM) pode ser de dois tipos: por necessidade e por oportunidade. O empreendedorismo por necessidade, relaciona-se com os indivíduos que

¹ <http://www.gemconsortium.org/>

procuram melhores condições de vida ou de sobrevivência, através da criação do seu próprio emprego. Enquanto que, o empreendedorismo por oportunidade refere-se aos indivíduos que identificam problemas decorrentes no meio onde estão inseridos e exploram soluções, encontrando oportunidades de negócio. A estes indivíduos chamamos de empreendedores.

O empreendedorismo constitui uma maneira de pensar bastante peculiar, que procura desenvolver a criatividade, a inovação, novas formas de fazer as coisas e desafiar o *status quo*² (Shane & Venkataraman, 2000). Segundo os mesmos autores, são estas as características que distinguem os empreendedores do resto da população. O perfil do empreendedor tem sido objeto de estudo de várias investigações, que procuram identificar as competências comuns dos indivíduos que atuam de acordo com as características empreendedoras descritas na literatura (Rocha & Freitas, 2014).

Schmidt e Bohnenberger (2009) recorreram a vários estudos (e.g. Kaufman, 1991; Donelas, 2001; Markman & Baron, 2003; Markan Hisrich & Peters, 2004) para analisar o perfil do empreendedor. Neste âmbito, trata-se de um indivíduo autoeficaz (deve ser capaz de estimar os recursos necessários para concretização eficaz do projeto), apto a assumir riscos (deve possuir uma visão transcendente, que faça com que tenha vantagem competitiva), capaz de planear com eficiência o futuro da organização, atento às oportunidades (hábil para identificar problemas ocorrentes na sociedade), persistente (capaz de trabalhar de forma intensiva e não desistir de possíveis obstáculos), sociável (com uma grande rede de contactos), inovador e líder (capaz de mobilizar a equipa para os objetivos predefinidos). É relativamente fácil identificar notáveis figuras públicas, que exemplificam na perfeição o que é ser empreendedor, como é o caso do Bill Gates³ e do Steve Jobs⁴.

Estas características podem não nascer com o indivíduo, isto é, pode-se não nascer empreendedor, mas pode-se tornar um deles, uma vez que as capacidades e as características empreendedoras podem ser desenvolvidas, nomeadamente através de métodos pedagógicos desenvolvidos nas escolas (Penim, 2008). Este aspeto é reforçado por Dehter (2001) ao referir que a educação pode facilitar o processo de concretização das ideias em negócios, melhorando atitudes e capacidades para o poder realizar. Assim, pode-se dizer que o empreendedorismo e a formação são indissociáveis para que os jovens sejam capazes de enfrentar os tempos conturbados, em mudança permanente e acelerada em que vivemos. Assim, esta realidade exige pessoas cada vez menos conformistas, mais visionárias, inovadoras e flexíveis (Penim, 2008). Para Monteiro (2009) a escola funciona como um impulso para o espírito empreendedor dos alunos, ao fornecer-lhes um conjunto de valores, conhecimentos e ferramentas suscetíveis

² O estado atual das coisas, seja em que momento for in dicionário "Priberam", disponível em <http://www.priberam.pt>

³ Fundador da Microsoft

⁴ Fundador da Apple

de elevar as respectivas capacidades de iniciativa. Sobre este assunto, a próxima secção visa abordar a Educação para o empreendedorismo.

1.2. Educação para o Empreendedorismo

A Educação para o Empreendedorismo (EE) tem atraído diversos investigadores nas últimas quatro décadas (Gibb, 2011). A maioria deles acreditam que os alunos são capazes de ultrapassar condições de desemprego após receberem formação no âmbito da EE (Hytti & O`Gorman, 2004). Este tipo de formação deve dotar os alunos de competências necessárias para a criação do seu próprio emprego e a motivá-los a encarar com mais criatividade as oportunidades futuras (Fleming, 2005). Assim sendo, a EE é considerada uma competência essencial para a aprendizagem ao longo da vida (Conselho Europeu de Barcelona, 2002), devendo as escolas promover a EE junto dos alunos. Dentro da mesma linha de pensamento, o relatório Educação para a Cidadania da Escócia (2002) refere que as escolas devem informar os alunos sobre questões contemporâneas, de os ensinar a trabalhar de forma independente, a colaborar com outras pessoas e a possuir disposições pessoais que valorizem a diversidade cultural. Estes aspetos são fundamentais para que os alunos se tornem cidadãos ativos, independentemente da carreira que sigam no futuro.

O que distingue a educação tradicional da educação para o empreendedorismo é que a primeira muda conhecimentos e a segunda muda atitudes e motivações (Raposo & Paço, 2011). A EE pode ser ensinada em vários níveis de ensino, nomeadamente a partir dos primeiros anos de escolaridade e em áreas que não estejam diretamente relacionadas com a gestão (Hynes, 1996). O mesmo autor defende que é importante incutir conhecimentos de empreendedorismo em áreas não relacionadas com a gestão porque muitos alunos têm ideias, mas depois não possuem os conhecimentos necessários, para desenvolver e implementá-las no mercado de forma consciente e eficaz.

A EE estabelece objetivos de acordo com os diferentes níveis de educação. No ensino básico o objetivo é promover, nos alunos, qualidades pessoais tais como a criatividade, espírito de iniciativa e autonomia, que contribuem para o desenvolvimento de uma atitude empreendedora. Enquanto que no ensino secundário, apesar do desenvolvimento destas qualidades pessoais continuarem a ser relevantes, começa a existir um enfoque particular na sensibilização dos alunos para o autoemprego como uma opção de carreira profissional (DGIDC, 2007). Este tipo de educação, particularmente no ensino secundário, produz efeitos diferentes nos alunos, pois se alguns descobrem que é esse o caminho que querem seguir,

outros apercebem-se que é mais complicado do que aquilo que pensavam e procuram mais formação e outros apercebem-se que, de facto, não é aquele o caminho que querem seguir, o que também é positivo, na medida em que, não têm de ser todos empreendedores (Levie, 2005).

No contexto do ensino do empreendedorismo, esta formação deve assentar em três objetivos básicos (figura 1): desenvolver o espírito empreendedor dos alunos, promovendo a sua consciencialização para a criação de negócios; preparar os alunos para a abertura de negócios, instruindo-os sobre os possíveis financiamentos e questões legais; desenvolver capacidades empreendedoras para a identificação de novas oportunidades de negócio (European Commission Enterprise and Industry, 2008). Estes objetivos devem fazer com que o aluno seja capaz de conscientizar-se sobre o que é o empreendedorismo, ser criativo, ser inovador, descobrir oportunidades, planear, abrir um novo negócio, fazer previsões, assumir riscos, persistir, lidar com conflitos, aprender com a tomada de decisão, trabalhar em equipa, formar uma rede de contactos e gerir o negócio de forma sustentável (Rocha & Freitas, 2014)

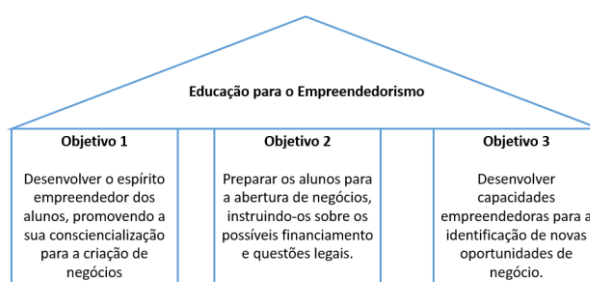


Figura 1 –Pilares dos objetivos da Educação para o Empreendedorismo. Fonte: European Commission Enterprise and Industry (2008) – *Entrepreneurship in higher education, especially in non-business studies: final report of the expert group (adaptado)*.

De modo a clarificar o conceito de EE, a figura 2 diferencia o que deve ser considerado para a sua interpretação e o que não deve ser considerado.



 Educação para o empreendedorismo é ...	 Educação para o empreendedorismo não é ...
Educação transversal para a vida	Educação para a gestão empresarial
Centrada na ação	Centrada nos saberes
Focalizada no processo e nos resultados	Focalizada nas tarefas
Coerente e constante	Esporádica e inconstante
Integrada multidisciplinaridade	Isolada disciplinarmente
Contextualizada	Descontextualizada
Construída pelos alunos	Transmitida pelos agentes de ensino

Figura 2 –O que é Educação para o Empreendedorismo?. Fonte: Direção –Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular (2007). Fonte: Relatório síntese Projeto Nacional de Educação para o empreendedorismo, p. 20.

Assim sendo, a EE não deve ser, apenas, centrada na criação de novos negócios, mas também no desenvolvimento de atitudes e qualidades empreendedoras (Comissão Europeia, 2006). Não devem ser transmitidos, somente, conhecimentos, mas atividades conduzidas fora do ambiente de sala de aula, através de aprendizagens ativas, como simulações de negócios, visitas de estudo, jogos didáticos, concursos, aulas expositivas, planos de negócios, trabalhos de grupo, *brainstorming*, seminários e palestras com empreendedores, criação de produtos, filmes, vídeos, sugestão de leituras, entre outros (Hytti & O’Gorman, 2004; Rocha & Freitas, 2014). Para que se consigam resultados positivos, é importante que os professores desenvolvam um trabalho contínuo e interdisciplinar, onde se verifique uma partilha de uma complementaridade entre os diferentes intervenientes (Delors, 1996). Segundo o mesmo autor, é igualmente importante preparar os jovens, não só para encarar o futuro com confiança, mas para construí-lo eles mesmos de maneira determinada e responsável. Da mesma maneira, Jones (2010) refere que a aprendizagem centrada no aluno deve formar a base de qualquer programa de empreendedorismo. Os alunos devem atuar como agentes que são capazes de aprender e aplicar os conhecimentos em todos os contextos da sua vida.

Sob outra perspetiva, o relatório da rede Eurydice (2016, p. 21) identifica a EE como sendo a capacidade de os alunos desenvolverem competências capazes de transformar ideias criativas numa ação empreendedora. Estas competências, segundo o relatório são essenciais uma vez que fornecem aos alunos conhecimentos no âmbito da cidadania, da inclusão social e de empregabilidade.

A EE é um tema recente em Portugal, porém é praticada em universidades americanas desde 1947, sendo a Universidade *Harvard Business School* a pioneira a introduzir o curso de empreendedorismo (Araújo et al., 2005). Posteriormente, esta temática espalhou-se por toda a Europa, começando pelo Reino Unido e Países Baixos (Volkman, 2004). Em 2005, estes programas já estavam disponíveis em cerca de 1500 estabelecimentos de ensino superior de todo o mundo (Solomon, 2007). Para que as escolas continuem a desenvolver programas e atividades para a construção de uma sociedade empreendedora devem estar recetivas à mudança, de modo a responder às necessidades e expectativas dos alunos (Teixeira, 2012). Contudo, não é somente a escola, como instituição, que precisa de sofrer alterações, os professores devem construir oportunidades reais de aprendizagem, como por exemplo, desenvolvimento de planos de negócio, construção de *start-ups*, entrevistas a empreendedores e simulação de casos reais (Solomon, 2007). Sobre este assunto, existem poucos estudos que mostram os impactos que estas atividades trouxeram na transformação de alunos em empresários (Yu, 2014).

Apesar de ser de grande importância a implementação de programas de empreendedorismo nas escolas, existem aspetos de ordem cultural, particularmente em Portugal, que condicionam a sua implementação. Um estudo realizado pela Sociedade Portuguesa de Inovação em 2004, mostra que a população portuguesa é bastante resistente ao risco, sobrevalorizando o fracasso dos empreendedores, contrariamente ao que acontece em países como o Reino Unido e os Estados Unidos, onde se encara o fracasso e os erros como oportunidades de melhoria dos serviços oferecidos. Para que os programas de empreendedorismo sejam incorporados nos currículos das escolas eficazmente, é essencial que a sociedade, a família, os amigos, as instituições e os governos tenham condutas e políticas de apoio ao empreendedorismo (Carvalho & Costa, 2015). De acordo com os mesmos autores, é fundamental que a sociedade compreenda que o erro e o insucesso fazem parte da construção de uma aprendizagem construtiva, que vai permitir levar ao caminho do sucesso. Neste âmbito, o Ministério da Educação elaborou a recomendação n.º 5/2011 – Educação para o Risco, no sentido de reforçar a importância de um conjunto de *stakeholders* (por exemplo, instituições de ensino, autarquias, museus, centros de ciência e meios de comunicação) para promoverem junto dos alunos formas de gerir e compreender o risco, fazendo com que este não seja visto como algo exagerado que leve à desistência de um determinado objetivo.

Apesar de toda esta limitação, várias instituições de ensino portuguesas têm participado ao longo dos últimos anos em atividades relacionadas com a EE, desenvolvendo assim, competências e capacidades empreendedoras nos alunos. A próxima seção visa abordar este tema.

1.3. Competências Empreendedoras

A definição de competência tem sido objeto de estudo de vários investigadores, particularmente no campo da psicologia, sociologia, ciências do trabalho e ciências da educação (Sá & Paixão, 2013). Segundo as mesmas autoras, competência significa “capacidade, saber, rede, sistema, coleção de recursos e pré-requisitos” (p. 108). A capacidade refere-se à aptidão física e/ou intelectual que determinado indivíduo possui para realizar determinadas tarefas. O saber relaciona-se com os conhecimentos que o indivíduo detém para concretizar um conjunto de atividades. A rede/sistema menciona o conjunto de saberes, como por exemplo cognitivo e afetivo, que o indivíduo possui e que podem ser aplicados em várias situações. A coleção de recursos, como o próprio nome indica, são os vários recursos (conhecimentos, saber-fazer e saber-ser) que o indivíduo recorre para resolver problemas que ocorram em determinado contexto. Por último, os pré-requisitos são condições que se colocam

à disposição de um indivíduo para que realize com sucesso determinadas exigências/tarefas. Na mesma linha de pensamento Mitchelmore e Rowley (2010) referem que as competências não são tarefas, antes pelo contrário são determinados domínios que os indivíduos possuem ou que lhes é imposto para conseguirem alcançar com êxito os objetivos traçados.

Ao longo da vida os indivíduos podem desenvolver um conjunto de competências, particularmente as que dizem respeito ao empreendedorismo. Neste contexto, entende-se por competências empreendedoras, determinados domínios (e.g. conhecimentos, qualidades pessoais, atitudes, motivações, visão holística) que podem contribuir, de maneiras diferentes, para uma futura intenção ou, até mesmo, para a concretização efetiva de um negócio (Snell & Lau, citado por Zampier & Takahasi, 2011). Ainda sobre este assunto, Man et al. (2002) referem que se trata da capacidade do empreendedor para executar determinadas tarefas com sucesso.

As competências empreendedoras devem ser desenvolvidas nas escolas, de forma a permitir que os alunos tenham sempre presente no seu pensamento a seguinte frase “podes ser o que quiseres!” (McLarty et al., 2010). Sobre este assunto, a Comissão Europeia (2006) nomeou o empreendedorismo como uma nova competência básica que deve estar inserida no currículo dos alunos. Assim, é importante que os professores conheçam as características das competências, de modo a que sejam desenvolvidas oportunidades de aprendizagem (Mitchelmore & Rowley, 2010).

Pina e Ferreira (2014) relacionaram as competências-chave, presentes nos documentos do currículo nacional do ensino básico e secundário⁵, com as competências empreendedoras. Assim, identificaram os seguintes aspetos: autoconfiança/assunção de risco, iniciativa/avaliação/energia, resiliência, planeamento/organização, criatividade/ inovação e relacionamento interpessoal/comunicação.

Relativamente à primeira competência – autoconfiança/assunção de riscos, os autores referem que os alunos devem ser capazes de exercer com confiança as tarefas propostas, sem medo de errar, uma vez que existe confiança nas capacidades que possuem para encontrar soluções para possíveis obstáculos. Para que esta competência seja alcançada é essencial que os professores desenvolvam um ambiente de sala de aula propício à discussão de ideias e à resolução de problemas, incentivando os alunos a confiar nas suas capacidades, para que, desta forma, ultrapassem com sucesso possíveis dificuldades.

⁵ http://www.cfaematosinhos.eu/NPPEB_01_CN.pdf
http://www.geopor.pt/gne/prog/rev_sec_def.pdf

No que diz respeito à segunda competência – iniciativa/avaliação/energia, os autores consideram que os alunos devem ser capazes de encontrar várias soluções para o mesmo problema, agindo de forma proativa e energética no processo de ensino-aprendizagem. Assim sendo, os professores devem possibilitar que os alunos escolham os métodos e as estratégias que considerem pertinentes para a solução de problemas, responsabilizando-os pelo seu processo e consequências.

Em relação à terceira competência – resiliência, os alunos devem ser capazes de agir corretamente quando confrontados com opiniões divergentes ou quando as suas expectativas não vão ao encontro dos objetivos pretendidos. Para que esta situação aconteça, é fundamental que os professores desenvolvam situações de aprendizagem geradoras de contrariedades e cenários que envolvam problemas, para que os alunos implementem várias estratégias de análise para lidar com situações frustrantes.

Ainda sobre as competências, a quarta refere-se ao planeamento/organização. Tendo em conta os mesmos autores os alunos devem ser capazes de planear eficazmente e coerentemente as suas próprias ações ou a dos outros, estabelecendo prioridades, recursos e tempos adequados para o efeito. Desta forma, os professores devem proporcionar atividades que impliquem o desenvolvimento de planos de trabalho, nomeadamente a definição de prioridades mediante a implementação de um determinado projeto.

Relativamente à quinta competência – criatividade/inação, os alunos devem ser capazes possuir uma mente aberta para a resolução de problemas, independentemente dos obstáculos que encontrem. Perante este aspeto, os professores devem desenvolver atividades que estimulem a criação de novas ideias e de soluções inovadoras.

Por último, a sexta competência – relacionamento interpessoal/comunicação, os alunos devem ser sociáveis, isto é, devem ser capazes de trabalhar em equipa, de forma a que todos, de maneiras diferentes, possam contribuir para a concretização dos objetivos. Assim sendo, os professores devem proporcionar atividades em que seja necessário o trabalho em grupo, como por exemplo um determinado objetivo só será concretizado se todos os intervenientes participarem nele.

Por tudo isto, conclui-se que os professores são os principais agentes de mudança, no que diz respeito à implementação da EE. Contudo, é importante que os professores compreendam os seus objetivos, os seus métodos e os seus conteúdos (Benesova, 2015). De acordo com a mesma autora os conhecimentos, as competências e as experiências dos professores constituem o pilar sobre o qual é possível construir, significativamente, uma educação baseada no empreendedorismo. Para além deste aspeto, a capacidade reflexiva do

professor sobre a prática pedagógica, também é uma condição fundamental para uma educação eficaz no campo no empreendedorismo (Lazarova, 2005, citado por Benesova, 2015).

Perante as competências que os alunos devem possuir para alcançarem o empreendedorismo, analisou-se o perfil do professor de Ciências Económicas e Sociais, definido pelo Decreto-Lei n.º 240/2001, de 30 de agosto, de modo a confrontar as suas ações com as competências que vão permitir aos alunos desenvolver determinadas tarefas, particularmente no âmbito do empreendedorismo. Neste contexto, observou-se que a maioria das competências que lhe dizem respeito estão direcionadas para que se proporcione a educação para o empreendedorismo, particularmente as seguintes:

“desenvolver a utilização rigorosa de conceitos científicos na análise da realidade a diferentes níveis; desenvolver a capacidade de pesquisar informações em diferentes fontes, nomeadamente com a utilização das novas tecnologias da informação; desenvolver hábitos e métodos de estudo e de competências no domínio do aprender a aprender; desenvolver a capacidade de elaborar projetos de trabalho, realizá-los e avaliá-los; desenvolver o espírito crítico, criativo e de abertura à inovação; desenvolver a capacidade de discutir ideias, de as fundamentar corretamente e de atender às ideias dos outros”.

A Direção-Geral da Educação (2013) reforça no documento Educação para a Cidadania – Linhas Orientadoras, as competências que devem ser desenvolvidas nos alunos através do apoio dos professores. Assim sendo, é referido que:

“A Educação para o Empreendedorismo visa promover a aquisição de conhecimentos, capacidades e atitudes que incentivem e proporcionem o desenvolvimento de ideias, de iniciativas e de projetos, no sentido de criar, inovar ou proceder a mudanças na área de atuação de cada um perante os desafios que a sociedade coloca” (p.5).

O desenvolvimento deste conjunto de competências pressupõe que todo currículo nacional atue em convergência, integrando nas disciplinas o pensamento crítico e criativo, virado para a mudança, para a resolução de problemas e para a literacia (Pereira, 2007). Sobre este aspeto Králová (2007, citado por Benesova, 2015) refere que é necessário que haja uma mudança na organização do trabalho dos professores e no currículo dos alunos. Assim sendo, é importante implementar estratégias de ensino que estimulem o aluno para o processo de ensino aprendizagem. O relatório do Centro Comum de Investigação da Comissão Europeia (2015) identifica os seguintes métodos de ensino: aprendizagem baseada em aprender a fazer, aprendizagem baseada em desafios, aprendizagem baseada na curiosidade e aprendizagem baseada no ensino aberto.

Segundo o relatório, referido anteriormente, a aprendizagem baseada no princípio aprender a fazer permite centrar todo o processo de ensino no aluno, particularmente na realização de atividades baseadas na resolução de problemas. Neste âmbito, o aluno ao

encontrar soluções para um determinado dilema está a desenvolver competências, como por exemplo as relacionadas com a criatividade e com a gestão de erros. Para Delors (1996) este tipo de metodologia de ensino prepara o aluno para enfrentar diversas situações e facilita o trabalho em equipa. Estes aspetos fazem com que o aluno enriqueça os seus conhecimentos, ligando a teoria à prática, assim, existe a possibilidade de compreender, melhor, possíveis oportunidades de negócio. Para Bobot (2007) este tipo de aprendizagem permite que os alunos compreendam melhor o significado das teorias lecionadas em sala de aula, dado serem os principais atores do processo de ensino-aprendizagem.

A aprendizagem baseada em desafios surge como uma complementaridade à metodologia aprender a fazer, uma vez que, também, visa incentivar o aluno a resolver problemas que surjam no contexto social em que se insere. Desta forma, a ligação com o exterior desempenha um papel importante no ensino do empreendedorismo, segundo o relatório referido anteriormente. Os estudos de caso, os debates e a discussão são alguns exemplos que permitem ao professor trazer para a sala de aula aspetos relacionados com o mundo exterior.

A aprendizagem baseada na curiosidade é uma forma de desenvolver a criatividade dos alunos, especialmente na geração de novas ideias. Esta metodologia de ensino é muitas vezes aplicada em combinação com as Tecnologias da Informação e Comunicação (relatório do Centro Comum de Investigação da Comissão Europeia, 2015). De acordo com Taylor e Outram (2015) esta metodologia de ensino assenta em quatro características básicas: os alunos interessam-se por um determinado conteúdo programático com base nos seus próprios interesses, professores e alunos partilham novos conhecimentos a partir da pesquisa de várias fontes de informação, o professor incentiva sistematicamente os alunos a pesquisar novas informações sobre determinado assunto e os alunos avaliam as suas aprendizagens a partir da obtenção de *feedback*. A figura 3 faz a distinção do ensino baseado no método tradicional com o ensino baseado na curiosidade.

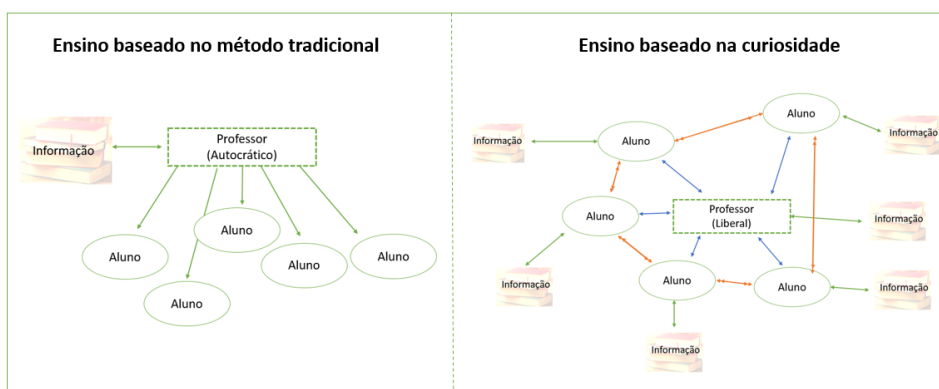


Figura 3 – Ensino baseado no método tradicional versus Ensino baseado na curiosidade. Fonte: Taylor e Outram (2015). Curiosity-based Learning and interdisciplinary. The Higher Education Academy (adaptado).

Por último, a aprendizagem baseada no ensino aberto é centrada totalmente no aluno, sendo praticada na maioria das escolas profissionais austríacas (Helm, 2014). Segundo este autor, este tipo de aprendizagem assenta nos seguintes princípios: os alunos decidem, de forma independente, onde, quando e como querem estudar; na sala de aula o professor acompanha as aprendizagens individuais de cada aluno, em vez de ensinar toda a turma; os professores formam equipas de acordo com os diferentes níveis de conhecimentos dos alunos; os professores e os alunos são apoiados por uma plataforma *e-learning*⁶, para fornecer, por exemplo, *feedback* aos alunos sobre a evolução das suas aprendizagens; o professor proporciona discussões diárias com os alunos, de modo a serem esclarecidas possíveis preocupações e problemas; a escola é aberta à participação dos pais, particularmente no debate de questões escolares e processos de aprendizagem dos seus educandos.

Concomitantemente, todos os métodos de ensino que foram referidos anteriormente, devem permitir que o aluno desenvolva o espírito de iniciativa e o espírito empresarial. O documento sobre as competências essenciais para a aprendizagem ao longo da vida: quadro de referência europeu publicado pelo Parlamento Europeu e do Conselho (2006, p. 11) identifica o espírito de iniciativa e empresarial como:

“a capacidade de os indivíduos passarem das ideias aos atos. Compreendem a criatividade, a inovação e a assunção de riscos, bem como, a capacidade de planear e gerir projetos para alcançar objetivos. Esta competência é útil aos indivíduos, não só na vida de todos os dias, em cada e na sociedade, mas também no local de trabalho, porque os torna conscientes do contexto do seu trabalho e capazes de aproveitar as oportunidades, e serve de base à aquisição de outras aptidões e conhecimentos mais específicos de que necessitam os que estabelecem uma atividade social ou comercial ou para ela contribuem”.

O Relatório final do Grupo de Trabalho Temático para a Educação para o Empreendedorismo (2014, pp. 3-6), identifica que a integração eficaz destas competências nos alunos depende de vários fatores, particularmente do envolvimento de *stakeholders* (e.g. divulgar os vários benefícios da participação em atividades empreendedoras), currículos e métodos de ensino empreendedores (e.g. enquadrar nos currículos dos vários níveis de ensino métodos de ensino e de avaliação inovadores, demonstrar os impactos que a educação para o empreendedorismo desenvolve na sociedade e incentivar o uso das Tecnologias de Informação e Comunicação), resultados de aprendizagem e avaliação empreendedores (e.g. definir linhas de orientação para avaliar as aprendizagens inovadoras e desenvolver um documento referencial com as várias competências empreendedoras de alcance europeu), apoio a professores e dirigentes educativos (e.g. integrar a formação de educação para o empreendedorismo nos programas de formação inicial de professores, estabelecer parcerias no

⁶ modalidade de aprendizagem interativa e à distância suportada pelo uso das novas tecnologias, nomeadamente pelo computador e pela internet in dicionário Infopedia, disponível em <http://www.infopedia.pt>, acedido em maio de 2016.

desenvolvimento de ações de formação para professores no âmbito do empreendedorismo, introduzir programas de liderança em empreendedorismo para gestores e dirigentes de escolas), percursos profissionais para jovens empreendedores (e.g. desenvolver *startups* para os alunos, promover campanhas de sensibilização para a criação de negócios, estabelecer parcerias entre a escola e as entidades locais de forma a desenvolver medidas conjuntas) e avaliação de progresso e impacto (e.g. monitorizar o progresso das aprendizagens empreendedoras através de um quadro de referência europeu).

A segunda parte deste capítulo visa abordar os concursos de empreendedorismo, sendo uma das formas que os alunos podem recorrer para validar as suas ideias e experimentar ambientes empresarias.

PARTE II – CONCURSOS DE EMPREENDEDORISMO

2.1. Conceito e Tipos

É importante definir o termo “concurso” para compreender as suas características. Contudo, não é fácil encontrar uma definição precisa. Dada a dificuldade encontrada, efetuou-se uma pesquisa em vários dicionários de língua portuguesa, nomeadamente no *infopédia*. Deste modo, concurso vem do latim *concursum*⁷ e significa que vários indivíduos com determinadas capacidades competem entre si, sob as mesmas regras e mediante um júri que irá apurar um ou mais vencedores, que por conseguinte recebem uma recompensa. Os concursos podem ocorrer em vários domínios, nomeadamente no âmbito do empreendedorismo.

É a partir de um plano de negócios que os alunos podem levar as suas ideias a um concurso de empreendedorismo, constituindo uma oportunidade de ganharem prémios e de conseguirem apoios financeiros (Russell et al., 2008). Para além destes aspetos, é uma das formas de os alunos saírem da sala de aula e experienciar situações práticas que envolvam o contexto empresarial. Sob este assunto, Saraiva (2015, p. 261) refere que existem muitos concursos de estímulo ao empreendedorismo, fornecendo boas aprendizagens para os alunos, dado que são, maioritariamente, de natureza prática.

Para Bell (2010) o plano de negócios é uma ótima ferramenta de gestão, que permite aos alunos organizarem as suas ideias, sob uma perspetiva geral, para a criação de negócios. Contudo, o mesmo autor sublinha que é essencial os alunos conhecerem pelo menos a área de negócio que pretendem atuar. Em muitas escolas o plano de negócios é um instrumento fundamental para fomentar o espírito empresarial e o desenvolvimento regional (Brinckmann et al., 2010). Sendo uma das abordagens mais comuns para se ensinar o empreendedorismo (Berger & Myhrer, 2012).

Para que se consiga fomentar o espírito empresarial nos alunos é importante a atuação dos professores. Desta forma, o modo como são influenciados para o empreendedorismo varia de acordo com o tipo de concurso que está a ser integrado no processo de ensino-aprendizagem. Jamienson (1984), por exemplo, sugere três categorias: educação sobre a empresa (os alunos ficam mais conscientes sobre a criação da nova empresa); educação para a empresa (a aprendizagem dos alunos é centrada nas atitudes que deverão ter na criação e

⁷ “ação de correr juntamente” in dicionário Infopedia, disponível em <http://www.infopedia.pt>, acedido em maio de 2016.

gestão de novas empresas); educação na empresa (os alunos aprendem a melhorar a gestão das competências para promover a sustentabilidade dos negócios). Estudos mais recentes (Hytti et al., 2004) permitiram identificar outras categorias básicas no ensino do empreendedorismo, particularmente a educação para atitudes e competências empreendedoras, formação dirigida à criação de um negócio e a sensibilização para o empreendedorismo como uma opção de carreira. Seja qual for o tipo de concurso que os alunos participem, Bobot (2007) refere que este não deve ser substituído pelo suporte conceitual e teórico lecionado em sala de aula pelo professor.

De seguida são apresentados alguns exemplos de iniciativas relacionadas com a EE, organizadas por várias instituições no decorrer dos últimos anos, incluindo 2016:

- Gesentrepreneur (www.gesentrepreneur.com): o programa para o ensino secundário e profissional pretende que os alunos tenham um contacto mais imediato com a realidade, aprendendo não só a planear uma ideia de negócio, como também a avaliar a sua exequibilidade. O momento final para este nível de ensino consiste na participação num Concurso de Ideias (e.g. Concurso de Ideias Intermunicipal da Região de Leiria), que poderá decorrer em diferentes fases com o intuito de promover uma competitividade saudável entre os alunos.
- Acredita Portugal (<http://www.acreditaportugal.pt/>): o programa “realize o seu senho” tem como objetivo possibilitar que qualquer pessoa, independentemente da sua idade, nível de formação, experiência profissional ou ideia possa implementar um projeto empreendedor. Este projeto poderá ser apresentado em três categorias: comércio e serviços, indústria e empreendedorismo social.
- Junior Achievement Portugal (<http://www.japortugal.org/>): o programa JA Portugal pretende assegurar o desenvolvimento contínuo de competências empreendedoras, de preparação para o mercado de trabalho e de literacia financeira. Assim, este programa visa promover o espírito empreendedor, ensinando as competências práticas do dia-a-dia necessárias para gerir um negócio longo e viável; fornecer formação real em gestão do orçamento, gastos, investimento e uso responsável do crédito; facultar oportunidades de desenvolvimento de competências que permitem aos jovens encontrar carreiras de sucesso.
- Inova Portugal (<http://www.inovaportugal.com/>): o programa Inovação Portugal visa sensibilizar, preparar e dotar indivíduos de competências específicas no âmbito do empreendedorismo. No portal do Inova Portugal poderá encontrar-se um centro de

recursos, nomeadamente ferramentas de apoio à iniciativa empresarial, notícias de relevo para empresário e potenciais, artigos sobre *startups* inovadoras, rubricas com o perfil de jovens empreendedores.

- DreamShaper (www.dreamshaper.com/): este programa é uma aplicação interativa e pedagógica de apoio ao desenvolvimento de novas ideias. Esta plataforma permite utilizar metodologias recentes, usar um guia pedagógico que vai orientar e validar a ideia de negócio, construir um plano de negócios e apresenta-lo a investidores, gerar apresentações em PowerPoint automáticas, assim como várias análises financeiras úteis para o negócio.
- Lusídeias (www.lusideias.pt/): o Lusídeias visa incentivar os portugueses de todo o mundo a partilharem as suas ideias, criações ou projetos no âmbito das aplicações móveis. A comunidade Lusídeias ajuda a melhorar os projetos através de sugestões de melhoria. Cada sugestão vale créditos que vão permitir ao indivíduo trocar por produtos disponíveis na Loja Lusídeias, nomeadamente marcação de startups ou conversas via Skype com mentores privilegiados no mundo empresarial.
- PNEE – Projeto Nacional de Educação para o empreendedorismo (www.dgide.min-edu.pt/): o programa PNEE pretende promover ações empreendedoras na escola, especialmente projetos de investigação e de intervenção, que podem contribuir para o surgimento de produto/serviços inovadores.

A participação em qualquer um destes concursos desenvolve um conjunto de competências nos alunos que podem ser positivas ou negativas. A próxima seção tem como objetivo estudar este tema.

2.2. A Influência dos Concursos de Empreendedorismo no Desenvolvimento de Competências

Os concursos de empreendedorismo constituem uma das metodologias de ensino-aprendizagem para desenvolver competências empreendedoras nos alunos. Contudo, podem existir exceções e os alunos não as desenvolverem.

Roma (2014) recorreu a várias investigações (e.g. Lundstrom & Stevenson, 2005; Berger & Myhrer, 2012; Lange et al., 2007; Thompson, 2009; Carvalho, 1997; Kirkwood, 2009) para mostrar a influência positiva que os concursos de empreendedorismo

desenvolveram nos alunos, sendo destacados os seguintes: *mentoring*, *networking*, financiamento, capital humano e motivação.

Segundo Mitrano-Média e Véran (2014) o *mentoring*, como prática de apoio ao empreendedorismo, define-se como um procedimento de transmissão de conhecimentos relacionados com a criação de negócios entre o mentor e o aluno.

A figura 4 mostra os resultados de um estudo realizado por St-Jean (2009) sobre os benefícios resultantes da relação de orientação empresarial entre o aluno e o mentor. Desta forma, os participantes são os alunos com disponibilidade para aprender e o mentor, que com a sua experiência e disponibilidade lhes vai transmitir os conhecimentos iniciais para se criar um negócio. Ambos vão estabelecer uma relação de confiança que vai contribuir para o estabelecimento de uma rede social, de aprendizagem mútua e de satisfação para o aluno, levando ao empreendedorismo.

O mentor na maioria dos casos está associado a um concurso de empreendedorismo, sendo responsável pelo acompanhamento dos alunos, com a ressalva que deve existir um ou mais professores responsáveis por todo este processo. Deste modo, é fundamental, que os professores dominem os conceitos relativos ao empreendedorismo, mesmo que não sejam da área da gestão (Imaginário et al., 2014). Segundo os mesmos autores, é importante, por um lado, que o mentor, que coordena a implementação do concurso de empreendedorismo, seja auxiliando permanentemente por um professor e, por outro lado, que a escola disponibilize alguns tempos letivos e espaços próprios para o desenvolvimento deste tipo de atividades.

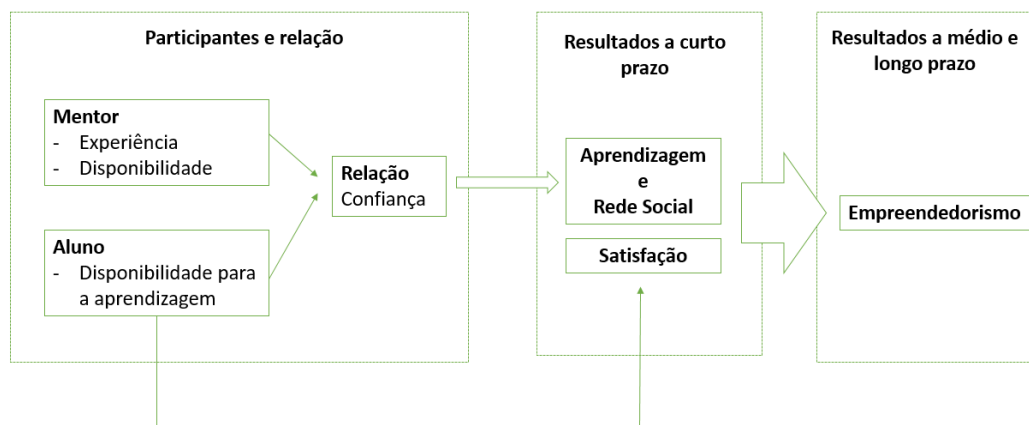


Figura 4 - Modelo Conceptual do mentoring como prática de apoio ao empreendedorismo. Fonte: St-Jean (2009) *Retombées et facteurs de succès d'une relation de mentorat d'entrepreneur novice selon la perspective du mentoré. Thèse de doctorat. Université Laval: França (adaptado).*

O indivíduo é o produto da sociedade em que vive e as oportunidades são influenciadas pela sua interação social e pelos conhecimentos que possui (Anderson & Miller, 2003). Assim,

o empreendedorismo pode acontecer através de redes de contatos, denominadas por *networking*. Estas redes são definidas como uma relação (laço) específica que liga um conjunto de indivíduos, objetos ou eventos (Knoke & Kuklinski, 1996).

No campo do empreendedorismo o *networking* é uma poderosa ferramenta para a partilha dinâmica de ideias e informações entre especialistas na criação de empresas e futuros empreendedores (Hills et al., 1997). Neste contexto, os laços que os alunos estabelecem com empreendedores podem constituir a base para espoletar ideias, que poderão se tornar no futuro oportunidades de negócio. Existem várias redes que os alunos podem recorrer para partilharem ideias e informações, como por exemplo no programa Lusídeias (apresentado na secção anterior).

A figura 5 mostra de forma simplificada o modo de funcionamento do *networking* como prática de apoio ao empreendedorismo:



Figura 5 – *Networking* como prática de apoio ao empreendedorismo. Fonte: Elaboração própria.

A participação dos alunos em concursos de empreendedorismo permite-lhes, ainda, conhecer diferentes formas de financiamento para avançarem com as suas ideias de negócio, desenvolvendo, assim, competências relacionadas com a literacia financeira. É importante que os alunos conheçam a importância de tomarem decisões informadas e criteriosas com base na gestão das suas finanças pessoais (Pina & Ferreira, 2014). Segundo os mesmos autores, indivíduos informados apresentam uma maior capacidade para compreender o que lhes é transmitido pelas instituições de crédito.

Para Lopes (2013) para que os alunos desenvolvam a atitude empreendedora é importante a existência da educação financeira, dado que lhes fornece conceitos de literacia financeira associados à criação de negócios. Segundo as orientações dadas pelo Ministério de Educação é importante que os alunos saibam construir um plano financeiro, identificando rendimento e despesas, controlar os custos de um projeto, tomar decisões tendo em conta que o rendimento é limitado, ler e interpretar demonstrações financeiras e estimar um orçamento para um novo projeto. Estes aspetos farão com que o aluno tenha uma visão holística e crítica face ao negócio que pretende desenvolver.

Para Sullivan e Sheffin (2003) o capital humano refere-se ao conjunto de conhecimentos e competências que os indivíduos possuem para realizar com sucesso uma determinada tarefa, acrescentando-lhe valor. Contudo, para Marteleto e Silva (2004) não basta possuir, apenas, conhecimentos, mas também características pessoais que façam aumentar a possibilidade de criar algo com êxito.

Quanto maior for o conhecimento maior será o entendimento sobre a exploração de oportunidades de sucesso (Fontelene et al., 2011). De acordo com o mesmo autor, o capital humano não se adquire, somente, através da simples transmissão de conhecimentos teóricos, mas também a partir de experiências práticas de aprendizagem, que ocorram em ambientes empresariais. Desta forma, pode-se afirmar que os concursos de empreendedorismo podem constituir uma das estratégias para fomentar o interesse e os conhecimentos dos alunos para a criação de negócios.

Na mesma linha de pensamento, Drucker (2002) refere que quanto maior for o conhecimento, maior é a vantagem competitiva, dado que estimula mais rapidamente a identificação de problemas, que no futuro se poderão tornar oportunidades de negócio.

Por tudo isto, o capital humano consiste numa alavanca para que seja desenvolvido o empreendedorismo (figura 6).

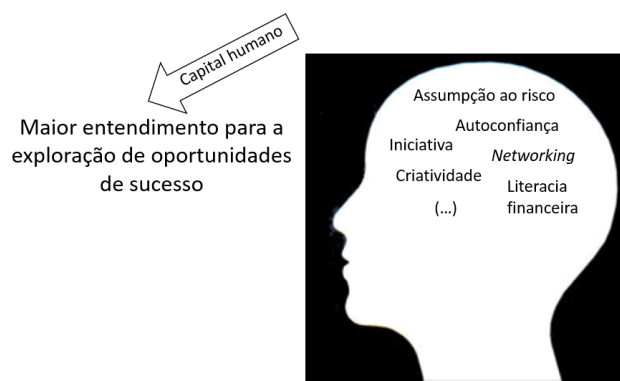


Figura 6 – A relação do capital humano com o empreendedorismo. Fonte: Elaboração própria.

A participação em concursos de empreendedorismo pode provocar diferentes desejos nos alunos. Sobre este aspeto, Pinho e Gaspar (2012) referem que o desejo dos alunos em querer ser o seu próprio patrão, de concretizarem as suas ideias, ou simplesmente de fugirem ao desemprego após terminarem o curso, podem constituir motivações intrínsecas, fundamentais, para o desenvolvimento de competências empreendedoras.

Estes autores realizaram um estudo sobre as intenções empreendedoras dos alunos do ensino superior e verificaram que o “desejo de ser patrão de si próprio”, “desenvolvimento profissional”, “independência profissional”, “realizar um sonho” e “ganhar muito dinheiro”, foram algumas das motivações mais referidas para o empreendedorismo.

Contrariamente, existem aspetos negativos resultantes da participação dos alunos em concursos de empreendedorismo. Neste contexto, o estudo realizado por Oosterbeek et al. (2010) mostrou que a participação dos alunos num determinado concurso de empreendedorismo teve, em grande parte, uma influência negativa. Este aspeto ficou a dever-se, essencialmente, ao facto de os alunos passarem a ter uma visão mais realista do que é efetivamente necessário para se criar um negócio. Assim sendo, houve uma perda de otimismo, provocando o desinteresse pelo empreendedorismo. Alternativamente, houve alunos que não gostaram, simplesmente, do concurso, que se sentiram desmotivados pelo facto de a participação ser obrigatória, que sentiram que o tempo e o esforço despendido no concurso não foram proveitosos. Para além destes aspetos, o grande número de participantes, pode levar a um menor envolvimento dos alunos, levando alguns deles a desistir.

Dado o campo de intervenção, deste trabalho, se situar no ensino profissional, a próxima secção pretende compreender as características que lhe dizem respeito.

PARTE III – ENSINO PROFISSIONAL

Um estudo realizado por Ribeiro (2014) sobre o ensino profissional de nível secundário em Portugal mostrou que este tipo de ensino foi uma proposta do Ministro de Educação Roberto Carneiro, em 1988, sendo um instrumento fundamental para a preparação dos jovens para a inserção no mercado de trabalho e de modernização tecnológica do país. Em 1989 viria, então, a ser implementado, com a criação dos cursos tecnológicos no ensino secundário (Azevedo, 2006). Para Antunes (2005) esta medida política educativa constituiu uma inovação, quer na forma como o Estado atuou, quer nos currículos de aprendizagem dos alunos.

Com o aparecimento do ensino profissional o quadro da oferta educativa ficou completo, mantendo-se ainda hoje em vigor. Assim, após os nove anos de escolaridade básica (três ciclos de 4+2+3 anos) surge o ensino secundário com cursos gerais e profissionais (Azevedo, 2014).

Este tipo de ensino é definido como uma instrução desenhada para permitir aos alunos o desenvolvimento de capacidades, conhecimentos e compreensão necessários ao exercício de uma profissão ou de um conjunto de profissões, envolvendo a combinação da formação em contexto de trabalho e a formação em contexto escolar (CEDEFOP, 2012). Da mesma forma, é definido pela Lei de Bases do Sistema Educativo (2005), denominada pela sigla LBSE, ao ser referido que a formação profissional visa uma integração dinâmica no mundo do trabalho pela aquisição de conhecimentos e de competências profissionais necessárias às necessidades nacionais.

Este tipo de ensino diferencia-se do ensino regular (cursos científico-humanísticos) pelo seu carácter maioritariamente vocacionado para a vida profissional, enquanto que o ensino regular, segundo a LBSE (2005) procura assegurar o desenvolvimento do raciocínio, da reflexão e da curiosidade científica e técnica, constituindo o suporte cognitivo e metodológico apropriado para o eventual prosseguimento de estudos.

Contudo, os alunos que seguem o ensino profissional, também, podem prosseguir os estudos a nível superior para um enriquecimento pessoal mais gratificante (Santos, 2012).

O ensino profissional assenta em seis princípios básicos: desenvolvimento pessoal e social no âmbito de uma qualificação profissional, foco no sucesso das aprendizagens dado o sistema de ensino se realizar por módulos, integração de saberes que permitem a preparar os alunos para a vida, formação de redes de cooperação entre a escola e parceiros (e.g. entidades

de estágio), perspectiva de evolução do ensino profissional e uma conjugação de saberes, isto é gerais e profissionais (Azevedo, 2006).

O número de alunos matriculados no ensino profissional tem vindo a aumentar, como mostra o gráfico 1, o que não acontece com o ensino regular, que tem vindo a decrescer.

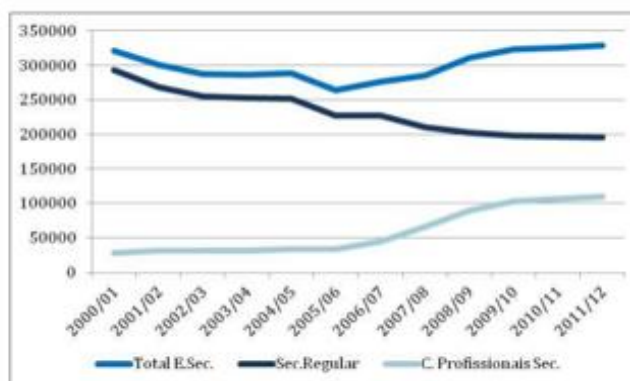


Gráfico 1 - Evolução do número de jovens matriculados no ensino secundário e nos cursos profissionais de nível secundário, público e privado, no Continente, 2000-2012. Fonte: Conselho Nacional de Educação (2014).

Segundo a Agência Nacional para a Qualificação e o Ensino Profissional⁸ existem 39 áreas de formação, como por exemplo gestão e administração, serviços de saúde, *marketing* e publicidade, que os alunos podem escolher, com vista a desenvolverem competências para o exercício de uma profissão.

O Ministério da Educação elegeu as seguintes vantagens para o ensino profissional: aprender uma profissão e entrar no mercado de trabalho (este ensino oferece uma forte componente de disciplinas técnicas, para além dos estágios em contexto laboral); possibilidade de prosseguir os estudos para o nível superior (este tipo de ensino permite que os alunos encontrem na faculdade métodos de trabalho já desenvolvidos em cursos do ensino profissionais); compreender desde cedo as normas e os valores das organizações onde posteriormente poderão trabalhar (através da realização de um estágio os alunos podem adquirir experiência, aplicar conhecimentos, desenvolver relações interpessoais e compreender o modo de funcionamento de uma organização); protocolos de colaboração com diversos organismos (dado se tratar de um ensino prático existe a possibilidade de estabelecer protocolos com diversos organismos locais, de modo a trazer para a sala de aula, aspetos concretos e reais); melhor aproveitamento escolar; maior taxa de inserção profissional (os alunos que seguem o ensino profissional conseguem encontrar mais facilmente emprego do que os alunos do ensino regular) (Santos, 2012, pp.9-10).

⁸ <http://www.anqep.gov.pt/>

O estudo realizado por Martins et al. (2005) analisou uma alteração no que diz respeito às pretensões dos alunos após terminarem o curso profissional. Assim, em 1989 os alunos inquiridos tinham como interesse arranjar emprego, imediatamente, após a conclusão do curso, situação contrária ao que se verificou em 2004 em que a maioria dos alunos inquiridos tinha como interesse o prosseguimento de estudos. Verificou-se que o ensino profissional não se destina apenas aos alunos que queiram entrar logo no mercado de trabalho, mas também para aqueles que queiram seguir para o ensino superior.

Apresentado o enquadramento teórico, segue-se o Capítulo 2, que tem como objetivo explicitar o problema que deu origem a este trabalho, bem como a metodologia que se recorrer para a sua realização.

CAPÍTULO 2 – PROBLEMÁTICA E MÉTODO DE INVESTIGAÇÃO

Este capítulo visa apresentar o propósito deste estudo, bem como a metodologia utilizada no desenvolvimento do mesmo. Na primeira parte expõe-se o enquadramento do problema, nomeadamente a justificação e o propósito do tema (1.1.) e as questões de investigação (1.2.). Na segunda parte é caracterizado o enquadramento metodológico, particularmente a abordagem de investigação (2.1.) e as técnicas de recolha e análise de dados (2.2.).

PARTE I – ENQUADRAMENTO DO PROBLEMA

1.1. Justificação e Propósito

A justificação para esta intervenção decorre da perceção de que os alunos após a conclusão do ciclo de estudos não apresentam valores empreendedores, limitando-se a seguir o que já está definido e implementado pela sociedade onde estão inseridos, que, na maior parte dos casos, prende-se com o facto de procurarem emprego em mercados de trabalho já existentes. Torna-se cada vez mais importante estudar este tema, dadas as elevadas taxas de desemprego em Portugal, sobretudo nos níveis de escolaridade mais baixos (Teixeira, 2012). Sob o mesmo ponto de vista, Sarkar (2007) refere que a promoção do empreendedorismo é uma das soluções para combater o desemprego. Por este motivo, pode ser considerada uma característica fulcral na sociedade atual, revelando-se impulsionadora do emprego e do crescimento económico (Redford, 2007).

O propósito desta intervenção surgiu no decorrer do 3.º semestre no âmbito da prática de ensino supervisionada, onde foi realizado um estudo exploratório para identificar um problema que viria a ser objeto de estudo do presente trabalho. Os resultados confirmaram a perceção anteriormente referida, ou seja, a maioria dos alunos consideraram que não sabem ou não querem seguir o caminho do empreendedorismo.

Para além de se ter observado que se tratava de uma turma com um reduzido perfil para o empreendedorismo, constatou-se que eram pouco participativos e empenhados no processo de ensino-aprendizagem.

Estes dois aspetos levaram a que fossem identificadas as questões de investigação que se encontram na seção seguinte.

1.2. Questões de Investigação

Enquadrando-se este relatório numa linha de investigação em educação, as questões que foram alvo de investigação foram apresentadas da seguinte forma:

- a) Como é que os concursos de empreendedorismo influenciam o desenvolvimento de competências (empreendedoras) nos alunos do ensino profissional?

- b) Como é que as competências adquiridas em concursos de empreendedorismo influenciam positivamente ou negativamente as intenções dos alunos para a criação de negócios?
- c) Como é que os concursos de empreendedorismo influenciam o desenvolvimento de competências (ao nível das atitudes) nos alunos do ensino profissional?

A partir destas questões formulou-se o objetivo central deste estudo, que consiste em compreender a influência dos concursos de empreendedorismo no desenvolvimento de competências (empreendedoras e ao nível das atitudes) nos alunos do ensino profissional. Assim, definiram-se quatro objetivos específicos, sendo eles os seguintes:

- a) Descrever a influência dos concursos de empreendedorismo no desenvolvimento de competências nos alunos do ensino profissional para a criação de negócios.
- b) Identificar os aspetos positivos e negativos resultantes da participação no concurso de empreendedorismo.
- c) Verificar se a participação dos alunos em concursos de empreendedorismo incrementa o envolvimento dos alunos no processo de ensino-aprendizagem.
- d) Identificar as competências empreendedoras dos alunos do ensino profissional após a participação no concurso.

A próxima seção pretende apresentar a metodologia que se seguiu para responder aos objetivos deste estudo.

PARTE II – ENQUADRAMENTO METODOLÓGICO

2.1. Abordagem de Investigação

O estudo de caso de natureza mista (qualitativa e quantitativa) foi a abordagem seguida nesta investigação. De acordo com Yin (2003), o objetivo desta abordagem é explorar, descrever ou explicar um determinado fenómeno. Neste caso, assumiu-se um carácter meramente descritivo e fenomenológico (interpretativo). De acordo com o mesmo autor, os investigadores que recorrem ao estudo de caso procuram indagar sobre o “como” e o “porquê”. Sobre este aspeto, Amado e Freire (citado por Amado, 2014) referem que a identificação de um problema é o primeiro passo que se deve ter em conta para construir as questões de investigação.

Merriam (2002) salienta que os estudos descritivos procuram fornecer informações pormenorizadas de um determinado fenómeno, enquanto que os estudos interpretativos procuram compreender as evidências recolhidas, desafiando teorias já estabelecidas. Apesar do estudo de caso poder ter uma abordagem mista, a qualitativa é fulcral neste tipo de investigação (Stenhouse, 1994), tendo como traço geral um carácter essencialmente descritivo (Amado & Freire, citado por Amado, 2014). Segundo o mesmo autor, a descrição é fundamental para a teorização, podendo o relatório de um determinado estudo apresentar um carácter reflexivo com uma forte presença da voz do investigador.

Para que se consiga chegar a resultados mais detalhados é importante recorrer a técnicas quantitativas em complemento das técnicas qualitativas (Amado & Freire citado por Amado, 2014). A diferença entre estes dois tipos de investigação assenta, essencialmente, ao nível da participação do investigador e na apresentação dos dados. Na investigação quantitativa o investigador não participa diretamente na recolha de dados (p.e. na turma ou na escola), sendo estes expressos em números (Hill & Hill, 2012). Contrariamente, na investigação qualitativa o investigador recolhe os dados diretamente no terreno, sendo eles expressos em palavras ou imagens e não em números (Bogdan & Biklen, 1994). Concomitantemente, existiu uma triangulação de dados metodológicos.

Este tipo de triangulação possibilita usar vários métodos para estudar determinado fenómeno. O que permite na opinião de Bartelett et al. (2001) uma grande credibilidade científica, ou seja, a cristalização de dados, como acrescenta Gall et al. (2007).

Tendo em conta a abordagem e as questões de investigação anteriormente apresentadas, construiu-se o modelo de análise que consta na figura 7.

De seguida são apresentadas as técnicas de recolha e análise de dados.

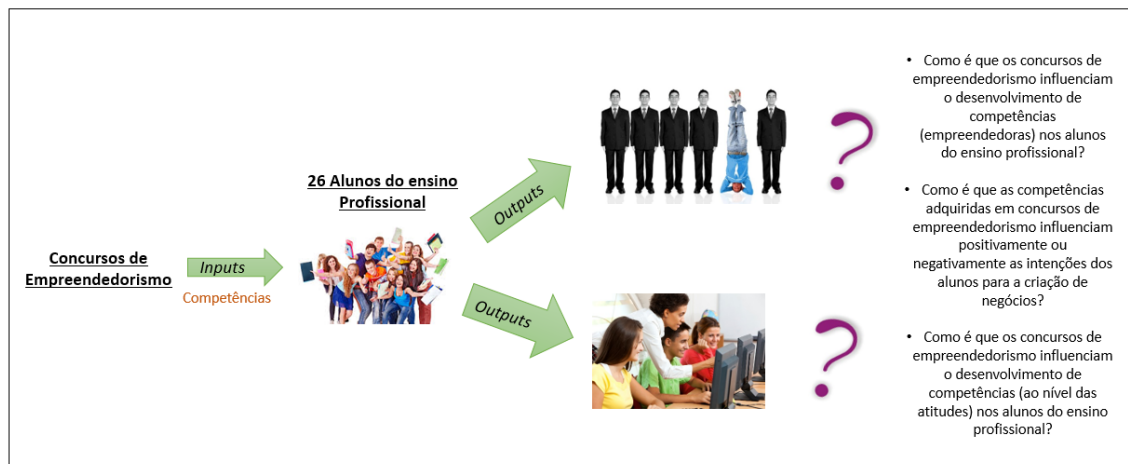


Figura 7 - Modelo de Análise de Investigação: Concursos de empreendedorismo e sua influência no desenvolvimento de competências nos alunos. Fonte: Elaboração Própria.

2.2. Técnicas de Recolha e de Análise de Dados

2.2.1. Técnicas de Recolha de Dados

No processo de recolha de evidências foram utilizadas várias técnicas típicas do estudo de caso, nomeadamente informação documental, diário de campo, e inquéritos, particularmente entrevistas e questionários.

A entrevista é um dos mais poderosos meios para se obter informações sobre um determinado fenómeno (Amado & Ferreira, citado por Amado, 2014). Existem vários tipos de entrevista, contudo, dado os objetivos da intervenção, optou-se pela semiestruturada. Para Bogdan e Bilken (1994) este tipo de entrevista é considerado como uma das principais técnicas de investigação qualitativa. Uma das razões é o facto de não existir uma imposição rígida de questões, o que permite ao entrevistador conduzir a entrevista, tendo em conta o guião previamente preparado.

A entrevista semiestruturada foi conduzida a partir do guião apresentado no apêndice A, tendo sido realizada a 6 alunos do último ano de escolaridade do Curso Profissional de

Técnico de Gestão, dos quais 3 submeteram o projeto no concurso de Ideias Intermunicipal. Este guião foi estruturado em 5 partes.

Na primeira parte constavam os elementos de preparação da entrevista, nomeadamente o objetivo. Sendo este, compreender como é que a participação dos alunos no concurso influenciou o desenvolvimento de competências (ao nível das atitudes) no processo de ensino-aprendizagem na disciplina de Gestão. A segunda parte consistiu em 2 questões introdutórias, visando conhecer o entrevistado. Na terceira parte, foram colocadas 4 questões sobre a disciplina de Gestão, com o intuito de conhecer a perceção dos alunos sobre a disciplina. A quarta parte incidiu em 8 questões sobre a participação no concurso, com o propósito de conhecer a perceção dos alunos sobre a participação no concurso de ideias e a sua influência no processo de ensino-aprendizagem na disciplina de Gestão. Por último, a quinta parte, consistiu na validação da entrevista, particularmente na recolha de sugestões dos entrevistados.

No decorrer das entrevistas teve-se em conta as linhas de orientação sugeridas por Bogdan e Biklen (1994). Sobretudo tentou-se construir uma relação de confiança entre o entrevistador e o entrevistado, com o intuito de pôr este último à vontade; o início da conversa foi informal; informou-se o entrevistado sobre os objetivos do estudo, assim como da confidencialidade e anonimato da entrevista; e finalmente o pedido de autorização para que a entrevista fosse gravada. Sobre este último aspeto, todos os entrevistados aceitaram que a entrevista fosse objeto de gravação. A duração das entrevistas foi de 57 minutos e 46 segundos.

Para além das entrevistas, foram aplicados dois questionários: questionário sobre o concurso de Ideias Intermunicipal (Apêndice B) e questionário sobre as competências empreendedoras dos alunos (Anexo A).

Segundo Hill e Hill (2012) existem três tipos de questionários: aberto (a pessoa responde com as suas próprias palavras), fechado (o respondente escolhe entre as respostas alternativas fornecidas pelo autor do questionário) e misto (perguntas abertas e fechadas).

O questionário sobre o concurso de Ideias Intermunicipal teve uma abordagem mista, isto é, três perguntas fechadas e três perguntas abertas. As questões foram elaboradas de modo a compreender as razões de os alunos não terem submetido a candidatura, os aspetos positivos e negativos que resultaram da participação no concurso e a sua influência no processo de ensino-aprendizagem. Na elaboração do questionário houve uma reflexão sobre o texto das questões, a ordem pelo qual as questões foram colocadas, a coerência no conteúdo das questões, a variedade na forma das questões e a duração aceitável de um questionário (inferior a 45 minutos) (Hill & Hill, 2012).

O questionário sobre as competências empreendedoras dos alunos foi disponibilizado pelo Ministério da Educação e Ciência⁹ no âmbito da Educação para o Empreendedorismo. Este questionário incidiu maioritariamente em perguntas fechadas, apresentado quatro conjuntos de questões: 22 questões sobre as características dos alunos, 18 questões sobre o aluno e a Escola e 12 questões sobre a futura carreira do aluno.

Antes da recolha dos dados dos inquiridos foi feito um pedido de autorização ao Diretor da Escola (Apêndice C) e aos Encarregados de Educação (Apêndice D). Este pedido foi autorizado por ambos.

O diário de campo foi outra técnica utilizada no decorrer do estudo de caso. Bolívar et al. (2001) definem-no como sendo um registo diário reflexivo de experiências e de observações ao longo de um determinado período de tempo. Para Amado e Ferreira (citado por Amado, 2014) constitui uma forma de refletir e, sobretudo, de aprender, sendo assim considerado de grande importância no âmbito da educação.

Os diários de professores permitem refletir sobre o que aconteceu na aula, particularmente sentimentos, preocupações, afetos, frustrações, gestão da sala de aula, o que se fez e o comportamento dos alunos (Bolívar et al., 2001). Da mesma opinião é Zabalza (1994) ao salientar que é através da redação do diário que é possível explorar o pensamento do professor, bem como os problemas que enfrenta profissionalmente.

Os professores podem concentrar a redação do diário de campo em três dimensões: 1) o ensino (o que se faz e porquê); 2) os alunos (o que fazem e como se comportam); 3) interação entre colegas e processo de desenvolvimento profissional (Ramos & Gonçalves, citado por Alarcão, 1996). Em cada uma delas fez-se uma descrição densa das evidências, de modo a se proceder à triangulação de inferências (Zabalza, 1994).

Por último, recolheram-se informações com base em documentos disponibilizados pela Escola (registos biográficos dos alunos) e pelo concurso de Ideias Intermunicipal (normas de participação).

⁹ <http://www.dge.mec.pt/ferramentas-de-avaliacao-e-indicadores>

2.2.2. Técnicas de Análise de Dados

Para analisar o questionário sobre as competências empreendedoras dos alunos recorreu-se ao modelo de análise proposto pelo Ministério de Educação (Anexo B). Enquanto que o questionário sobre o concurso de Ideias Intermunicipal foi analisado com base em técnicas estatísticas, nomeadamente na análise descritiva. Atualmente, existem vários *softwares* de apoio a esta técnica, particularmente o *SPSS*. Contudo, recorreu-se ao Excel, dada a quantidade de valores em estudo não ser significativa.

A técnica utilizada para analisar os dados obtidos a partir das entrevistas e das respostas abertas dadas no questionário, pelos alunos, foi a análise de conteúdo. Para Bogdan e Biklen (1994) esta técnica é considerada um procedimento básico da investigação qualitativa.

Na elaboração das matrizes de análise de conteúdo seguiram-se as sugestões de Amado (2014, citado por Ghiglione & Matalon, 1992; Vala, 1986; Estrela, 1984). Assim sendo, teve-se a preocupação de descrever as entrevistas ao pormenor e de comparar as várias respostas dadas pelos entrevistados. Para cada um dos entrevistados foram atribuídas as designações “A1” para o aluno 1, “A2” para o aluno 2, “A3” para o aluno 3, “A4” para o aluno 4, “A5” para o aluno 5 e “A6” para o aluno 6. Ainda, e segundo Amado et al., (2014) a base da construção das categorias e das subcategorias constituiu-se na análise documental, estabelecendo, assim as características fundamentais do estudo. Após esta fase estar concluída, seguiu-se a identificação dos indicadores, que foram construídos com base nas unidades de registo. Estes são, portanto, as expressões que se consideraram como sendo as preferidas de várias unidades de registo. Para analisar as respostas dadas nos questionários de resposta aberta, seguiram-se as mesmas técnicas.

Relativamente, à análise do diário de campo foi feita uma reflexão sobre o ambiente das aulas (participação, dinâmicas, atividades, tarefas), a atuação do professor (metodologia, recursos didáticos, relação com os alunos e aspetos a modificar) e juízos sobre os alunos (comportamento, motivação, empenho) (Zabalza, 1994).

Por último, a análise documental, principalmente a que diz respeito às características dos participantes do estudo, foi feita com base nas sugestões de Estrela (2015), isto é, de acordo com a ficha do aluno que consta no apêndice E. Esta análise foi dividida em três partes: a turma na Escola, os alunos na turma e os professores na turma.

Com base nos dois pontos anteriores construiu-se o desenho de investigação/intervenção presente na figura 8.

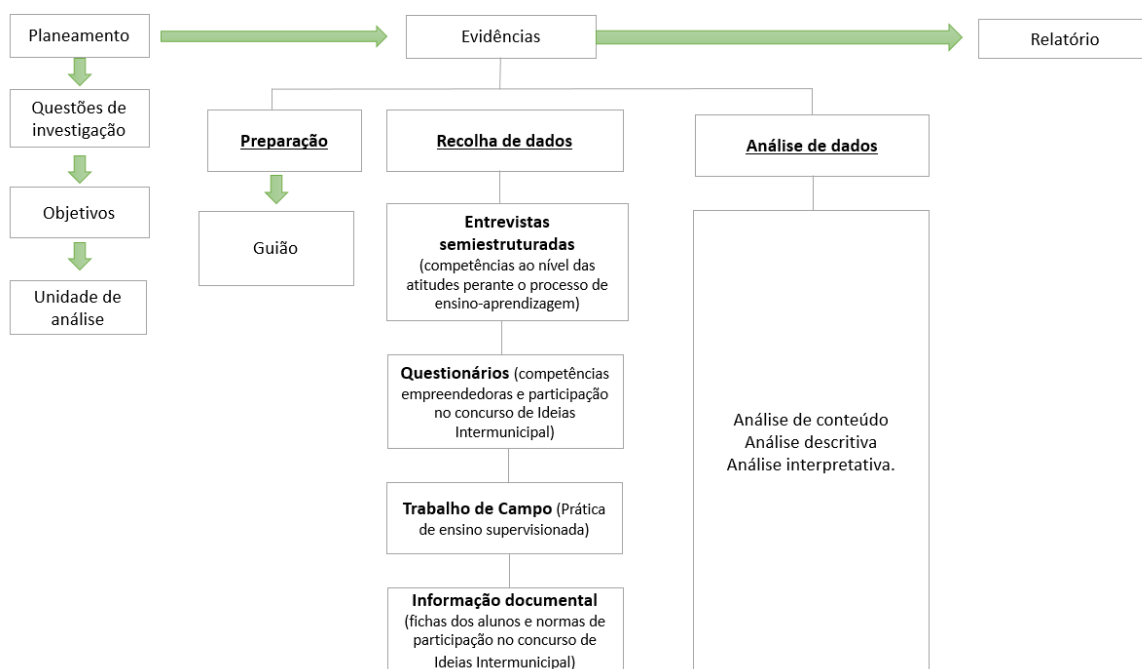


Figura 8 - Desenho da Investigação/intervenção

CAPÍTULO 3 – TRABALHO DESENVOLVIDO NO ÂMBITO DA PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA

Neste capítulo apresenta-se o trabalho desenvolvido na Escola Secundária Domingos Sequeira ao longo do 4.º semestre no âmbito da prática de ensino supervisionada. O capítulo encontra-se subdividido em quatro partes. A primeira parte refere-se à caracterização da escola (1.1.) e da turma (1.2.). A segunda parte diz respeito às estratégias de ensino desenvolvidas na unidade curricular 16 – Inovação e Empreendedorismo, assim começa-se por caracterizar a disciplina de Gestão e a unidade curricular (2.1.), expõe-se o paradigma que serviu de base para a implementação das estratégias de ensino (2.2.), apresenta-se a planificação de médio prazo (2.3.), caracterizam-se as aulas lecionadas e os resultados obtidos. A terceira parte refere-se às competências empreendedoras, assim começa-se por conhecer as competências empreendedoras dos alunos (3.1.) e de seguida apresenta-se a influência do concurso de Ideia Intermunicipal no desenvolvimento de competências (3.2.). Por último, a quarta parte diz respeito às principais conclusões que foram retiradas deste capítulo.

PARTE I – CONTEXTO ESCOLAR: ESCOLA E TURMA

1.1. Caracterização da Escola

A Escola Secundária Domingos Sequeira (ESDS) teve a sua origem na Escola de Desenho Industrial Domingos Sequeira de Leiria, criada em 1888. Ao longo do tempo, teve vários nomes, em 1955 obteve a designação de Escola Industrial e Comercial de Leiria e desde 1979 até aos dias de hoje é conhecida por Escola Secundária Domingos Sequeira. Situa-se na cidade de Leiria (figura 9) cuja população é de aproximadamente de 43 mil habitantes, tendo em conta os censos realizados em 2011. Situa-se no Largo Dr. Serafim Lopes Pereiro, 2400-295 Leiria.

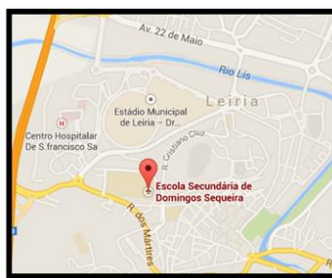


Figura 9 - Localização da Escola Secundária Domingos Sequeira.
Fonte: Google Maps, disponível em <https://maps.google.pt/>

De acordo com as informações retiradas do *site*¹⁰ da ESDS, a região de Leiria vive do comércio, da agropecuária e da indústria, destacando-se o fabrico de objetos de cerâmica, plásticos, moldes e cimentos. A construção civil tem também um peso importante, assim como o turismo. O principal setor económico é o setor terciário, assumindo mais de 50% de todo o tecido empresarial do distrito, tendo a população ativa deste setor vindo a crescer progressivamente nos últimos anos. A população desta escola é o espelho do mundo envolvente. É muito heterogénea e culturalmente muito diversificada. A maioria dos alunos provém de famílias de classe média ou média-baixa com níveis médios de escolaridade, o que se reflete na sua própria vivência e experiências culturais.

Em relação às proximidades que circundam a ESDS, esta situa-se numa zona residencial, os meios de transporte que a servem são os autocarros da cidade (Mobilis) e as facilidades de estacionamento são razoáveis. As principais atividades económicas que se pode

¹⁰ www.esds.edu.pt

encontrar próximo da Escola são cafés, restaurantes e um centro comercial. Mas também se pode encontrar um teatro, como principal atividade cultural.

Relativamente, ao edifício e aos espaços, trata-se de uma Escola em bom estado de conservação, dado que esteve inserida no Programa de Modernização das Escolas do Ensino Secundário. O edifício é constituído por 1 auditório com 90 lugares; 1 pavilhão desportivo, com as modalidades de andebol, futsal, voleibol e basquetebol; 3 campos externos, onde os alunos podem praticar modalidades desportivas ao ar livre; 1 ginásio/sala polivalente com 198 lugares (bancada retrátil); 25 salas de aulas, com a capacidade média de 28 lugares, equipadas com um computador para o professor, videoprojetor e quadro interativo; 4 salas de TIC, cada uma delas com 14 computadores; 1 biblioteca, com zona multimédia equipada com computadores ligados à internet e 1 sala de convívio de alunos. A figura 10 mostra a planta geral da ESDS.

LEGENDA:

- 1 – Receção.
- 2 – Bloco de aulas.
- 3 – Entrada/secretaria/ espaços comuns.
- 4 – Polivalente/Bar.
- 5 – Laboratório.
- 6 – Pavilhão desportivo.
- 7 – Oficinas.

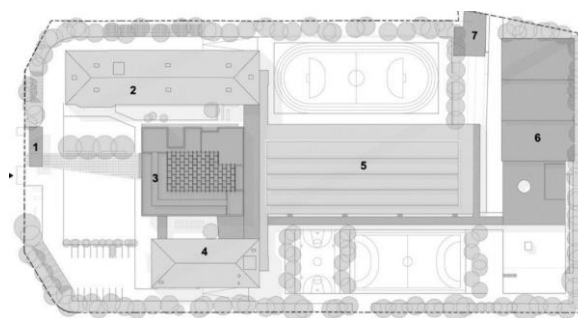


Figura 10 - Planta da Escola Secundária Domingos Sequeira. Fonte: BfJ - Arquitetos. Disponível em http://www.archdaily.com.br/br/01-40555/modernizacao-da-escola-secundaria-domingos-sequeira-bfj-arquitectos/general_plan

As áreas descobertas distribuem-se por um pátio de recreio e um jardim, como se mostra na figura 11.



Figura 11 - Áreas descobertas da Escola Secundária Domingos Sequeira. Fonte: www.google.pt

No seu edifício, a ESDS tem a funcionar os cursos científico-humanísticos e os cursos profissionais. Os cursos científico-humanísticos são os vocacionados para o prosseguimento de estudos de nível superior, sendo eles os seguintes: Ciências e Tecnologias, Ciências Socioeconómicas e Artes visuais. Existem 10 turmas do 10.º ano (7 turmas de Ciências e Tecnologias, 2 turmas de Ciências Socioeconómicas e 1 turma de Artes Visuais), 10 turmas do 11.º ano (7 turmas de Ciências e Tecnologias, 2 turmas de Ciências Socioeconómicas e 1 turma de Artes Visuais) e 8 turmas do 12.º ano (5 turmas de Ciências e Tecnologias, 2 turmas de Ciências Socioeconómicas e 1 turma de Artes Visuais).

Os cursos profissionais são vocacionados para a qualificação profissional dos alunos, privilegiando a sua inserção no mundo do trabalho, mas, também, permitindo o prosseguimento de estudos. A Escola tem os seguintes cursos profissionais: Técnico de Eletrotécnica; Técnico de Eletrónica, Automação e Computadores; Técnico de Gestão; Técnico de Gestão e Programação de Sistemas Informáticos; Técnico de Receção; Técnico de Contabilidade. Existem 6 turmas do 1.º ano (cada um dos cursos referidos anteriormente têm 1 turma); 5 turmas do 2.º ano (cada um dos cursos referidos anteriormente têm 1 turma, com exceção do curso de contabilidade que não tem turma constituída). Existem ainda 6 turmas do 3.º ano (cada um dos cursos referidos anteriormente têm 1 turma).

As figuras 12 e 13 mostram o número de estudantes, por género, que frequentam os cursos do ensino regular e profissional, respetivamente no ano letivo 2015/2016. Verifica-se que 825 (74%) alunos frequentam os cursos de Científico-Humanísticos e 283 (26%) alunos frequentam os cursos profissionais. Desta forma, 1108 alunos frequentam a ESDS. A maioria dos alunos que frequentam os cursos do ensino profissional são do sexo masculino (69%). Esta situação deve-se ao facto de, apenas, 7% dos alunos do sexo feminino frequentarem os cursos de Eletrotécnica; Eletrónica, Automação e computadores; e Programação de Sistemas Informáticos. Em relação aos cursos científico-humanísticos, embora haja mais alunos do sexo feminino, a diferença em relação ao sexo masculino não é significativa.

Cursos Científico-humanísticos	Ano de escolaridade	Número de alunos		Total
		Masculino	Feminino	
Ciências e Tecnologias	10.º	100	96	196
	11.º	95	101	196
	12.º	95	88	183
Socioeconómico	10.º	31	26	57
	11.º	27	28	55
	12.º	33	25	58
Artes Visuais	10.º	14	15	29
	11.º	8	20	28
	12.º	7	16	23
TOTAL		410	415	825

Figura 12 - Número de estudantes, por género, dos cursos Científico-humanísticos 2015/2016. Fonte: Elaboração própria.

Cursos Científico-humanísticos	Ano de escolaridade	Número de alunos		Total
		Masculino	Feminino	
Técnico de Eletrotécnica	10.º	25	3	28
	11.º	16	0	16
	12.º	19	0	19
Técnico de Eletrónica, Automação e computadores	10.º	10	0	10
	11.º	24	0	24
	12.º	13	0	13
Técnico de Gestão	10.º	9	11	20
	11.º	11	17	28
	12.º	9	17	26
Técnico de Programação de Sistemas Informáticos	10.º	9	1	10
	11.º	23	2	25
	12.º	12	0	12
Técnico de Contabilidade	10.º	4	6	10
	12.º	3	5	8
Técnico de Receção	10.º	4	6	10
	11.º	3	10	13
	12.º	2	9	11
TOTAL		196	87	283

Figura 13 - Número de estudantes, por género, dos cursos Profissionais 2015/2016. Fonte: Elaboração Própria

Por último, é importante referir que a ESDS foi sujeita a avaliação externa realizada pela Inspeção Geral da Educação (IGE) em março de 2009, tendo obtido a classificação de “Muito Bom” em todos os parâmetros avaliados. Da análise SWOT realizada por aquele organismo verificou-se como pontos fortes (1) as taxas globais de sucesso, respeitante àquele período, acima das nacionais; (2) a implementação de ações com repercussão no desenvolvimento de competências cívicas e de valorização do sucesso dos alunos; (3) a eficácia da generalidade das lideranças de topo e intermédias, com reflexo na definição de planos de melhorias para os resultados escolares e na garantia da confiança no processo de avaliação das aprendizagens; (4) a dinâmica ao nível da gestão dos recursos, nomeadamente no âmbito da captação de receitas, com impacto na implementação de vários projetos inovadores direcionados à melhoria das condições da prestação do serviço educativo, à diversidade de situações de aprendizagem e à qualificação de jovens e adultos; (5) a definição de metas quantificadas para áreas prioritárias de intervenção, que permite a clarificação das expectativas, a orientação dos profissionais para os resultados e a avaliação consistente dos progressos alcançados. Contudo, foram apresentados dois pontos fracos, (1) o decréscimo do sucesso nos exames nacionais da disciplina de Português, respeitante àquele período e (2) a ausência de práticas generalizadas de supervisão da prática letiva em contexto de sala de aula, que não possibilitou, designadamente, o conhecimento sustentado e partilha de metodologias e estratégias eficazes. No presente ano letivo, a ESDS encontrava-se num novo processo de avaliação externa.

Na próxima seção é caracterizada a turma, onde decorreu a prática de ensino supervisionada. Esta caracterização foi efetuada com base na ficha de registos biográficos, disponibilizadas pela ESDS e com base na ficha de registos proposta por Estrela (2015), que se encontra no apêndice G.

1.2. Caracterização da Turma

A turma era constituída por 26 alunos, sendo que 9 (35%) deles eram do sexo masculino e 17 (65%) do sexo feminino. As idades variavam entre os 17 e os 19 anos, no momento do estudo. Desta forma, 19 (73%) alunos, ou seja, mais de metade da turma, possuíam 19 anos, 5 (19%) alunos, 18 anos e, apenas, 2 alunos (8%) possuíam 17 anos. A maioria destes alunos, eram de nacionalidade portuguesa, à exceção de 2 alunos, cujas nacionalidades eram a moldava e a brasileira.

No que diz respeito ao horário escolar desta turma, começavam as aulas todos os dias às 8 horas e 15 minutos. Durante a semana os horários de saída variavam, sendo que à quarta-feira os alunos tinham tarde livre, o que lhes permitia ter algum tempo livre para atividades extracurriculares. Nos restantes dias, os alunos tinham aulas durante toda a tarde. O tempo de deslocação para a Escola, em média, variava entre os 30 e os 60 minutos.

A turma do 3.º C tinha aulas em várias salas. A figura 14 mostra a planta da sala de informática onde decorreram as aulas de Gestão às sextas-feiras. As outras salas eram iguais, com exceção de não terem computadores e as mesas serem individuais.

LEGENDA:

- 1 – Entrada.
- 2 – Janelas
- 3 – Secretaria do Professor com computador.
- 4 – Quadro Branco com tela movível.
- 5 – Projetor.
- 6 – Zona de Computadores.
- 7 – Mesas corridas para os alunos.
- 8 – Impressora.

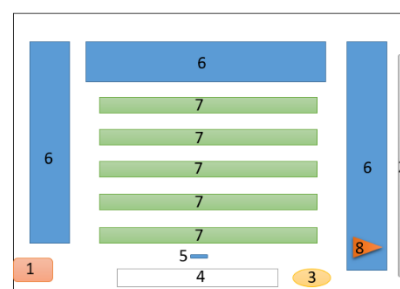


Figura 14 – ESDS: Planta da sala de aula (2.14). Fonte: Elaboração Própria.

Na turma não existiam alunos com grandes dificuldades de aprendizagem. Contudo, apresentavam falta de empenho e participação ativa nas atividades letivas.

Estes alunos integravam o curso Técnico de Gestão do ensino profissional. De acordo com as linhas de orientação disponibilizadas pelo *site*¹¹ da ESDS o curso Técnico de Gestão confere o diploma escolar de nível secundário (12.º ano) e um certificado de qualificação profissional nível 4. O Técnico de Gestão é um profissional qualificado que exerce competências no âmbito da Gestão das Organizações, apto a colaborar nos aspetos organizativos, operacionais e financeiros dos diversos departamentos da empresa, com capacidade para tomar decisões com base em objetivos previamente definidos pela direção.

O plano curricular deste curso divide-se em três áreas: sociocultural (Português, Língua Estrangeira, Área de Integração, TIC e Educação Física), científica (Economia e Matemática) e técnica (Gestão, Contabilidade e Fiscalidade, Direito das Organizações, Cálculo Financeiro e Estatística Aplicada e Formação em Contexto de trabalho).

¹¹www.esds.edu.pt

PARTE II – ESTRATÉGIAS DE ENSINO DESENVOLVIDAS NA UNIDADE DIDÁTICA 16 – INOVAÇÃO E EMPREENDEDORISMO

2.1. Disciplina de Gestão e Unidade Curricular

Foi na disciplina de Gestão que foi realizada a prática de ensino supervisionada, nomeadamente na unidade curricular (módulo) 16 – Inovação e Empreendedorismo.

A Agência Nacional para a Qualificação e o Ensino Profissional¹², caracteriza a disciplina de Gestão da seguinte forma:

A disciplina de Gestão integra a componente de várias áreas profissionais, com a carga horária total de 500 horas. O estudo da disciplina de Gestão permite a aquisição de conhecimentos e técnicas fundamentais, quer para entender a dimensão da realidade empresarial, quer para conhecer as boas práticas de gestão, utilizadas na linguagem corrente, em especial, no meio sócio empresarial. Reforça ainda um melhor conhecimento e compreensão das organizações empresariais, cada vez mais globalizadas e em constante mutação, podendo assim contribuir para a formação do cidadão, educando para a cidadania, para a mudança e desenvolvimento socioprofissional. A disciplina de Gestão permite que os alunos desenvolvam técnicas, conhecimentos, capacidades e atitudes que lhes facilitem a aprendizagem de competências de base associadas às qualificações visadas pelos respetivos cursos. De facto, num curso profissional revela-se muito importante a dimensão técnica e prática da Gestão. Assim, a disciplina de Gestão deverá transmitir um conjunto de saberes humanísticos, científicos e técnicos no sentido de desenvolver as competências vocacionais dos alunos orientadas quer para uma efetiva integração no mercado de trabalho, quer para o exercício responsável de uma cidadania proativa. Deste modo, consideraram-se finalidades da disciplina: a) promover a compreensão dos factos de natureza técnica e empresarial, integrando-os no contexto das organizações contemporâneas; b) contribuir para a compreensão dos grandes problemas do mundo empresarial; c) desenvolver o espírito crítico e a capacidade de resolver problemas; d) desenvolver técnicas de trabalho no domínio da pesquisa, investigação, do tratamento e apresentação da informação; e) contribuir para melhorar o domínio escrito e oral da língua portuguesa; f) promover a utilização das novas tecnologias da informação e da comunicação; g) desenvolver a capacidade de trabalho individual e em grupo; h) fomentar a interiorização de valores de tolerância, solidariedade e cooperação; i) promover a educação para a cidadania, para a mudança e desenvolvimento sócio organizacional.

De acordo com a mesma fonte, o programa da disciplina de Gestão é constituído por 16 módulos, existindo três opções para três áreas específicas (Gestão, Gestão/Planeamento e Produção, Gestão/Recursos Humanos e Gestão/Autárquica), consoante a oferta de Escola. Para este trabalho interessa a área específica de Gestão, sendo identificados na figura 15 os respetivos módulos que lhe dizem respeito, assim como a duração de cada um deles.

¹² <http://www.anqep.gov.pt/>

Módulos	Designação	Duração de referência
1	Estrutura e Comunicação Organizacional	50
2	Gestão de Recursos Humanos	25
3	Aplicações Informáticas de Gestão de Pessoal	25
4	Gestão da Produção/Qualidade	25
5	Gestão de <i>Stocks</i>	25
6	Gestão Comercial	25
7	<i>Marketing</i>	25
8	Aplicações Informáticas de Gestão – Área Comercial	25
9	Estudos de Mercado	50
10	Comunicação Empresarial	25
11	Métodos e Técnicas de Análise Económica e Financeira	50
12	Controlo de Tesouraria	25
13	Aplicações Informáticas de Gestão Financeira	25
14	Plano de Negócios	25
15	Análise de Projetos	50
16	Inovação e Empreendedorismo	25

Figura 15 - Módulos do curso Técnico de Gestão. Fonte - <http://www.anqep.gov.pt/>. Acedido em 12 de janeiro de 2016

Na ESDS a disciplina de Gestão era lecionada em 8 tempos semanais (terça-feira, das 16 horas 20 minutos às 18 horas e 10 minutos; quartas-feiras, das 8 horas e 15 minutos às 10 horas e 5 minutos; quintas-feiras, das 16 horas e vinte minutos às 18 horas e dez minutos; sextas-feiras, 1.º turno – das 8 horas e 15 minutos às 10 horas e 5 minutos e 2.º turno – das 10 horas e 20 minutos às 12 horas e 10 minutos). Esta turma encontrava-se dividida em turnos às sextas-feiras, dado os conteúdos programáticos relacionados com aplicações informáticas.

O módulo 16 – Inovação e Empreendedorismo foi a unidade curricular onde se desenvolveu a prática de ensino supervisionada. Este módulo tem a duração de 25 horas. De acordo com a Agência Nacional para a Qualificação e o Ensino Profissional, já referida anteriormente, esta unidade apresenta os seguintes objetivos de aprendizagem: a) reconhecer o papel e a importância do empreendedorismo; b) identificar as questões fundamentais do processo de criação e construção de ideias; distinguir as noções de criatividade e inovação; reconhecer a importância da inovação no contexto empresarial; identificar fontes de oportunidades de inovação; revelar criatividade nas ações que concretiza.

Este módulo apresenta quatro conteúdos programáticos. O primeiro refere-se ao empreendedorismo e criação de empresas. O segundo diz respeito à gestão do processo de criação de empresas. O terceiro à criatividade e o quarto à inovação. A intervenção pedagógica foi realizada nestes dois últimos conteúdos programáticos.

De seguida é apresentado o paradigma que serviu de base para o desenvolvimento das estratégias de aprendizagem implementadas nesta unidade curricular.

2.2. Paradigma Ecológico Como Estratégia de Ensino

A aprendizagem é um processo interativo no qual as pessoas aprendem umas com as outras. Neste sentido, Bruner (1996) refere que os alunos devem partilhar aprendizagens, não excluindo, naturalmente, o papel do professor, mas sim, conseguir com que os alunos “montem os andaimes” uns para os outros. O professor não é o único a participar no processo de aprendizagem, antes pelo contrário, cria dinâmicas levando a que todos os alunos participem nele. Com efeito, o professor deve assumir o papel de gestor de interações e os alunos devem interagir no meio envolvente a partir de uma visão transcendente e holística. Neste contexto, o paradigma que melhor se adapta a esta linha de pensamento e que servirá de modelo para as estratégias de ensino que a seguir se apresentam é o ecológico.

Para Ros e Martínez (2004) todos os seres vivos se organizam em ecossistemas¹³, onde é estabelecida uma interação entre o Homem, a sociedade e o meio onde se vive. O ecossistema formado a partir de um sistema educativo ajuda a compreender a organização escolar, ou seja, as relações que se estabelecem na Escola e na sala de aula. Para estes autores este paradigma assenta nas seguintes características: a) o estudante pertence a um ecossistema onde desenvolve competências de socialização; b) as relações entre os diferentes agentes (professores, alunos, escola e família) são essenciais; c) sendo um sistema relacional existe ódios, simpatias, colaboração, conflitos e individualidade que são necessários para favorecer a discussão, a comunicação e a cooperação; d) a inovação é bastante importante, quer através da Escola, quer através dos professores; e) a planificação das aulas, o projeto educativo, o projeto curricular e o regulamento interno devem ser adaptados ao contexto real em que se insere o estudante; f) o currículo é determinante porque dá sentido e cria o sistema relacional que se deve desenvolver no ecossistema (Escola); g) o diretor é o agente mais importante da Escola, dado que dirige e controla os processos, coordena os projetos e assume a liderança para inovar e melhorar a Escola.

Os pontos fortes deste paradigma é o compromisso com o ecossistema, uma vez que recorre a todas as características do meio envolvente que vão fundamentar a planificação das aulas ou das atividades escolares. Contudo, a limitação deste paradigma é o facto de não se preocupar com as dificuldades reais existentes nas relações entre os diversos agentes da comunidade escolar.

Conjunto das relações de interdependência, reguladas por condições físicas, químicas e biológicas, que os seres vivos estabelecem entre si e também com o meio ambiente em que habitam, in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <https://www.priberam.pt/DLPO/ecossistema> [consultado em 04-03-2016].

Este paradigma justifica as estratégias de ensino adotadas uma vez que todo o ensino é centrado no aluno, levando-o a desenvolver competências de discutir ideias, de as fundamentar corretamente e de atender às ideias dos outros. No entanto, este processo só será concretizado se o professor conseguir com que o aluno desenvolva competências que lhe permita participar ativamente no meio onde esteja inserido, nomeadamente na sala de aula. Desta forma, Paquay e Wagner (2001) destacam seis modelos que se referem à natureza do ensino e que vão ajudar a tornar o ensino e o envolvimento do aluno mais eficazes: a) “professor culto” que domina os saberes (disciplinares, indisciplinados, didáticos, epistemológicos, pedagógicos, psicológicos e filosóficos); b) “professor técnico” que utiliza as novas tecnologias e põe em prática o “saber-fazer”; c) “professor artesão” que utiliza rotinas e esquemas relacionados com o contexto real do estudante; d) “professor reflexivo” que reflete sobre a sua prática pedagógica com vista a melhorá-la e produz ferramentas inovadoras; e) “professor ator social” que participa em projetos coletivos, levando os alunos a participar em atividades extracurriculares; f) “professor como pessoa” que preocupa-se com o desenvolvimento pessoal, nomeadamente a participação em formações.

Na prática pedagógica de ensino supervisionada tentou-se seguir os seis modelos de professor referidos anteriormente. Houve uma preparação prévia dos conteúdos programáticos que foram abordados nas aulas (foram realizadas várias pesquisas sobre o empreendedorismo e inovação em diversas fontes); utilizaram-se as novas tecnologias, levando os alunos a aplicar as aprendizagens (foram desenvolvidas atividades práticas, como por exemplo a criação de um *site*); recorreram-se a vários exemplos relacionados com o contexto real dos alunos (foram dados exemplos de empreendedores da região de Leiria); no final das aulas houve uma reflexão sobre as mesmas, de modo a melhorar as aulas seguintes (a reflexão foi realizada no plano de aula); incentivou-se os alunos a participar em atividades fora do contexto de sala de aula (os alunos participaram no concurso de Ideias Intermunicipal) e por último, houve uma participação no Colóquio Educação para o Empreendedorismo (Anexo C).

Tendo em conta as características do paradigma ecológico desenvolveu-se a planificação de médio prazo que a seguir se apresenta.

2.3. Planificação de Médio Prazo

A planificação das aulas é um processo que exige do professor uma reflexão sobre a prática pedagógica, nomeadamente sobre os objetivos que se pretende alcançar durante o processo de ensino-aprendizagem. Para Zabalza (2003) deve ser considerada uma competência

imperativa, devendo ser realizada por todos os professores, independentemente do nível de ensino em que estiverem a lecionar. Alvarenga (2011) salienta que a planificação das aulas constitui um pilar decisivo no sucesso da aprendizagem, dado que permite antecipar todo o processo de ensino-aprendizagem, tornando-o mais eficaz. Apesar dos autores, considerarem que a planificação deve ser feita por todos os professores, sem exceção, admitem que para muitos deles, trata-se de uma tarefa burocrática que pouco afetará aquilo que se realizar-se-á nas aulas.

Nem sempre é fácil planificar a aprendizagem dos alunos, dado ser um processo complexo pela quantidade de fatores que envolve. Neste sentido, Silva e Lopes (2015, p.14) sugere que se tenha em linha de conta, os seguintes aspetos: 1) conteúdos (p.e. conheço bem o conteúdo?; que partes deverão ser realçadas?; o que é que o programa privilegia?); 2) avaliação (p.e. como vou avaliar os alunos?; que técnicas de avaliação formativa vou usar?; como vou avaliar para permitir que os alunos monitorizem a sua aprendizagem?; que tipos de itens se ajustam mais aos objetivos/competências a avaliar?); 3) competências (p.e. que comportamentos deverei ensinar?; são competências importantes?; são competências importantes); 4) objetivos (p.e. os objetivos estão adequados ao conteúdo?; os alunos têm oportunidades de os alcançar?; como saberei quando os alcançarem?); 5) métodos (p.e. será que o método escolhido funciona com estes alunos?; será o melhor método para ensinar estes conteúdos?; será que contribui para a gestão da sala de aula?; será o melhor método para o tempo que tenho disponível para lecionar este conteúdo?; é um método que domino bem?; que outros métodos poderei usar?); 6) maneira de ensinar (p.e. como irão responder os alunos à minha maneira de ensinar?; como devo proceder para conseguir maximizar a aprendizagem?; será que consigo transmitir bem as ideias aos alunos?); 7) tempo (p.e. quanto tempo vou gastar com esta lição? Será que vale a pena; será que vou conseguir dar a matéria no tempo que planeei?); 8) gestão da sala de aula (p.e. que opções tomar para criar um ambiente propício à aprendizagem?; como vou gerir a sala d aula usando este método?); 9) alunos (p.e. quais os estilos de aprendizagem dos alunos?; quais são os conhecimentos anteriores importantes para a aprendizagem deste conteúdo?; quais são as competências de leitura dos alunos?; quais são as suas capacidades de raciocínio?; têm competências para trabalhar em grupo?; será que vão gostar da lição?).

Todos estes aspetos devem ser considerados quando se elabora uma planificação, seja ela de longo, médio ou curto prazo. No presente relatório fazem parte, apenas, as duas últimas dado que se pretendeu lecionar, somente, uma unidade curricular. Assim sendo, no apêndice F é apresentada a planificação de médio prazo que foi elaborada com base nos pressupostos

da literatura e de acordo com o programa da disciplina, disponibilizado pela Agência Nacional para a Qualificação e o Ensino Profissional¹⁴.

Arends (2008) refere que a planificação de médio prazo consiste em trançar o percurso para um conjunto de aulas. Neste caso, houve uma preparação prévia das aulas referentes ao módulo 16 – Inovação e Empreendedorismo, caracterizado no ponto 2.1. – Disciplina de Gestão e Unidade Curricular. Para a sua realização, as estratégias seguidas para que todos os alunos conseguissem alcançar os objetivos e as competências definidas, ou seja o que deveriam de saber ou ser capazes de fazer no final da unidade curricular, foi uma metodologia baseada nos métodos expositivo, interrogativo, ativo e demonstrativo.

O recurso ao método expositivo teve como finalidade o desenvolvimento oral de um assunto ou conteúdo, isto é, fornecer aos alunos a informação de partida para que estruturassem eficazmente as ideias. Durante essa exposição os alunos seguiram a apresentação eletrónica disponibilizada antes do começo da aula, enviada para o *e-mail* da turma. Esta metodologia de ensino é ideal para que os alunos consigam adquirir e compreender os conteúdos programáticos, despertar o interesse para o assunto que está a ser lecionado, receber diretrizes para a realização de tarefas orientadas pelo método ativo e reter informações (Pinheiro, 1998). Ao longo da exposição considerou-se que esta fosse acompanhada com o método interrogativo. Todos os alunos deviam participar no processo de aprendizagem, conduzindo a comunicação em função dos conteúdos que se pretende transmitir. À partida era algo que facilmente se concretizaria, dado se tratar de conteúdos bastante atuais. Esta foi a estratégia utilizada para que os alunos estivessem concentrados, dado se tratar de uma turma com graves problemas de participação, tal como foi diagnosticado na prática de ensino supervisionada realizada no âmbito da disciplina de “Iniciação à Prática Pedagógica 3”, denominada posteriormente pela sigla IPP3.

O recurso ao método demonstrativo teve como objetivo o desenvolvimento da competência “saber-fazer”. Este método caracteriza-se pelo conhecimento de um determinado saber, que uma vez exemplificado pelo professor (explica em voz alta o procedimento para a realização de uma operação, executando-a), terá que ser repetido pelo aluno (Silva & Lopes, 2015), recorrendo-se, assim, ao método ativo. Para este módulo, recorreu-se à exemplificação de casos práticos, como por exemplo leitura e análise de casos de sucesso de empreendedores. Após a orientação, os alunos em grupo ou individualmente executavam as tarefas, sendo apoiados, naturalmente, pelo professor.

¹⁴ <http://www.anqep.gov.pt>

Em todos os conteúdos programáticos da unidade curricular tentou-se, sempre que possível, efetuar uma avaliação diagnóstica, formativa e sumativa, tendo em conta as funções de cada uma delas no processo de aprendizagem. Com a avaliação diagnóstica situou-se os conhecimentos dos alunos, nomeadamente através de questões orais e fichas de trabalho. Com a avaliação formativa, cuja finalidade é monitorizar o progresso dos alunos durante o processo de aprendizagem, desenvolveu-se a competência de “saber-fazer” (Stiggins et al., 2004). Este tipo de avaliação foi realizado, essencialmente, a partir de grelhas de observação, atividades práticas e fichas de trabalho. Por último, a avaliação sumativa foi realizada pela professora cooperante, com base no trabalho que os alunos realizaram no âmbito do concurso de Ideias Intermunicipal (Apêndice G).

Na definição dos objetivos de aprendizagem recorreu-se à matriz de Bloom (apêndice H). Esta estratégia possibilitou distribuir os objetivos pretendidos pelos diversos conteúdos programáticos, permitindo uma maior reflexão sobre o que deveria de ser ensinado aos alunos. Desta forma, cada um dos objetivos potenciou um processo contínuo de construção e reconstrução de aprendizagens, transformando o aluno num produtor de saberes e não num, simples, consumidor.

A lecionação desta unidade curricular focou um processo de ensino-aprendizagem centrado no aluno. Desta forma, recorreu-se à diversificação de estratégias, adequadas às diferentes necessidades e interesses específicos dos alunos. Privilegiou-se, assim, metodologias centradas na resolução de problemas, especialmente a análise de casos práticos em grupo e a participação em atividades práticas. Este método assume uma grande relevância ao desenvolver o espírito crítico e criativo, a entreajuda, a partilha e, essencialmente, a responsabilidade.

A apresentação dos resultados de cada uma das atividades, desenvolvidas pelos alunos, à turma foi uma outra estratégia que teve como objetivo desenvolver nos alunos a capacidade de discutir ideias, de as fundamentar corretamente e de atender, fundamentalmente às ideias dos outros.

Para além destas estratégias, existiu uma outra que se prendeu com a participação dos alunos no concurso de Ideias Intermunicipal, promovido pela CMIRL – Comunidade Intermunicipal da Região de Leiria¹⁵. Esta estratégia, surgiu no âmbito da problemática identificada no semestre anterior na disciplina de IPP3. Assim sendo, a participação neste concurso seria uma ótima estratégia para estimular os alunos a participar ativamente no processo de ensino-aprendizagem e desenvolver competências empreendedoras. A

¹⁵ <https://www.cimregiaodeleiria.pt/index.php>

planificação destas aulas ficou a cargo da professora cooperante, envolvendo, também, o responsável pela dinamização do concurso, ou seja da GesEntrepreneur¹⁶.

Os recursos didáticos, também, foram considerados na planificação de médio prazo. Estes foram criados e usados, coerentemente, com os propósitos do ensino e adaptados às características da turma, de modo a criar um ambiente instrutivo na sala de aula (Zabalza, 2003). Deste modo, recorreu-se a diferentes recursos, particularmente a apresentações eletrónicas, a vídeos didáticos, a casos práticos, a fichas de trabalho, a jogos didáticos e ao concurso de Ideias Intermunicipal. Os tempos disponibilizados para cada uma das atividades, foram distribuídos de acordo com os objetivos propostos para cada um dos conteúdos programáticos.

Por último, é importante salientar que todo este processo de aprendizagem foi construído de forma a incentivar e a motivar o aluno a participar voluntariamente e ativamente nas atividades letivas. De seguida são apresentadas as aulas que foram lecionadas.

2.4. Aulas Lecionadas

2.4.1. Aulas 37 e 38

Diário de Campo

11 de fevereiro de 2016

Aulas 37 e 38

(Plano de Aula e Recursos Didáticos – Apêndice I)



SUMÁRIO:

- Análise e Discussão do vídeo: “Innovation Day”.
- Noção de Inovação.
- A Inovação e o Desemprego.

No dia 11 de fevereiro cheguei à escola por volta das 15h30, hora que havia sido acordada com o Diretor da escola para assinar o pedido de autorização para aplicação dos inquéritos aos alunos (apêndice C).

Aquando a hora da aula, desloquei-me à sala 2.09, onde já se encontrava a professora cooperante, que rapidamente me disponibilizou o computador, já com o *Software* “Inovar Profissional” ativo, nele registei o sumário, enquanto os alunos iam entrando na sala de aula. Quando todos já se encontravam na sala de aula, saudei-os, transmitindo-lhes confiança, ao mesmo tempo que tentava criar um clima de controlo para potenciar as aprendizagens.

Comecei a aula com a chamada, todos os alunos estavam concentrados e atentos. Verifiquei que, apenas, três alunos se encontravam a faltar. Depois da chamada, falei-lhes do propósito da aula. Constatei que a maioria dos alunos ficaram entusiasmados em relação às atividades que iriam se desenvolver.

¹⁶ <http://gesentrepreneur.com/>

Numa fase inicial, os alunos ouviram, com atenção, sem grandes ruídos de fundo, a explicação da atividade, que iria servir de avaliação diagnóstica. Após a realização da atividade individual, pedi-lhes que se juntassem em grupo para confrontar as respostas obtidas individualmente. Esta estratégia foi utilizada porque verifiquei em aulas anteriores, que estes alunos não possuem iniciativa para resolver as atividades propostas e muito menos de as discutir em grupo e, assim, seria uma forma de os motivar a participar no processo de aprendizagem. Aquando a discussão, senti que os alunos mostram receios em dar as respostas, porque julgam, logo, à partida que está mal. Perante este facto, tentei motivá-los e ajudá-los, para que percebessem que é importante discutir os assuntos, mesmo que estejam errados, porque faz parte do processo de ensino-aprendizagem.

A correção das respostas foi realizada através da exposição de conteúdos programáticos. O ambiente, foi, portanto, aberto a discussão. Embora não tenha sido fácil, tentei chegar a todos os alunos, transmitindo-lhes confiança e segurança. No final da aula, já tinha grande parte dos alunos a participar voluntariamente, o que para mim foi muito gratificante.

O ponto forte da aula e que serviu para a recolha de dados relacionados, diretamente, com a Educação para o Empreendedorismo, foi quando solicitei aos alunos que **refletissem sobre se se consideravam uma pessoa inovadora e se tencionavam ou não criar um negócio quando terminassem a escola**. Verifiquei que a maioria dos alunos não esmiuçou com grande profundidade a questão que a estava a ser solicitada.

Os recursos didáticos que selecionei para esta aula foi o vídeo didático com o respetivo guião de exploração. O vídeo visava introduzir os conteúdos programáticos e ao mesmo tempo tornar a aula mais dinâmica, incrementando a participação dos alunos. Refleti imenso antes de passar este vídeo, uma vez que é falado em língua portuguesa do Brasil, no entanto, entendi, que em termos de imagem e dicção era bastante acessível e que se relacionava com as aprendizagens pretendidas.

Em todas as aulas foram registados os comportamentos dos alunos, através de uma grelha de observação (Apêndice J).

No final de cada aula, faço sempre uma reflexão de modo a melhorar as aulas seguintes (existe um espaço no Plano de aula para esse efeito). Assim sendo, considerei que estava com tanta vontade que os alunos participassem e se envolvessem no processo de aprendizagem, que quase houve um esquecimento, por parte dos alunos, que eu era a professora e eles os alunos. No futuro espero encontrar estratégias que superem essa lacuna. Em termos de planificação, julgo que foi ajustada às características da turma e que foi ao encontro dos conteúdos programáticos.

Após a aula analisaram-se as respostas dadas pelos alunos sobre a seguinte questão: “Considero-me uma pessoa inovadora, penso muitas vezes, em criar um negócio quando terminar a escola”. Os resultados foram analisados através da matriz de conteúdos presente no apêndice K.

Os dados obtidos dizem respeito a 23 respostas de alunos, pois três tiveram que se ausentar mais cedo da aula, por motivos de terem que ir apanhar os transportes públicos. Assim sendo, verificou-se que a maioria dos alunos (15) não se consideraram inovadores, não tendo intenção de criar um negócio quando terminarem o curso profissional.

Os indicadores que os alunos mais apontaram para o facto de não desejarem criar um negócio quando terminarem a escola foram (Gráfico 2): a falta de ideias, a falta de ambição, a falta de meios financeiros, a vontade de trabalhar por conta de outrem e a imaturidade, confirmando-se pelas seguintes respostas:

"Não me considero uma pessoa inovadora, pois não sei o que fazer no futuro, não tenho ideias novas"; "Não, pois a minha vida futura não está direccionada para este caminho (...) não tenho essa ambição "; "Não. Não tenho dinheiro para investir"; "Não tenho intenções em criar um negócio quando terminar a Escola porque não me sinto preparado nem em condições de o fazer" e "Não

quero ter a responsabilidade de ter um negócio por conta própria, apesar de ter vários na minha família".

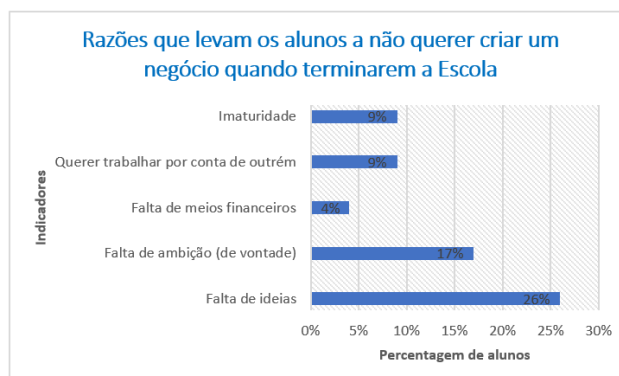


Gráfico 2 – Razões que levam os alunos do 3.º C a não querer criar um negócio quando terminarem a Escola. Fonte: Elaboração Própria

Contrariamente, 8 alunos referiram que desejam criar um negócio quando terminarem a escola, apresentando as seguintes razões (Gráfico 3):

- Vontade de contribuir para o aumento das taxas de emprego, sendo confirmado pelas seguintes respostas:

"Sim. Como existe um elevado número de desempregados, ao inovar iria contribuir para que esse número baixasse. Gostaria de ver um projeto meu implementado no mercado, pois assim ia contribuir para o desenvolvimento do mundo" e "Sim. Gostava de pôr em prática as minhas ideias e projetos, dando, assim, emprego a várias pessoas".

- Vontade de trabalhar por conta própria (cosmética, contabilidade, restauração e desporto), sendo confirmado pelas seguintes opiniões:

"Penso um dia criar a minha própria marca de cosméticos e quem sabe de roupa"; "Pretendo abrir um gabinete de contabilidade"; "Quando terminar o meu percurso escolar gostaria de abrir um bar" e "Sim. Gostava de abrir um ginásio ou um serviço de *Personal Trainer*".

Para além destes dados, verificou-se que existem alunos que querem criar um negócio, mas consideraram que é difícil dada a falta de dinheiro, ajudas e conhecimentos, como se pode visualizar através das respostas dadas pelos alunos:

"Gostava de criar um negócio, mas não tenho nada em mente, nem dinheiro, ajudas e conhecimentos" e "Sim. Gostava de criar um negócio, mas para já não tenho meios financeiros para o fazer".

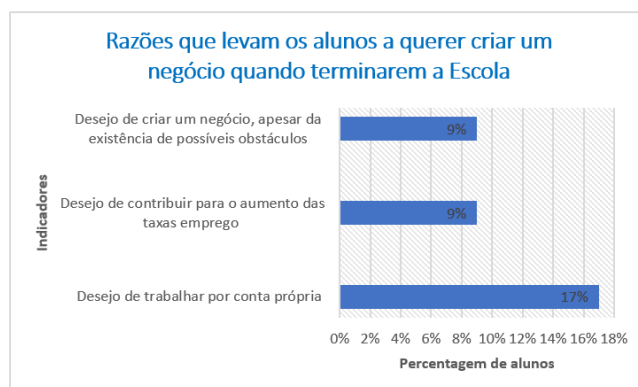


Gráfico 3 – Razões que levam os alunos do 3.º C a querer criar um negócio quando terminarem a Escola. Fonte: Elaboração Própria

2.4.2. Aulas 39 e 40

Diário de Campo

12 de fevereiro de 2016

Aulas 39 e 40

(Plano de Aula e Recursos Didáticos – Apêndice L)

SUMÁRIO:

- Revisões da aula anterior.
- Tipos de Inovação.
- Atividade de Exploração: apresentação de um produto/serviço no *Google Sites*/WIX.

A aula do dia 12 de fevereiro foi relacionada pela continuidade dos conteúdos iniciados na aula anterior. Assim, pedi que os alunos se voluntariassem para explicar os conceitos que tinham sido abordados. Como ninguém se voluntariou, dirigi-me a vários alunos para que o fizessem. Tentei selecionar os alunos que costumam ser menos participativos. Entendi, que a maioria dos alunos estavam enquadrados com o tema e prossegui com a lecionação dos tipos de inovação. Para a discussão deste tema, pedi aos alunos para participarem, mediante a apresentação, em PowerPoint, que estava a ser apresentada.

Verifiquei que a maioria dos alunos teve dificuldade em relacionar a inovação com as várias funções da gestão: organizacional, marketing e processo. A inovação relacionada com os produtos foi o único aspeto de que não houve grandes dificuldades, talvez por ter sido a última matéria a ser lecionada.

Para superar as dificuldades dos alunos, tentei dar exemplos práticos, de forma a recordar conteúdos já abordados em anos anteriores. Tenho a perceção que teria sido mais fácil se tivesse acompanhado a turma durante mais tempo, porque assim poderia puxar mais pelos alunos, tendo em conta o que já tinha sido lecionado em anos anteriores. No entanto, após essa discussão, constatei que a maioria dos alunos compreenderam os vários tipos de inovação.

Numa segunda parte da aula, pedi aos alunos para criarem um **site relacionado com um produto/serviço inovador.** Todos os alunos ficaram entusiasmados, dado que nunca tinham criado um site. Expliquei-lhes como é que o poderiam fazer.

Ao longo da realização da atividade, constatei que todos os alunos estavam concentrados e motivados. Fiquei bastante contente, com o empenho e interesse dos alunos.

O recurso didático que selecionei para esta aula foi a apresentação eletrónica. Esta foi elaborada com o máximo cuidado. Segui as sugestões dadas por Vasquez e Chiang (2014). Assim, usei mais imagens e menos texto, de forma a proporcionar um debate sobre os temas que estavam a ser apresentados. Para além da informação que constava nos “slides” expliquei cada um dos

conceitos, solicitando, sempre, a participação dos alunos, essencialmente com casos práticos do seu quotidiano.

No final da aula refleti sobre ela, e considerei que deveria ter dado mais tempo para que os alunos desenvolvessem o site, dado que não houve muito tempo para os poderem apresentarem e discutirem, o que seria bastante interessante.

O desenvolvimento do *site* relativo a um produto/serviço inovador foi avaliado com base na grelha de observação que consta no apêndice M. Foram considerados os seguintes critérios: “respeito pelos colegas, crítica as ideias e não as pessoas, respeita a sua vez de intervir, sabe trabalhar em equipa, defesa do trabalho, aplica os conhecimentos teóricos, sentido estético, criatividade e autonomia”. Para cada um destes critérios foi atribuída uma escala de 1 a 5 (1- mau; 2 – Insuficiente; 3 – Suficiente; 4 – Bom e 5 – Muito Bom).

A avaliação foi realizada de forma individual e coletiva. Deste modo, são apresentados os seguintes resultados.

- **Avaliação individual:** todos os alunos respeitaram os colegas, criticando as ideias que estavam a ser apresentadas e não as pessoas, respeitaram a sua vez de intervir e souberam trabalhar em grupo, obtendo, assim, a classificação de “Muito bom”. Contudo, nem todos os alunos, apenas dez defenderam corretamente o trabalho, verificando-se, que possuíam um bom conhecimento dos conteúdos programáticos, uma boa dicção e que não se limitaram a ler os conteúdos apresentados no *site*. O que significa que houve 15 alunos que defenderam razoavelmente o trabalho. Verificou-se que estavam um pouco ansiosos, pelo facto de estarem a apresentar o trabalho à turma e às professoras. O gráfico 4 mostra a média dos resultados obtidos em cada um dos critérios de avaliação individual.



Gráfico 4 – Média dos resultados obtidos na avaliação individual dos alunos do 3.º C: construção do site. Fonte: Elaboração Própria.

- **Avaliação coletiva (nove grupo):** constatou-se que, somente, seis grupos aplicaram os conhecimentos teóricos explicados e discutidos na sala de aula. O que significa que três grupos não o fizeram. Em termos de estética e criatividade foi considerado que, apenas, três grupos se esforçaram e tentaram desenvolver um *site* apelativo, puxando, assim para o sentido criativo. Em termos de autonomia, constatou-se que todos os grupos compreenderam, de imediato, o modo de construção de um *site*, tanto no *Google sites* como no *Wix*. A maioria dos grupos optou por utilizar o primeiro. O gráfico 5 mostra a média dos resultados obtidos em cada um dos critérios de avaliação coletiva.

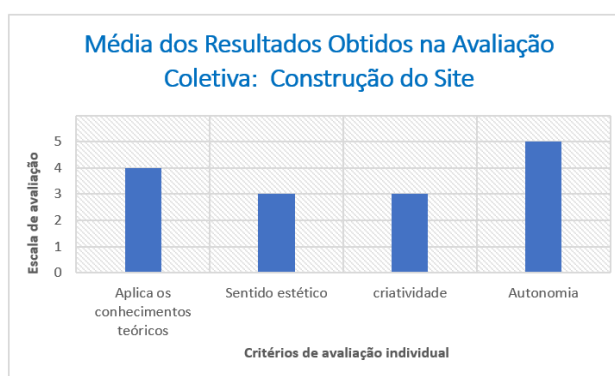


Gráfico 5 – Média dos resultados obtidos na avaliação coletiva dos alunos do 3.º C: construção do site. Fonte: Elaboração Própria.

2.4.3. Aulas 41 e 42

Diário de Campo

25 de fevereiro de 2016

Aulas 41 e 42

(Plano de Aula e Recursos Didáticos – Apêndice N)

SUMÁRIO:

- Consolidação de conhecimentos: atividade 1: “Quem quer ser empreendedor?” e atividade 2: “Construção da Árvore do Conhecimento”.

A aula no dia 25 de fevereiro teve um toque especial, devido ao facto de se tratar de uma aula assistida pela professora Ana Paula Curado, pelo coordenador do grupo 430 e pela professora cooperante. No início da aula senti-me um pouco ansiosa.

Comecei por saudar os alunos à medida que iam entrando na sala. Após todos terem entrado, iniciei a aula com a chamada e com o registo do sumário, para que percebessem que esta já tinha começado. Posteriormente, expliquei-lhes que se tratava de uma aula de consolidação de conteúdos programáticos, e que para tal iríamos realizar um concurso: **“Quem quer ser empreendedor?”**. Senti que todos os alunos estavam entusiasmados, ouvi comentários positivos dos alunos (p.e. “que fixe, um concurso!”) que me encorajaram e me fizeram esquecer que estava a ser avaliada. Ao longo da realização da atividade, tentei sempre motivar os alunos para que fizessem um bom jogo. Esta

aula superou todas as minhas expectativas, correu muito bem. Não foi necessário forçar a constituição dos grupos nem dos elementos do júri. Fiquei surpreendida, pela positiva, porque até os alunos que não costumavam intervir nas aulas, estavam bastante participativos. Constatei, que todos os alunos estavam felizes com a realização do concurso.

Apesar de todo o envolvimento dos alunos, registei que existiam algumas lacunas em termos de conhecimentos. Principalmente, quando a professora cooperante manifestava algum descontentamento. A mais marcante, foi a pergunta sobre “o que significa empreendedorismo social?”, dado que os alunos tinham assistido há dois dias atrás a uma palestra sobre este assunto.

No fim do júri ter nomeado o vencedor, resolvi avançar com o jogo de forma a encontrar o segundo vencedor. Esta decisão deveu-se ao facto de os alunos estarem entusiasmados e de não querer quebrar o ritmo da aula. O júri estava a desenvolver o seu trabalho na perfeição, só quando existiam algumas dúvidas na validação das respostas é que os ajudava.

A segunda atividade, também, foi bastante engraçada, pois os alunos tinham que colocar no “placard” da **Árvore do conhecimento** uma palavra implícita ao módulo lecionado – Empreendedorismo e Inovação. Correu bem, mas no final percebi que primeiro deveria ter finalizado e recolhido os cartões do jogo e depois, sim, prosseguir para a segunda atividade. Muitos dos alunos aproveitaram o facto de terem os cartões em sua posse para retirar uma palavra e escreve-la no “post it”. Não tive tempo para a discussão, quando olhei ao meu redor já estavam os alunos levantados a colocar as palavras na Árvore do conhecimento. Posto isto, verifiquei que todos os alunos já tinham participado na atividade e finalizei a aula com a distribuição de uma sopa de letras, relativa às características comuns dos empreendedores. Como estava quase a tocar disse-lhes que, assim, que encontrassem três palavras podiam sair. E assim foi, à medida que iam encontrado as três palavras mostravam-me e pediam para sair.

Os recursos didáticos, referidos anteriormente, foram elaborados por mim. Tentei ser bastante rigorosa na sua elaboração, isto porque o objetivo era que os alunos participassem voluntariamente e que acima de tudo gostassem de estar na sala de aula. Assim sendo, criei as placas da pontuação em cartão e com paus de madeira; os cartões (55) foram elaborados no “PowerPoint”, recortados em retângulos e plastificados; o cronometro foi, também, elaborado no “PowerPoint”; o “placard” da pontuação no “Excel” e para as questões aleatórias recorri, também, ao “Excel” onde coloquei a fórmula “aleatória”. Para a segunda atividade fui procurar uma árvore ao “Google imagens” e imprimir em poster, onde escrevi “Árvore do Conhecimento”.

Após a aula refleti sobre ela e acho que não deveria ter prosseguido o jogo após a apuração do primeiro classificado, pois não restou muito tempo para a realização da segunda atividade, sendo um aspeto a melhorar no futuro.

Posteriormente à aula, analisaram-se os resultados obtidos com a realização do concurso “Quem quer ser empreendedor?” e com a atividade “Árvore do Conhecimento”. A figura 16 mostra de forma simplificada os resultados obtidos no concurso.

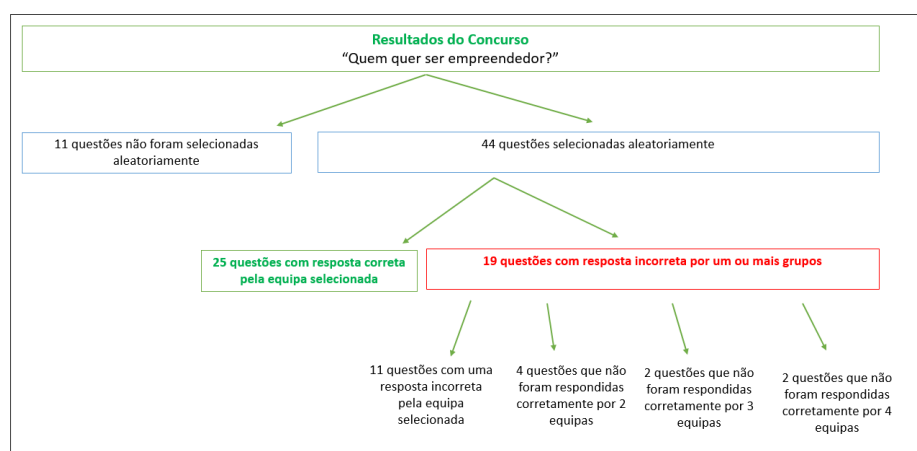


Figura 16 – Esquema simplificado dos resultados obtidos no concurso “Quem quer ser empreendedor”. Fonte: Elaboração Própria.

Assim sendo, das 55 questões, 11 não foram selecionadas aleatoriamente pelo “Excel”, sendo elas as seguintes:

Cartão 8	“Escolha a opção que lhe parece mais correta. Um dos obstáculos à criatividade... opção a) ...é a preguiça mental, opção b) ... são os grandes incentivos por parte das empresas, opção c) ... são as facilidades de imaginação”;
Cartão 11	“Escolha a opção que lhe parece mais correta. A inovação de produtos consiste na... opção a) ...implementação de um novo método de produção, opção b) ... implementação de novos métodos de <i>marketing</i> , opção c) ... introdução de um bem ou serviço significativamente melhorado”;
Cartão 12	“Indique três razões que levam as empresas a inovar”;
Cartão 15	“As inovações acompanham a evolução da Sociedade? Justifique a sua resposta”;
Cartão 21	Escolha a opção que lhe parece mais correta. As principais características das pessoas criativas são... opção a) ... autoestima, aptidões musicais e curiosidade, opção b) ...orientação para desafios, curiosidade e interesse, opção c) ... resistência à mudança, inteligência e curiosidade”;
Cartão 28	“Implementação de processos de fabrico novos ou significativamente melhorados”;
	“Eu tipo de inovação se trata?”;
Cartão 31	“Diga o que entende por criatividade”;
Cartão 33	“Considera que um empreendedor tem que ser organizado? Porquê?”;
Cartão 40	“Um problema pode-se tornar uma oportunidade? Justifique a sua resposta”;
Cartão 52	“Quando é que a inovação cria desemprego”;
Cartão 53	“De que forma se pode encontrar uma oportunidade de negócio?”.

Das 44 questões selecionadas aleatoriamente pelo Excel (figura 17), houve 19 questões que não tiveram resposta correta logo de imediato pela equipa selecionada, existindo, assim, necessidade de passar para a equipa ou equipas seguintes.

Equipas	Pontuação																				Total
Cartão n.º	29	20	34	54	9	47	51	7	6	10	1	35	2	32	5	45	4				
A	+10	+10	+10	-5	-5	-5	-5	+10	+10	+10	-5	-5	+10	-5	+10	-5	+10				
Cartão n.º	54	36	9	22	47	49	51	41	55	43	1	35	39								
B	-5	-10	0	-5	5	15	25	35	45	55	65	75	85								85
Cartão n.º	37	54	36	46	42	18	50	22	48	38	17	13	32	24	45						
C	+10	-5	-5	+10	+10	+10	-5	-5	-5	-5	+10	-5	-5	-5	-5						
Cartão n.º	54	23	36	50	47	25	51	14	48	26	38	19	13	32	24	45	27				
D	+10	+10	+10	-5	-5	+10	-5	-5	+10	+10	+10	+10	+10	-5	+10	-5	+10				
Cartão n.º	30	29	20	34	16	50	47	51	14	35	32	45	3	44							
E	+10	-5	-5	-5	+10	+10	-5	-5	+10	-5	-5	-5	+10	+10							

Figura 17 - Grelha de Pontuação do jogo "Quem quer ser empreendedor? Fonte: Elaboração Própria

De seguida apresentam-se as questões (cartões) que foram respondidas incorretamente pelos grupos, agrupadas pelo número de respostas incorretas.

Os resultados mostraram que houve 11 questões que não foram respondidas corretamente pela equipa selecionada, obtendo-se, assim, **1 resposta incorreta**. As questões foram as seguintes:

🚩 Cartão 1	“Diga o que entende por empreendedorismo”;
🚩 Cartão 9	“Escolha a opção que lhe parece mais correta. O processo de criatividade começa quando... opção a) ... se converte a ideia mental em ideia prática, opção b) ...se encontra um problema/necessidade, opção c) ambas as opções anteriores”;
🚩 Cartão 13	“A inovação cria sempre desemprego? Porquê?”;
🚩 Cartão 14	“Todas as inovações são complexas? Dê um exemplo”;
🚩 Cartão 20	“Escolha a opção que lhe parece mais correta. Muitas das ideias e inovações bem-sucedidas resultam de... opção a) ... observação atenta da realidade, opção b) ... melhorias de produtos já existentes, opção c) ... investimentos fortes em publicidade”;
🚩 Cartão 22	“Escolha a opção que lhe parece mais correta. Para aumentar a capacidade criativa poder-se-á... opção a) ... quebrar rotinas, desenhar e escrever, opção b) ...meditar e relaxar, opção c) todas as respostas anteriores”;
🚩 Cartão 24	“Escolha a opção que lhe parece mais correta. A razão possível para alguém se tornar empresário é... opção a) ... querer controlar o seu dinheiro, opção b) ... vontade de aceitar o desafio que uma nova empresa representa, opção c) todas as respostas anteriores”;
🚩 Cartão 29	“Implementação de novos métodos de <i>marketing</i> , envolvendo melhorias significativas no design do produto e embalagem. Que tipo de inovação se trata?”;
🚩 Cartão 34	“Considera que um empreendedor tem que ser persistente? Porquê?”;
🚩 Cartão 38	“Um empresário é um empreendedor?”;
🚩 Cartão 48	“Diga o que entende por <i>Brainstorming</i> ?”.

Houve 4 questões que não foram respondidas corretamente por 2 equipas, obtendo-se, assim, **2 respostas incorretas**, sendo elas as seguintes:

🚩 Cartão 35	“Considera que um empreendedor tem que ser criativo?”;
🚩 Cartão 36	“Considera que um empreendedor tem que ser líder? Porquê?”;
🚩 Cartão 50	“Apresente um exemplo de uma inovação em <i>marketing</i> ”;
🚩 Cartão 54	“O que são empreendedores sociais?”.

Os resultados mostraram, ainda, que houve 2 questões que foram respondidas incorretamente por 3 equipas, logo obteve-se **3 respostas incorretas**, sendo elas as seguintes:

🚩 Cartão 47	“Qual o plano que é utilizado habitualmente pelos empreendedores para traçarem o modelo de negócio?”;
🚩 Cartão 51	“Apresente um exemplo de uma inovação organizacional”.

Por último, houve duas questões que foram respondidas incorretamente por 4 equipas, obtendo-se **4 respostas incorretas**:

🚩 Cartão 45	“Indique dois obstáculos à criatividade”;
🚩 Cartão 32	“Identifique dois tipos de criatividade”.

Os resultados da grelha de pontuação (figura 17) mostram que houve mais respostas corretas do que incorretas, particularmente **25 questões foram respondidas corretamente**, logo à primeira, pelas equipas seleccionadas, sendo elas as seguintes:

🚩 Cartão 2	“Escolha a opção que lhe parece mais correta. O empreendedorismo é constantemente relacionado à criação de novos negócios. Por trás destes negócios estão indivíduos diferenciados, conhecidos por ... opção a) ... empreendedores, opção b) ... empresários, opção c) ... comerciantes”;
🚩 Cartão 3	“Escolha a opção que lhe parece mais correta. O empreendedorismo... opção a) ... contribui para o desemprego, opção b) ... oferece aos consumidores menos possibilidades de escolha, opção c) ... contribui para a competitividade”;
🚩 Cartão 4	“Indique duas características de um empreendedor”;
🚩 Cartão 5	“Que nome técnico se dá ao processo de discussão de novas ideias”;
🚩 Cartão 6	“Qual o ponto de partida para se encontrar uma oportunidade de negócio?”;
🚩 Cartão 7	“Escolha a opção que lhe parece mais correta. A criatividade é ... opção a) ... abertura de empresas, opção b) ... a faculdade de criar algo já conhecido por todos, opção c) ... a faculdade de criar algo novo”;
🚩 Cartão 10	“Escolha a opção que lhe parece mais correta. Invenção é diferente de inovação. A afirmação é ... opção a) ... verdadeira, porque invenção representa a criação de algo novo, enquanto que a inovação é melhorar algo que já existe, opção b) ... falsa, porque invenção é igual a inovação, ambas representam a criação de algo novo, opção c) ... verdadeira, porque inovação representa a criação de algo novo, enquanto que a invenção é melhorar algo que já exista”;
🚩 Cartão 16	“Qual deve ser o compromisso de uma empresa?”;
🚩 Cartão 17	“Indique quatro tipos de inovação”;
🚩 Cartão 18	“Escolha a opção que lhe parece mais correta: opção a) descender de uma família de empreendedores é a maior garantia de sucesso, opção b) a principal motivação do empreendedor é a vontade de ganhar dinheiro, opção c) o empreendedor deteta oportunidades de negócios que mais ninguém vê”;
🚩 Cartão 19	“Escolha a opção que lhe parece mais correta. Um empreendedor encara o insucesso como... opção a) ... forma de aprendizagem, opção b) ... um azar, opção c) ... sinal de que não tem perfil para ser empresário”;
🚩 Cartão 23	“Diga o que entende por inovação”;
🚩 Cartão 25	“Escolha a opção que lhe parece mais correta. Um dos efeitos indiretos mais relevantes da inovação... opção a) ... é a evolução das competências nucleares internas das empresas numa variedade de formas, opção b) ... é a imagem positiva da empresa que é passada para o mercado, opção c) ... é a rentabilidade anormal associada às invenções realizadas”;
🚩 Cartão 26	“Escolha a opção que lhe parece mais correta. Qual dos seguintes grupos pode constituir uma fonte importante de novas ideias... opção a) os funcionários da empresa, opção b) os concorrentes, opção c) os consumidores; opção d) todas as respostas anteriores”;
🚩 Cartão 27	“Introdução no mercado de produtos/serviços novos ou significativamente melhorados. Que tipo de inovação se trata?”;
🚩 Cartão 30	“Implementação de novos métodos organizacionais na prática do negócio. Que tipo de inovação se trata?”;
🚩 Cartão 37	“Considera que um empreendedor tem que ser talentoso? Porquê?”;
🚩 Cartão 39	“Qual a importância do empreendedorismo? (indique dois motivos)”;
🚩 Cartão 41	“Indique qual das situações A e B representa uma inovação. Opção A: durante muito tempo não se encontrou uso para a plasticina e por isso não foi lançada no mercado. Opção B: quando se descobriu que a plasticina poderia ser um brinquedo para as crianças foi comercializada”;
🚩 Cartão 42	“O que distingue a invenção da inovação?”;
🚩 Cartão 43	“Se o empresário abrir um restaurante num bairro em que já existem outros semelhantes, está a ser inovador? Justifique a sua resposta”;
🚩 Cartão 44	“Se o empresário abrir um restaurante com um conceito novo num determinado bairro, está a ser inovador? Justifique a sua resposta”;
🚩 Cartão 46	“Indique dois dos maiores empreendedores ao nível tecnológico”;
🚩 Cartão 49	“Qual o ponto de partida para se iniciar uma inovação?”;

Cartão 55 “Dos seguintes conjuntos (A e B) indique qual deles diz respeito às características de um empreendedor. Conjunto A: constrói, propõe, inova, cria, identifica oportunidades e faz as coisas certas. Conjunto B: gere, administra, controla a equipa, identifica problemas e faz corretamente as coisas”.

Finalmente, verificou-se, a partir da figura 17, que a equipa B foi a primeira a chegar aos 80 pontos. Neste caso, atingiu 85, ficando em segundo lugar a equipa D com 80 pontos.

Posteriormente, seguiu-se a análise dos resultados obtidos a partir da Árvore do conhecimento (figura 18).



Figura 18 - Árvore do Conhecimento elaborada na turma do 3.º C do Curso Técnico de Gestão.

Assim sendo, os resultados mostram os conceitos que os alunos mais memorizaram ao longo do módulo 16 - Inovação e Empreendedorismo. Os conceitos foram os seguintes:

“Dinheiro, ideia, *brainstorming*, empresário, persistente, marketing, empreendedor, produtividade, meditar, produto, transformação, sucesso, vender, inovação e criativo”.

Obtiveram-se, somente, 15 respostas, por motivos de ausência de alunos.

Esta atividade permitiu que os alunos participassem ativamente no processo de ensino-aprendizagem, identificando os conteúdos programáticos que aprenderam em contexto de sala de aula.

A partir das respostas obtidas pelos alunos construiu-se a tabela que consta na figura 19. Esta tabela representa os vários conteúdos que foram lecionados nas aulas (recursos necessários para o empreendedorismo, estratégias para construção de ideias, agentes envolvidos na criação de negócios, características dos empreendedores, tipos de inovação e objetivos do empreendedorismo).

Verificou-se que os alunos consideraram que os recursos necessários para se iniciar um negócio estão relacionados com “dinheiro”; que a construção de ideias pode surgir através de uma “ideia espontânea”, do “*brainstorming*”, da “criatividade” e da “meditação”; que os agentes envolvidos no empreendedorismo são os “empresários” e os “empreendedores”; que as características que estes agentes devem possuir são a “persistência” e “perfil de vendedor”. Relacionado com os tipos de inovação, foram referidos os conceitos de “marketing”, “transformação”, “inovação” e “produto”. Por último, os objetivos do empreendedorismo foram, para estes alunos, o “sucesso” e “produtividade”.

Recursos	Construção de ideias	Agentes	Características dos empreendedores	Tipos de inovação	Objetivos do empreendedorismo
Dinheiro	Ideia	Empresários	Persistência	<i>Marketing</i>	Sucesso
	<i>Brainstorming</i>	Empreendedores	Perfil de vendedor	Transformação	Produtividade
	Criatividade			Inovação	
	Meditação			Produto	

Figura 19 – Conceitos referidos pelos alunos sobre o módulo 16 – Inovação e Empreendedorismo agrupados em categorias.

A partir destes resultados verificou-se que foram apresentados os mais relevantes sobre este tema.

Ao longo das estratégias de ensino desenvolvidas ao longo da unidade 16 – Inovação e Empreendedorismo, tentou-se incutir nos alunos competências empreendedoras e, também, incentivá-los a participarem ativamente no processo de ensino-aprendizagem. A próxima secção visa analisar a influência do concurso de Ideias Intermunicipal no desenvolvimento de competências empreendedoras e ao nível das atitudes (empenho, participação e interesse pelas atividades letivas).

PARTE III – CONCURSOS DE EMPREENDEDORISMO E A SUA INFLUÊNCIA NO DESENVOLVIMENTO DE COMPETÊNCIAS

3.1. Competências Empreendedoras dos Alunos do 3.º C do Curso Técnico de Gestão

Para analisar as competências empreendedoras dos alunos recorreu-se ao questionário disponibilizado pelo Ministério de Educação. Este questionário encontrava-se dividido em quatro secções (anexo A): secção A – “Sobre ti”; secção B – “Sobre Ti e a tua Escola”; secção C – “Sobre as tuas capacidades e atitudes” e secção D – “A tua futura carreira”. Cada uma destas secções estão distribuídas em 6 categorias (caracterização do aluno e ambiente familiar, perceção do aluno; conhecimento empreendedor, capacidades empreendedoras, atitudes empreendedoras e intenções empreendedoras), tal como é apresentado no anexo B.

Após o tratamento de dados (Apêndice O) analisou-se cada uma das categorias. Desta forma, verificou-se que na categoria **caracterização do aluno e ambiente familiar** a maioria dos alunos eram do sexo feminino (65%), possuíam 19 anos (73%), já participaram em atividades relacionadas com o empreendedorismo (54%), nunca tiveram experiências de voluntariado (85%), não trabalharam fora da Escola (69%), nunca participaram em atividades e projetos fora da Escola (58%) e pretendiam prosseguir os estudos para o ensino superior (58%). Estes dados são apresentados de forma sintética na figura 20.

Relativamente aos pais e/ou encarregados de educação dos alunos a maioria são de nacionalidade portuguesa (69%), possuíam a escolaridade até ao 9.º ano e não possuem experiências anteriores em matéria de criação de negócios (69%).

No que diz respeito, à **perceção dos alunos**, analisaram-se três subcategorias (figura 21), nomeadamente, a mentalidade empreendedora, o ambiente escolar e os métodos de ensino e, por último, as práticas na sala de aula.



Figura 20 – Caracterização dos alunos inquiridos. Fonte: Elaboração Própria

Sobre a mentalidade empreendedora constatou-se que metade dos alunos (50%) concordaram que, geralmente, são os primeiros a sugerir uma solução para um problema. Contudo, apenas 30% dos alunos referiram que continuam a tentar até encontrar a solução para um problema e a ver oportunidades onde mais ninguém vê (19%). Ainda, sobre esta categoria, analisaram-se os métodos de ensino e o ambiente escolar. Assim sendo, verificou-se que uma pequena percentagem dos alunos concordaram que a escola os ensinou a pensar de forma criativa (31%), a propor ideias (23%) e a pôr as ideias em ação (27%).

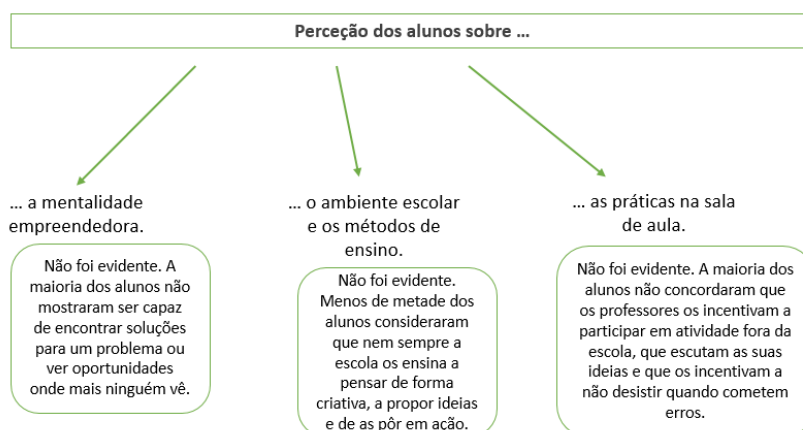


Figura 21 –Percepção dos alunos do 3.º C sobre a sua mentalidade empreendedora, o ambiente escolar, os métodos de ensino e as práticas na sala de aula. Fonte: Elaboração Própria.

No que diz respeito, às práticas realizadas na sala de aula, os resultados foram idênticos, isto é, alguns alunos concordaram que os professores os incentivaram a participar em atividades fora da sala de aula (19%), que escutaram as suas ideias (19%) e que lhes disseram que não há problemas de cometerem erros (31%).

Em relação ao **conhecimento empreendedor** analisou-se o potencial comportamento e compreensão dos conceitos-chave associados ao empreendedorismo (figura 22). Assim sendo, constatou-se que mais de metade dos alunos (54%) consideraram que as pessoas criam negócios por razões diferentes, nomeadamente para fazer dinheiro, ajudar os outros e fazer uma coisa diferente. Para além disso, a maioria dos alunos, também, concordaram que algumas ideias de negócio funcionam e outras não (73%). No entanto, apenas 38% dos alunos conheceram o papel que os empreendedores desempenham na sociedade, sendo que somente 12% dos alunos afirmaram que a escola os ensinou a criar um negócio e a conhecer o papel que os empreendedores desempenham na nossa sociedade, bem como a avaliar uma ideia de negócio (19%).

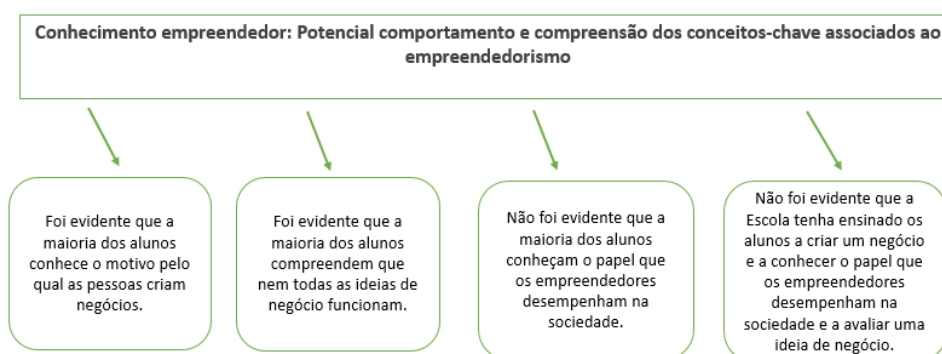


Figura 22 – Conhecimento empreendedor dos alunos do 3.ºC. Fonte: Elaboração Própria.

Em relação às **capacidades empreendedoras** dos alunos, estas foram analisadas através de oito aspetos (figura 23): 1) autoconfiança e autoestima, 2) criatividade e inovação, 3) proatividade e a capacidade de resolução de problemas, 4) gestão da incerteza (persistência e tolerância ao risco), 5) literacia financeira, 6) mobilização e gestão de recursos (relações interpessoais), 7) planeamento e organização e 8) trabalho em grupo.

No que diz respeito ao primeiro aspeto, autoconfiança e autoestima, verificou-se que nem todos os alunos, menos de metade (42%), reconheceram as capacidades que possuíam em relação ao saber fazer com sucesso determinadas tarefas. No entanto, metade dos alunos mostraram-se satisfeitos e realizados pessoalmente, afirmando serem capazes de resolver problemas e de arriscar.

Em relação ao segundo aspeto, criatividade e inovação, constatou-se que uma pequena percentagem dos alunos se consideraram capazes de propor novas ideias e encontrar soluções novas e diferentes (27%). Em relação à proatividade e à capacidade de resolver problemas, menos de metade dos alunos mostraram ser capaz de resolver problemas de forma energética, autónoma e com iniciativa própria (23%). Verificou-se, ainda, que em média, somente 30% dos alunos mostraram capacidade para continuar apesar dos contratempos e predisposição para encontrar alternativas, vontade de assumir riscos e lidar com a incerteza.

Relativamente à literacia financeira, os resultados indicam que apenas 19% dos alunos concordaram que eram capazes de ler e interpretar demonstrações financeiras e que eram capazes de estimar um orçamento para um novo projeto e controlar os seus custos (23%). No que se refere às relações interpessoais, cerca de 40% dos alunos argumentaram que eram capazes de fazer/estabelecer parcerias para alcançar objetivos e de trabalhar em rede, como por exemplo contactar outras pessoas e trocar informação.

No que concerne à capacidade para planear e organizar as tarefas, somente 38% dos alunos referiram que foram capazes de criar um plano para um projeto, de organizar as tarefas

e de definir os seus objetivos (46%). Por último, mais de metade dos alunos mostraram capacidade para trabalhar em grupo, nomeadamente de realizar tarefas com outras pessoas (62%), de defender ideias e opiniões quando estão a trabalhar em grupo (54%) e de participar ativamente no trabalho de grupo (58%).

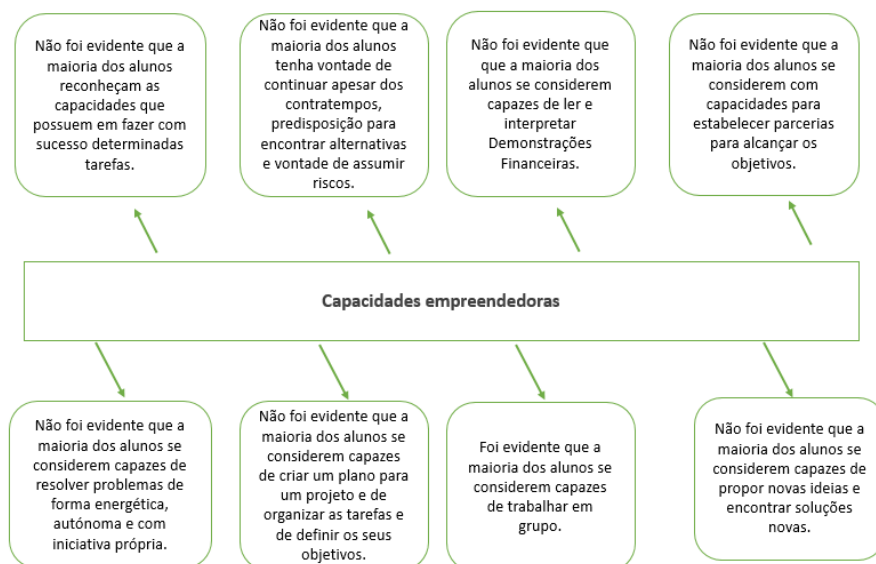


Figura 23 - Capacidades empreendedoras dos alunos do 3.º C. Fonte: Elaboração Própria.

Constatou-se que as **atitudes dos alunos para o empreendedorismo** foram satisfatórias. Mais de metade dos alunos concordaram que era útil criar um negócio (96%), que é gratificante e positivo (88%), mostrando vontade de ter uma profissão que permita encontrar novas formas de resolver problemas (62%) e de trabalhar seguindo as suas próprias ideias e tarefas (85%). Finalmente, analisou-se a **intenção dos alunos para o empreendedorismo**, verificando-se que menos de metade dos alunos (36%) tinha a intenção de criar um negócio quando terminar a escola ou de ser patrão no futuro (46%).

A próxima secção visa apresentar a influência que a participação no concurso de Ideias Intermunicipal desenvolveu nos alunos.

3.2. O Concurso de Ideias Intermunicipal e a sua Influência no Desenvolvimento de Competências nos alunos do 3.º C do Curso Técnico de Gestão

Os alunos do 3.º C do curso Técnico de Gestão, em complemento das atividades letivas tiveram a oportunidade de participar numa atividade extracurricular, isto é, no concurso de Ideias Intermunicipal.

Este concurso, de acordo com o regulamento¹⁷, teve como “objetivo sensibilizar e motivar os jovens para as práticas empreendedoras, promovendo o espírito de iniciativa e dinamismo. Estas práticas empreendedoras devem pressupor uma preocupação com o impacto que os projetos podem ter para a região de Leiria”.

Para este concurso, os alunos tiveram de apresentar ideias de negócio de qualquer área de atividade (produtos ou serviços), com as seguintes características: “inovadoras, podendo dar origem ao aparecimento de um novo produto ou serviço; originais; úteis e exequíveis; economicamente vantajosas, apresentando potencial competitivo; relevantes para o território da CIMRL”.

Nele podiam participar escolas de 10 municípios da região de Leiria (Alvaiázere, Ansião, Batalha, Castanheira de Pera, Figueiró dos Vinhos, Leiria, Marinha Grande, Pedrogão Grande, Pombal e Porto de Mós). Os trabalhos foram avaliados de acordo com os seguintes critérios: “grau de inovação da ideia (30%); exequibilidade da ideia (25%); qualidade da apresentação (20%); desenvolvimento da ideia (15%); impacto para o território da CIMRL (10%).

As equipas podiam ser constituídas por 3 alunos, com limite de idade de 23 anos. Foram atribuídos três prémios às equipas com melhor classificação: primeiro prémio - uma viagem a Madrid; segundo prémio – uma viagem aos Açores e terceiro prémio – uma viagem a S. João da Madeira e Oliveira de Azeméis.

Para tentar compreender a influência que este concurso desenvolveu nas competências empreendedoras e ao nível das atitudes (perante a disciplina de Gestão) dos alunos foi efetuado um questionário (apêndice B) e uma entrevista (apêndice A). A entrevista serviu para tornar mais claro o objetivo deste estudo.

17 https://www.cimregiaodeleiria.pt/files/empreendedorismo_docs/Regulamento_Intermunicipal_2016.pdf

Questionário

Em relação ao questionário, este foi aplicado a todos os alunos da turma, tendo como principal finalidade compreender os aspetos positivos e negativos que resultaram da participação dos alunos no concurso. Este também permitiu compreender o efeito de mudança que desenvolveu nos alunos, em relação aos conhecimentos sobre o empreendedorismo, na intenção dos alunos para criarem um negócio e em relação à disciplina de Gestão.

Após a análise dos dados, verificou-se que dos 26 alunos, 8 deles submeteram a candidatura ao Concurso de Ideias Intermunicipal. Os alunos que não submeteram a candidatura referiram que não o fizeram devido à falta de ideias, de não gostarem de trabalhar em grupo, à falta de tempo, desmotivação e desinteresse, sendo confirmado pelas respostas apresentadas na tabela 1.

Categoria	Unidades de registo			Indicadores
	Resposta positiva	Resposta negativa	Se não porquê?	
Submissão da candidatura ao concurso de ideias	8	18	"não encontrei a ideia certa para participar".	Falta de ideias
			"a nossa ideia de negócio não era viável".	
			"falta de ideias".	
			"não achei nenhuma ideia interessante".	
			"achei que não era uma ideia boa".	
			"não tive nenhuma ideia".	
			"não tínhamos a ideia bem construída".	
			"falta de ideias".	
			"não tive nenhuma ideia".	
			"a minha ideia não era suficientemente boa".	
			"porque não tinha nenhuma ideia boa o suficiente para ganhar".	
			"não tive nenhuma ideia interessante".	
			"não gosto de trabalhar em grupo".	Não gosto de trabalhar em grupo
			"não tive tempo".	Falta de tempo
			"falta de tempo".	
"falta de tempo".				
"porque as ideias que eu dei, disseram-me que já existia, apesar de eu não conhecer nenhuma".	Desmotivação			
"não tive interesse".	Desinteresse			
Total de respostas	26			

Tabela 1 – Matriz de conteúdos acerca da submissão da candidatura ao concurso de Ideias Intermunicipal. Fonte: Elaboração Própria

O gráfico 6 mostra o efeito de mudança que a participação no concurso desenvolveu nos alunos. Assim, verificou-se que 2 alunos não responderam. Das 24 respostas obtidas, constatou-se que 7 alunos, ou seja 29%, consideraram que a participação no concurso aumentou o interesse pelas atividades letivas, particularmente na disciplina de Gestão (A1).

No que diz respeito à obtenção de informações básicas para se iniciar um negócio (A2), apenas 8 alunos, 33%, consideraram que houve essa aprendizagem.

Constatou-se, também, que grande parte dos alunos, ou seja 46%, não souberam autoavaliar o nível de conhecimentos adquiridos no âmbito do empreendedorismo (A3). Apenas 7 alunos, 29%, concordaram que aprenderam possíveis fontes de financiamento externo (A4) e 8 alunos, 33%, não tiveram opinião sobre este assunto. Por último, 11 alunos, 46%, manifestaram interesse para a criação de um negócio no futuro.

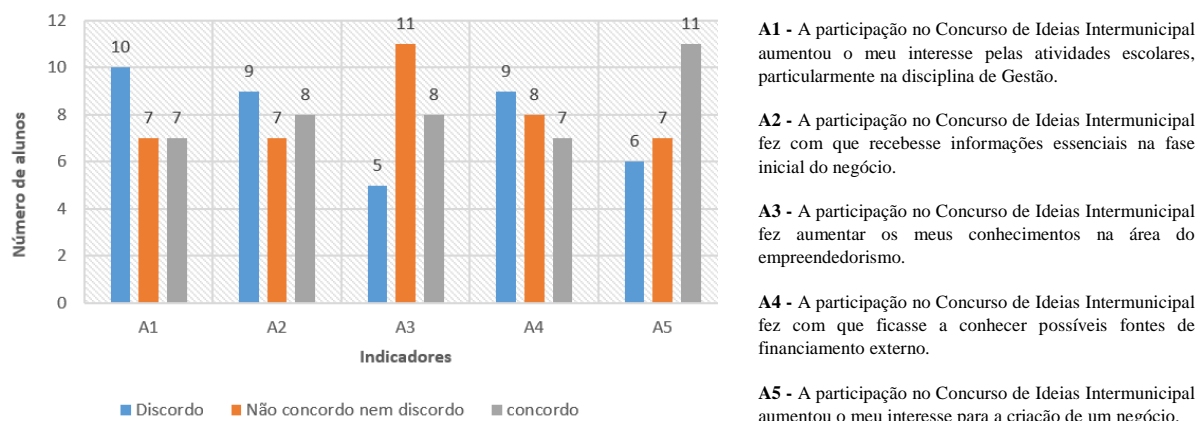


Gráfico 6 – Resultados da participação no Concurso de Ideias Intermunicipal

A tabela 2 mostra os aspetos positivos e negativos resultantes da participação dos alunos no Concurso de Ideias Intermunicipal.

Os conhecimentos, as aprendizagens, o interesse pelo empreendedorismo, o desenvolvimento da criatividade, a implementação de ideias, as diversas formas de ganhar dinheiro e a persistência foram os aspetos positivos mais referidos pelos alunos.

Pelo contrário, a frustração por não ter encontrado uma ideia de negócio, o desinteresse, o trabalho em grupo, o aumento do trabalho para além das atividades escolares, o facto de ser muito trabalhoso desenvolver um projeto, o pouco tempo e a pouca ajuda, foram os aspetos negativos mais considerados pelos alunos. Estes aspetos são confirmados pelas respostas constantes na tabela seguinte.

Categoria	Unidades de registo		Indicadores
	Aspetos positivos	Aspetos negativos	
Aspetos positivos e negativos da participação no concurso de ideias	"Fiquei a saber um pouco mais sobre ser empreendedor".		Conhecimento/aprendizagem
	"mais conhecimentos".		
	"melhor conhecimento na área do empreendedorismo".		
	"alargar os conhecimentos da disciplina".		
	"perceber mais sobre o empreendedorismo".		
	"aprendi muitos conceitos relacionados com o empreendedorismo".		
	"aprendi coisas novas, como saber aproveitar as necessidades para criar uma forma de rendimento".		
	"aprendizagem".		Interesse pela área
	"aumentou o meu interesse pelas várias áreas relacionadas com o empreendedorismo".		
	"despertou o meu interesse".		Desenvolvimento da criatividade (ideias)
	"desenvolveu a nossa criatividade".		
	"aumentou a minha criatividade".		Implementação da ideia
	"uma maior capacidade de desenvolver ideias".		
	"a pôr a minha ideia em prática".		Formas de ganhar dinheiro
	"que criar um negócio dá muito dinheiro".		
	"Criar um negócio bem sucedido é ótima e ganha-se muito dinheiro".		Persistência
	"a insistir na minha ideia e a pô-la em prática".		
		"não ter conseguido arranjar o produto certo para enviar".	Frustração por não ter arranjado uma ideia de negócio
		"não conseguir achar uma ideia de negócio viável".	
		"que é muito difícil se não estivermos empenhados a 100%".	desinteresse
		"ter de trabalhar em grupo".	Trabalho em grupo
		"fez com que aumentasse o trabalho escolar".	Aumento de trabalho para além da atividade escolar
		"muito trabalho".	Trabalhoso
		"muito trabalho".	
		"não ter tido tempo para realizar da melhor forma o projeto".	Pouco tempo
		"a ajuda é limitada".	Pouca ajuda
Total de respostas	17	9	
Total de respostas nulas	9	17	

Tabela 2 – Matriz de conteúdos sobre a participação dos alunos no concurso de Ideias Intermunicipal. Fonte: Elaboração Própria

Entrevista

No que diz respeito à entrevista, esta foi aplicada a 6 alunos (3 alunos que submeteram o projeto no concurso de ideias e outros 3 que não submeteram) e visava compreender, como é que a participação dos alunos no concurso de Ideias Intermunicipal influenciou o desenvolvimento de competências empreendedoras e ao nível das atitudes (empenho, participação e interesse pelas atividades letivas).

O guião da entrevista (apêndice A) incidiu, essencialmente, em três grupos de questões, nomeadamente questões introdutórias, questões sobre a disciplina de Gestão e o curso e questões sobre a participação no concurso de ideias intermunicipal.

Após o tratamento dos dados (apêndice P), segue-se a narração dos resultados. Desta forma, a partir da matriz de conteúdos simplificada (tabela 3) analisou-se cada uma das categorias.

Categoria	Subcategoria	Indicadores	Unidade de Registo					
			A1	A2	A3	A4	A5	A6
Perceções dos alunos sobre a disciplina de Gestão e o Curso Técnico de Gestão	Satisfação com o Curso Técnico de Gestão	Mudaria de curso	X	X	X		X	
		Não mudaria de curso				X		X
	Expectativas	Positiva (em relação a uma aprendizagem mais prática)	X	X		X	X	X
		Negativa (em relação a uma aprendizagem mais difícil)			X			
	Área com mais interesse	Marketing	X		X		X	
		Recursos Humanos		X				
		Produção/Qualidade				X		
		Finanças						X
	Atitude e postura	Falta de empenho, participação e interesse	X	X			X	
		Forte participação, interesse e empenho			X	X		X
Perceções dos alunos sobre a participação no curso de Ideias Intermunicipal e a sua influência no processo de ensino-aprendizagem na disciplina de Gestão	Satisfação	Positiva (considerado uma oportunidade, útil para o futuro, novas aprendizagens, nova experiência)	X	X	X	X	X	X
	Aprendizagem	Vários conhecimentos relacionados com o empreendedorismo (ajuda para a PAP, que nenhuma ideia é ridícula, a importância do empreendedorismo em todas as vertentes da vida, o modo como se pode apresentar um projeto).	X	X	X	X	X	X
	Visão diferente perante a disciplina de Gestão	Positiva (oportunidade de aprender coisas novas relacionados com a matéria de Gestão)	X	X		X		X
		Negativa (a participação no concurso não fez com que a disciplina de gestão fosse vista de maneira diferente)			X		X	
	Conhecimentos técnicos para criar um negócio	Aquisição de bases para a criação de uma empresa	X	X	X	X	X	X
	Associação da disciplina de Gestão ao Concurso	Ligação da teoria à prática	X	X	X	X	X	X
	Influência do concurso na possibilidade de criar um negócio	Positiva (influenciou a possibilidade de criar um negócio)	X			X	X	X
		Negativa (não houve influência do concurso na possibilidade de criar um negócio)		X	X			
	Influência no concurso na capacidade reflexiva e participativa face à vida social	Positiva (influenciou a capacidade participativa)	X	X		X	X	
		Não houve alteração (já existia a capacidade participativa)			X			X
	Interesse pela pesquisa de novas informações sobre o empreendedorismo	Aumentou a curiosidade na pesquisa de novas informações sobre o empreendedorismo	X	X	X	X	X	X

Tabela 3 – Matriz de Conteúdos simplificada com os resultados das entrevistas. Fonte: Elaboração Própria.

Relativamente às **questões introdutórias**, constatou-se que todos os alunos entrevistados tinham 18 anos e que indicaram como disciplinas preferidas, o inglês (2 alunos), Gestão (1 alunos), Economia (1 aluno), Educação Física (1 aluno) e Contabilidade e Fiscalidade (1 alunos). Desta forma, verificou-se que nem todas as disciplinas referidas foram da área técnica (Gestão, Economia e Contabilidade e Fiscalidade).

No que diz respeito ao conjunto de **questões sobre as percepções dos alunos sobre a disciplina de Gestão e o curso técnico de Gestão**, verificou-se que a maioria dos alunos entrevistados mudariam de curso (gráfico 7), confirmado pelas seguintes respostas:

“Não. Escolhia turismo, mas não escolhi por influência de familiares. Naquela altura gostava de números e achava que era um curso com saída e como não sabia o que queria fazer então decidi seguir gestão” – A1; “Acho que escolheria Contabilidade porque no estágio fazemos mais contabilidade do que gestão e assim dava-me mais jeito” – A2; “Boa pergunta, eu queria teatro, mas os meus pais não me deixaram ir para Lisboa” – A3; “Provavelmente não. Pensei que fosse um curso diferentes, se fosse hoje escolhia desenho de moldes” – A5.

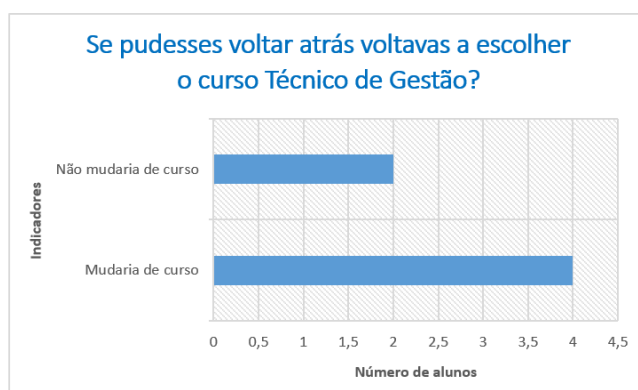


Gráfico 7 – Satisfação dos alunos entrevistados com o curso Técnico de Gestão. Fonte: Elaboração Própria.

Em relação às expectativas iniciais que os alunos entrevistados detinham acerca da disciplina de Gestão, constatou-se que foi ao encontro daquilo que esperavam, que era uma aprendizagem mais prática (Gráfico 8). Este indicador foi afirmado pelas seguintes opiniões:

“Sim, acho que sim, porque eu tinha aquela ideia de criar um negócio e foi mais ou menos isso que aprendemos” – A1; “Sim, porque é uma disciplina muita prática e era aquilo que eu achava inicialmente” – A2; “Sim, correspondeu às minhas expectativas, tirando algumas disciplinas, mas no geral gostei” – A4; “Sim, estava à espera de aprender aquilo que aprendi ao longo da disciplina” – A5; “Surpreendeu – me, porque estava à espera de uma disciplina mais chata e afinal não é (...) gosto muito de gestão” – A6.

Contudo, houve um aluno entrevistado que referiu que a disciplina de Gestão não correspondeu às expectativas iniciais que detinha acerca da disciplina, dado se tratar de uma disciplina difícil:

“Não, estava à espera de uma coisa mais soft, com menos contas (...) a contabilidade mais de contas e a gestão mais teórica” – A3.

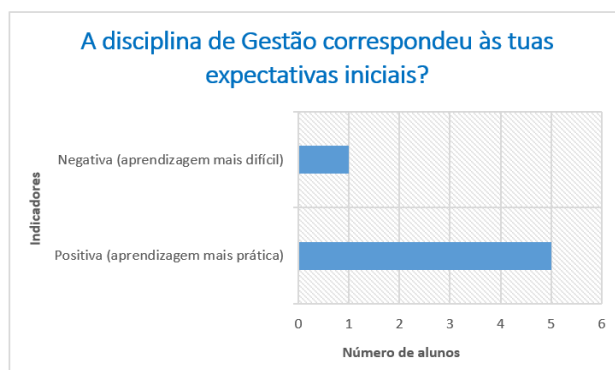


Gráfico 8 – Expectativas dos alunos entrevistados em relação à disciplina de Gestão. Fonte: Elaboração Própria.

De todas as áreas específicas da disciplina de Gestão, os alunos entrevistados referiram que gostaram mais da área do *Marketing* (gráfico 9).

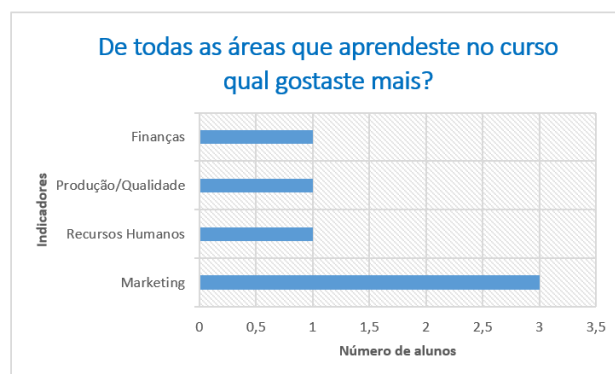


Gráfico 9 – Áreas do curso com mais interesse para os alunos entrevistados. Fonte: Elaboração Própria.

Relativamente, à perceção dos alunos entrevistados sobre a postura e as atitudes que adotam nas aulas de Gestão (gráfico 10) as respostas encontram-se divididas entre dois aspetos antagónicos. Por um lado, metade dos entrevistados consideraram-se desinteressados com fraco empenho e participação:

“Poderia ter mais empenho do que aquele que tenho. Tenho noção disso. O interesse não é muito, porque não é aquilo que quero, mas quando me dou ao trabalho de aprender, até participo” – A1; “É assim se a disciplina fosse diferente, talvez me cativasse mais a participar” – A2 e “Participo pouco, poderia ter mais interesse, mas se não gosto ou não percebo perco o interesse e o empenho” – A5.

Por outro lado, os outros três alunos entrevistados consideraram-se participativos, empenhados e interessados:

“É assim eu acho que em todas as disciplinas sou uma aluna participativa e que se interessa pelas aulas” – A4; “Eu acho que sou participativo e empenhado. Tento fazer de tudo para aprender mais” – A6 e “Tenho interesse, mas sou pouco participativa porque sou tímida” – A3).

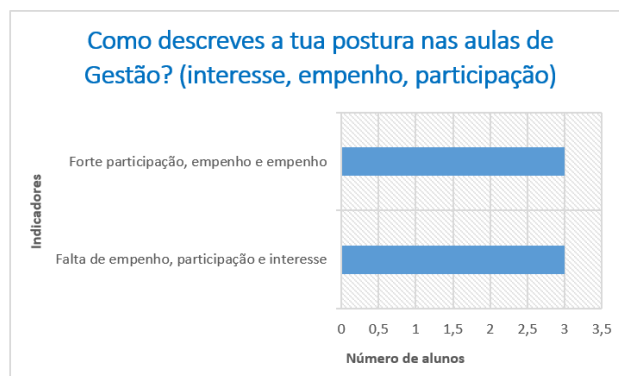


Gráfico 10 – Atitude e postura dos alunos entrevistados nas aulas de Gestão. Fonte: Elaboração Própria.

De seguida são apresentadas as **perceções dos alunos sobre a participação no concurso de Ideias Intermunicipal e a sua influência no processo de ensino-aprendizagem**, particularmente na disciplina de Gestão.

Em primeiro lugar, é importante referir que todos os alunos entrevistados gostaram de participar no concurso (gráfico 11), apontando como principais razões, o facto de ter utilidade para o futuro, a aquisição de novas aprendizagens e experiências, bem como se tratar de uma oportunidade única. Estes aspetos foram confirmados com as seguintes respostas:

“Sim, porque foi uma oportunidade para nós de fazermos algo que criássemos e gostássemos” – A1; “Sim gostei, é um concurso diferente, nós não estávamos habituados a participar em concursos e gostei. Acho que é importante mesmo ao nível de novas ideias que possamos ter e até para o nosso futuro” – A2; “Sim, foi interessante, mas não gosto de trabalhar em grupo” – A3; “Gostei porque já tinha um produto inovador e aprendi uma nova forma de o dar a conhecer” – A4; “Gostei, foi uma experiência nova. Daqui a alguns anos posso lançar um produto no mercado” – A5; “Sim, porque é uma oportunidade para nós investirmos em algo que gostássemos” – A6.

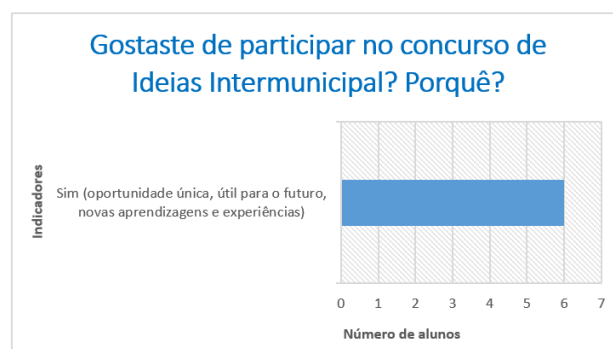


Gráfico 11 – Satisfação dos alunos entrevistados em relação à participação no concurso de Ideias Intermunicipal. Fonte: Elaboração Própria.

Para além deste aspeto, os alunos entrevistados argumentaram que aprenderam bastante sobre o empreendedorismo (gráfico 12), como por exemplo, que nenhuma ideia é ridícula, a importância do empreendedorismo em todas as vertentes da vida, o modo como se pode apresentar um projeto e a aquisição de conhecimentos para a elaboração da Prova de Aptidão Profissional, justificado da seguinte forma:

“Aprendi que nenhuma ideia é má, podemos ter uma ideia e se juntarmos a mais pessoas podemos criar uma ideia nova” – A1; “Nós falamos muito sobre empreendedorismo e inovação. Aprendemos que devemos ser empreendedores, embora eu não veja que nós, turma, sejamos empreendedores, nem inovadores. Não há muita preocupação com isso (...) mas uma coisa que aprendi é que é importante sermos empreendedores em qualquer coisa que façamos, não só nos nossos trabalhos, mas também na nossa vida” – A2; “Então (...) eu aprendi o que era o empreendedorismo” – A3; “Aprendi que nenhuma ideia é ridícula” – A5; “Aprendi que não se pode desistir à primeira e que temos que lutar se quisermos lançar algo novo no mercado” - A6; “Aprendi coisas novas para a minha PAP” – A4.

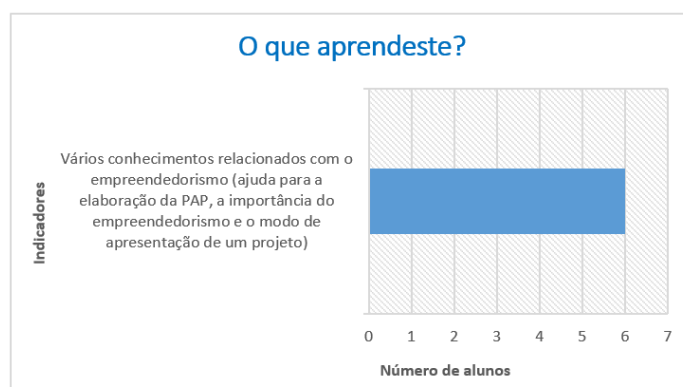


Gráfico 12 – Aprendizagens obtidas dos alunos entrevistados com a participação no concurso de Ideias Intermunicipal. Fonte: Elaboração Própria.

Em relação à disciplina de Gestão, os alunos entrevistados referiram que a participação no concurso fez com que encarassem a disciplina de uma forma diferente (gráfico 13), dado ao facto de terem tido a oportunidade de aprender conteúdos novos relacionados com a gestão empresarial. Estes aspetos foram confirmados pelas seguintes respostas:

“Sim, eu achava que a matéria que estivemos a aprender só se adequava a empresas e tive a oportunidade de ver que também se aplica a produtos e ideias novas (...) foi muito bom (...) se soubesse tinha participado em outros concursos ao longo do curso” – A1; “Acho que sim, até porque com este módulo tivemos a oportunidade de participar em palestras que foram bastante interessantes e que gostei muito” – A2; “Sim, aumentou mesmo muito e em relação ao empreendedorismo fez com que visse o aspeto mais prático” – A4; “Sim, comecei a gostar mais da disciplina de gestão, uma vez que conheci coisas novas que desconhecia” – A6.

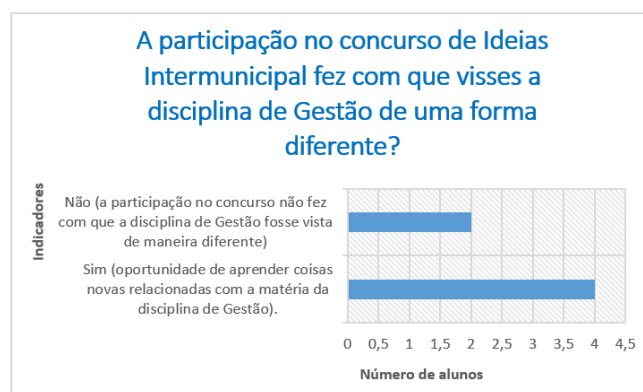


Gráfico 13 – A influência do concurso de Ideias Intermunicipal na forma como os alunos entrevistados encaram a disciplina de Gestão. Fonte: Elaboração Própria.

Todos os alunos entrevistados referiram que a participação no concurso permitiu a aquisição de bases para a criação de uma empresa, sendo capazes de o realizar neste momento (gráfico 14). Este aspeto é confirmado pelas seguintes respostas:

“Acho que sim. A minha PAP é sobre a criação de uma Agência de Viagens (...) o concurso ajudou-me a orientar a minha PAP, tornando-a mais fácil” – A1; “Acho que sim, mas precisava de uma ideia viável, mas acho que sim, tivemos bases para podermos mais tarde criar um negócio” – A2; “Provavelmente ia dar para o torto, mas sim, já tenho as bases” – A3; “Sim, com algum incentivo e motivação acho que conseguia” – A4; “Acho que sim, mas com ajuda. Ainda sou muito novo” – A5; “Acho que sim, pelo menos tenho as bases” – A6”.

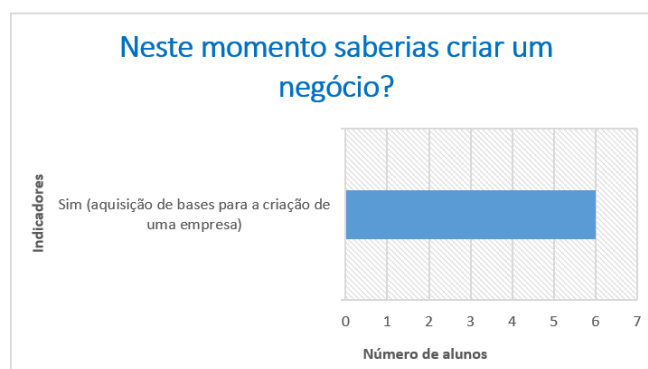


Gráfico 14 - A influência do concurso de Ideias Intermunicipal na tomada de decisão dos alunos entrevistados para a criação de um negócio. Fonte: Elaboração Própria.

Para além deste aspeto, todos os alunos entrevistados mencionaram, também, que a participação no concurso permitiu ligar a teoria à prática (gráfico 15), obtendo-se as seguintes opiniões:

“Sim. Dá para conciliar tudo o que aprendemos nas aulas, é muito mais fácil ligar a teoria à prática” – A1; “Acho que sim, porque permite ligar a teoria à prática” – A2; “Sim, porque aprendi o que se faz na prática” – A3; “Sim, aprendi a ver a realidade (...) arrependo-me de não ter participado em mais concursos” – A4; “Sim, acaba por ser aulas diferentes e desperta

o interesse dos alunos e aprendemos mais, uma vez que são aspetos ligados à realidade” – A5; “Para além de ter aumentado o meu interesse pela disciplina, fez com que fossem dados exemplos práticos” – A6.

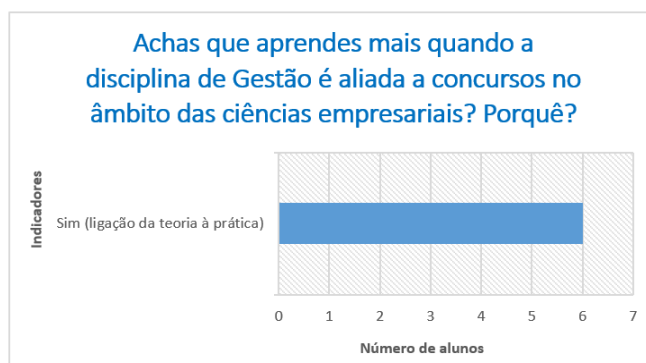


Gráfico 15 – A percepção dos alunos entrevistados em relação à ligação da disciplina de Gestão com os concursos no âmbito das ciências empresariais. Fonte: elaboração Própria.

A participação no concurso aumentou a curiosidade a todos os alunos entrevistados para a pesquisa de mais informações sobre o tema (gráfico 16), sendo confirmado pelas seguintes respostas:

“Sim, pesquisei algumas coisas mas acho que ainda não tenho esse interesse” - A1; “Sim, até porque para o trabalho final do módulo, vamos ter que fazer essa pesquisa” – A2; “Sim, por acaso sim, porque pesquisei alguma coisas para o trabalho” – A3; “Sim, até porque já fui pesquisar algumas temas sobre o empreendedorismo” – A4; “Sim já fui procurar para saber mais” – A5; “Sim, já tive essa curiosidade” – A6.

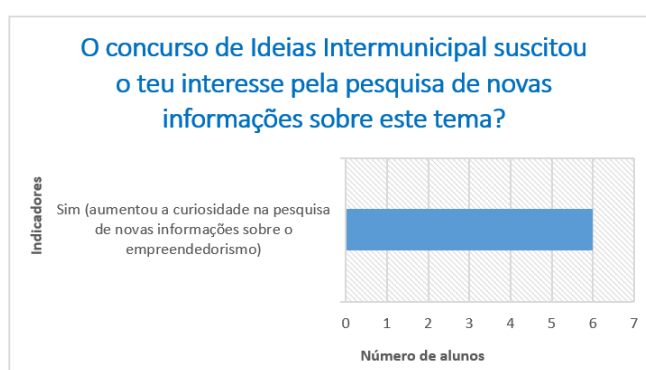


Gráfico 16 - A influência do concurso de Ideias Intermunicipal na forma como os alunos entrevistados ganham interesse na pesquisa de novas informações. Fonte: elaboração Própria.

No que diz respeito, à influência do concurso de Ideias Intermunicipal para a criação de um negócio, a maioria dos alunos considerou que sim (gráfico 17), sendo confirmado pelas seguintes opiniões:

“Já tinha mais ou menos essa ideia, mas nunca tinha pensado como fazer (...) o concurso mostrou-me que há sempre oportunidades de fazer algo novo e diferente” – A1; “Fez refletir, por acaso já pensei mesmo nisso” – A4; “Já tinha a ideia, mas fiquei com a certeza que poderei no futuro criar um negócio” – A5; “Foi, até aí não tinha pensado sobre isso, nem sequer sabia o que poderia fazer no futuro” – A6.

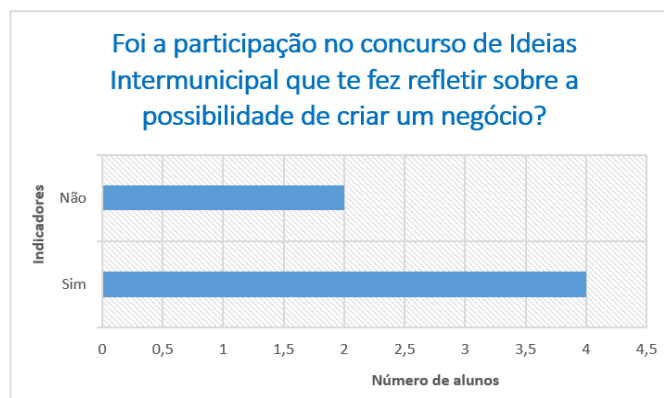


Gráfico 17 - A influência do concurso de Ideias Intermunicipal na forma como os alunos entrevistados refletem sobre a possibilidade de criar um negócio. Fonte: elaboração Própria.

Por último, a maioria dos entrevistados consideraram que a participação no concurso de Ideias Intermunicipal permitiu desenvolver a capacidade reflexiva e participativa (gráfico 18), justificado pelas seguintes opiniões:

“Sim, acredito que sim, porque fomos estimulados no concurso a participar” – A1; “Sim, eu acho que por um lado sim, apesar de não participarmos muito, eu acho que me deu, falo por mim, aquela sensação que deveria ter participado mais e acreditar naquilo que sei” – A2; “Muito mais, sem dúvida” – A4; “Acho que sim, houve muita interação fazendo com que tivéssemos que participar” – A5.



Gráfico 18 - A influência do concurso de Ideias Intermunicipal na forma como os alunos entrevistados mudam a sua capacidade reflexiva e participativa. Fonte: elaboração Própria.

PARTE IV – PRINCIPAIS CONCLUSÕES

A elaboração deste trabalho teve como objetivo compreender a influência dos concursos de empreendedorismo no desenvolvimento de competências nos alunos finalistas do curso Técnico de Gestão.

Neste contexto, constatou-se que os concursos de empreendedorismo influenciaram positivamente o desenvolvimento de competências na maioria dos alunos, quer ao nível do empreendedorismo, quer em termos de mudança de atitude e postura em relação ao processo de ensino-aprendizagem.

Em termos de atividades realizadas em sala de aula, é de destacar o concurso Quem quer ser empreendedor?, que de um modo geral permitiu que os alunos estivessem empenhados e acima de tudo participativos no processo de ensino-aprendizagem, condição esta que não se verificou aquando da prática de ensino supervisionada do 3.º semestre.

Para além desta atividade realizada em sala de aula, os alunos tiveram a oportunidade de participar no concurso de Ideias Intermunicipal, fazendo com que também se verificasse uma evolução, positiva, na forma como intercedem no processo de ensino-aprendizagem, particularmente na disciplina de Gestão. Constatou-se que esta mudança ficou a dever-se, essencialmente, ao facto de os alunos estarem em contacto com a realidade, podendo ligar a teoria lecionada em sala de aula com a prática.

Assim, conclui-se que os alunos ficam mais empenhados para as práticas letivas se o professor não adotar estratégias de ensino baseadas, exclusivamente, na transmissão de conhecimentos. É essencial que o professor tenha o cuidado de incluir nas suas planificações de aulas atividades práticas.

Verificou-se, ainda, que a participação em concursos de empreendedorismo suscitou o interesse dos alunos para a pesquisa de mais informações sobre o tema. Deste modo, é importante que o professor adote estratégias de ensino baseadas na curiosidade, isto é, no paradigma ecológico. É fundamental que o aluno seja autónomo, isto é, que construa a sua própria aprendizagem, levando-o a desenvolver competências de discutir e partilhar ideias.

Para além destes aspetos, no 3.º semestre da prática de ensino supervisionada, verificou-se que os alunos não apresentavam competências empreendedoras, continuando a ser confirmado neste estudo. Assim sendo, constatou-se que a maioria dos alunos não apresentam mentalidade empreendedora, devido ao facto de estes considerarem,

principalmente, que a escola não os incentiva a pensar de forma criativa, a propor ideias e a pô-las em ação.

Para além de a maioria dos alunos não possuírem mentalidade empreendedora, constatou-se que também não apresentam capacidades empreendedoras, dado que não se consideram capazes de encontrar soluções novas, de criar um plano para um projeto, de resolver problemas de forma autónoma, de estabelecer parcerias para alcançar os objetivos, de ler e interpretar Demonstrações Financeiras, assumir riscos e de realizar determinadas tarefas com sucesso.

Apesar destes resultados não serem satisfatórios, a participação no concurso de Ideias Intermunicipal talvez venha no futuro a contribuir para a alteração destas competências.

Em relação à influência positiva e negativa que o concurso de Ideias Intermunicipal desenvolveu nos alunos, verificou-se que os alunos destacaram como aspetos positivos os seguintes indicadores: a aprendizagem, o interesse pelo tema, o financiamento, o desenvolvimento da criatividade, a implementação de ideias e a persistência. Contrariamente, existiram aspetos negativos, tendo sido destacados os seguintes indicadores: a frustração por não ter encontrado uma ideia de negócio, o desinteresse pelo concurso, o trabalho de grupo, o aumento de tarefas para além das atividades escolares, o facto de ser trabalhoso, de não se ter tempo e ajuda.

Após a participação dos alunos no concurso de Ideias Intermunicipal, analisaram-se as intenções dos alunos para a criação de negócios. Assim sendo, constatou-se que existem alunos na turma que pretendem criar um negócio no futuro, apresentando como razões o facto de quererem combater as taxas de desemprego e o desejo de trabalhar por conta própria. Os alunos que não desejam criar um negócio, apontam como principais razões a imaturidade, o desejo de querer trabalhar por conta de outrem, a falta de meios financeiros, a falta de ambição e a falta de ideias.

Por último, é de referir que nenhum dos alunos que submeteram a candidatura ao concurso de Ideias Intermunicipal passou à segunda fase.

CAPÍTULO 4 – CONSIDERAÇÕES FINAIS, LIMITAÇÕES E FUTURAS LINHAS DE INVESTIGAÇÃO

Este capítulo apresenta as considerações finais e as limitações que foram surgindo ao longo do desenvolvimento do presente relatório. Por último, são apresentadas algumas sugestões para futuras linhas de investigação.

Considerações Finais, Limitações e Futuras Linhas de Investigação

A presente reflexão parte da ideia de Monteiro (2011) “Ser professor é um desafio grandioso que nos obriga a dar o melhor de nós mesmos”. Assim, a prática de ensino supervisionada, bem como o mestrado em ensino de Economia e Contabilidade, foram concretizados com bastante dedicação e motivação. Só deste modo se conseguirá alcançar um ensino diferenciado e potenciador de aprendizagens.

Vivemos num mundo complexo e em constante mudança, em que o papel do professor é decisivo no empenho dos alunos para o processo de ensino-aprendizagem. Contudo, nem sempre é fácil, dado o contexto sociocultural em que a maioria dos alunos estão inseridos. Neste âmbito, uma das questões que foram surgindo ao longo da prática de ensino supervisionada foi: “como podem os alunos desenvolver as competências necessárias para o empreendedorismo e para se tornarem mais participativos e empenhados nas atividades letivas?”. De forma a responder à questão, considerou-se que a teoria prática (aprender a fazer) seria a mais adequada, uma vez que permitia ao aluno estar envolvido ativamente no processo de ensino-aprendizagem. O recurso a esta teoria aproxima o aluno a situações reais, que podem contribuir para o seu desenvolvimento pessoal e profissional.

A prática de ensino supervisionada permitiu compreender que os alunos se tornam mais empenhados nas atividades letivas, quando assumem um papel ativo na construção do seu próprio saber, indo ao encontro do provérbio “se ouço esqueço, se vejo lembro, e se faço aprendo”. Por isto, é essencial que a aprendizagem não se limite à simples repetição e memorização de conteúdos, antes pelo contrário, deve ser centrada nos interesses dos alunos, permitindo-lhes estabelecer a ligação entre o problema e a solução através de situações concretas (práticas).

Todas as decisões que o professor tome podem influenciar o futuro do aluno, particularmente na forma como interagem e se integram na sociedade, pois são o fruto daquilo que receberam. Deste modo, foi importante desenvolver nos alunos um conjunto de aptidões e técnicas adquiridas em sala de aula, de forma a poderem agir de modo interativo e com uma visão transcendente na sociedade onde estão inseridos, como por exemplo, capacidade de discutir ideias, de as fundamentar corretamente e de atender às ideias dos outros. Para que se consiga alcançar estes aspetos é importante que o professor proporcione aos alunos um ambiente onde se aprenda com alegria.

Os alunos não devem aprender por aprender, mas sim aprender porque se quer aprender. Para inspirar os alunos a gostar de estar na sala de aula, o professor tem que gostar, claramente, daquilo que faz. Assim, é partilhado o pensamento de Machado (2011) quando refere que um bom professor não é aquele que transmite, simplesmente, informações ou conhecimentos, mas envolve também ter paixão, empenho, dedicação, coragem, paciência e, ainda, saber ensinar, brincar, ouvir, aconselhar, repreender, elogiar, recuar e rir. Só assim se consegue ser um bom professor, fazendo com que se torne único e contribuindo para o sucesso dos seus alunos.

A prática de ensino supervisionada possibilitou perceber que os alunos aprendem melhor quando o professor adota estratégias pedagógicas que vão ao encontro das características da turma. Isto é, cabe ao professor encontrar estratégias de ensino eficazes para envolver os alunos nas atividades letivas. Para compreender a eficácia das estratégias desenvolvidas, foi necessário acompanhar a evolução dos alunos enquanto seres humanos detentores de conhecimentos. Todos os conhecimentos que lhes foram transmitidos poderão ajudar a encarar o futuro com mais confiança e responsabilidade, particularmente, no âmbito das decisões que possam tomar quando terminarem o curso, seja no campo do empreendedorismo ou não.

Outra conclusão a retirar é a partilha de conhecimentos e experiências entre colegas. Esta partilha permitiu refletir sobre as várias formas de abordar uma determinada situação que aconteça, por exemplo, em sala de aula. Este aspeto é essencial para os professores principiantes, uma vez que nem sempre lhes são transmitidas academicamente formas de lidar com possíveis problemas.

Por todos estes aspetos, a prática de ensino supervisionada foi bastante enriquecedora, houve imensas aprendizagens, constituindo um ótimo ponto de partida para que se continue a procurar mais informações e novos métodos de ensino. A sociedade está em constante mudança, devendo o professor ter capacidade para se adaptar a ela.

O mestrado em ensino de Economia e Contabilidade contribuiu positivamente para a construção de uma identidade profissional, superando as expectativas iniciais. Foram despertados e desenvolvidos vários aspetos que permitiram a transformação da prática pedagógica.

Neste contexto, o mestrado permitiu compreender que os professores, para além da função de ensinar, são responsáveis pela promoção de um ensino de qualidade. Desta forma, o desenvolvimento de um ensino eficaz deve assentar em três princípios básicos (padrões de desempenho docente, 2010): planificação, operacionalização e regulação.

As planificações das aulas são essenciais para adaptar os conteúdos programáticos às características e necessidades dos alunos. Se as planificações forem bem preparadas, mais facilmente o professor conseguirá alcançar os objetivos propostos, tornando assim a aprendizagem mais eficaz. A planificação é importante para que o professor reflita sobre diversos assuntos, particularmente, sobre a avaliação e as metodologias de ensino.

Quanto à operacionalização, a preparação das aulas, assim como a gestão da sala de aula, devem ser rigorosas para captar o interesse e a motivação dos alunos para o processo de ensino-aprendizagem. Existem várias formas de o realizar, nomeadamente através da gestão preventiva da sala de aula e da gestão eficaz de comportamentos inadequados.

A regulação do ensino é outro aspeto que deve ser considerado, pois é essencial que o professor teça uma reflexão sobre os aspetos que devem ser melhorados no futuro. Normalmente, esta regulação é feita no final da aula, de modo a melhorar as aulas seguintes, tendo em conta as dificuldades encontradas no processo de ensino-aprendizagem. Esta regulação, para além de possibilitar ao professor obter *feedback* para adequar o ensino às necessidades reais de aprendizagem dos alunos, permite também fornecer-lhes *feedback* sobre o progresso das suas aprendizagens. Desta forma, fala-se em avaliação formativa como sendo essencial no processo de aprendizagem dos alunos.

Para além destes aspetos, o mestrado também permitiu compreender que o trabalho colaborativo entre colegas é bastante benéfico para todos os professores, pois permite que estes troquem opiniões, levando à melhoria do ensino e à tomada de decisões mais eficientes.

Por último, salienta-se que o mestrado em ensino de Economia e Contabilidade permitiu que se aperfeiçoassem os seguintes aspetos:

- Melhor capacidade reflexiva;
- Melhor preparação dos planos de aula;
- Melhor preparação dos materiais pedagógicos;
- Melhor gestão da sala de aula;
- Melhor entendimento sobre a adaptação do ensino às características de cada aluno;
- Melhor perceção sobre a importância das atividades extracurriculares;
- Melhor entendimento sobre a gestão administrativa/escolar;
- Melhor entendimento da utilização das novas tecnologias na aprendizagem dos alunos;
- Melhor perceção sobre a importância do trabalho colaborativo entre colegas.

Este trabalho apresenta limitações que poderão servir de base para futuras investigações.

Assim, uma das limitações pretende-se com o facto de não se ter estudado em profundidade a influência das atividades realizadas em sala de aula, como por exemplo, do concurso “Quem quer ser empreendedor?” no desenvolvimento de competências nos alunos. Tal poderá constituir uma oportunidade para uma futura linha de investigação.

Além disso, poderá ainda ser realizado um estudo longitudinal que mostre os impactos que a Educação para o Empreendedorismo trouxe à transformação dos alunos em empresários.

REFERÊNCIAS

- Alarcão, I. (1996). *Formação reflexiva de professores. Estratégias de supervisão*. Porto: Porto Editora.
- Alvarenga, I.J.A. (2011). *A planificação docente e o sucesso do processo ensino-aprendizagem*. Universidade Jean Piaget de Cabo Verde. Cabo Verde.
- Amado, J. (2014). *Manual de investigação qualitativa em educação*. 2.ª Edição. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra
- Anderson, A. & Miller, C. (2003). Class matters: human and social capital in the entrepreneurial process, *Journal of Socio-Economics*, 32, 17–36.
- Antunes, F. (2005). Reformas do Estado e da educação: O caso das escolas profissionais em Portugal. *Revista Brasileira de Educação*, 29, 40-51
- Araújo, M., Cabral, P., Cheng, L., Filion, L., Lago, R. & Oliveira, L. (2005). O Estímulo ao Empreendedorismo nos cursos de química: formando químicos empreendedores. *Química Nova*, 28, 18-25.
- Arends, R. (2008). *Aprender a ensinar*. 7.ª Edição. Madrid: Editora MacGraw-Hill.
- Audretsch, B. (2002). Entrepreneurship: a survey of the literature. *European Commission Enterprise Directorate General*.
- Azevedo, J. (2014). Ensino profissional em Portugal, 1989-2014: os primeiros vinte e cinco anos de uma viagem que trouxe um ensino profissional de periferia para o centro das políticas educativas. Disponível em http://www.joaquimazevedo.com/Images/BibTex/Escolas_profissionais_Livro_VFfinal.pdf, acedido em maio de 2016.
- Azevedo, J. (2006). Ensino Profissional em Portugal: Ser mais, sendo um bom profissional num contexto crítico. Disponível em <http://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/11509/4/Ensino%20Profissional%20e%20Portugal%20Ser%20Mais%20Sendo%20Um%20Bom%20Profissional%20%20%20.pdf>, acedido em maio de 2016.
- Bartlett, S., Burton, D., & Peim, N. (2001). *Introduction to education studies*. London: Paul Chapman Publishing.
- Bell, J., (2010). Student business plan competitions: who really does have access? *Small Business Institute*, 34(1), 18–25.
- Benesova, T. (2015). Towards Entrepreneurship: reflections between theory and practice. *International Journal of Entrepreneurship Knowledge*, 3(2), 5-15.
- Berger, J. & Myhrer, A. (2012). The effect of business plan competitions on entrepreneurial intention and behavior. Norwegian University of Science and Technology.
- Bobot, L. (2007). Pédagogie par des concours de négociation commerciale: le concours “Les Négociales”. *Boeck Supérieur*, 8, pp. 149-162.
- Bogdan, R. & Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em educação – uma introdução à teoria e ao método*. Porto: Porto Editora.
- Bolívar, A., Domingo, J., & Fernández, M. (2001). *La investigación biográfica narrativa en educación*. Madrid: La Muralla.
- Brinckmann, J., Grichnik, D. & Kapsa, D. (2010). Should entrepreneurs plan or just storm the castle? A meta-analysis on contextual factors impacting the business planning–performance relationship in small firms. *Journal of Business Venturing*, 25(1), 24-40.
- Bruner, J., (1996). *Cultura da Educação*. Edições 70, Lisboa.

- Carvalho, L. & Costa, T. (2015). *Empreendedorismo uma visão global e integradora*. Edições Sílabo.
- CEDEFOP – European Centre for the Development of Vocational Training (2012). *From education to working life: the labor market outcomes of national education and training*. Luxembourg, Publications Office of The European Union.
- CCAP (2010). Padrões de desempenho docente. Lisboa: CCAP
- Comissão Europeia (2006). European Universities' research on the promotion of Entrepreneurship education. *European Commission*.
- Decreto-Lei 240/2001 de 30 de agosto. Disponível em http://www.spm-ram.org/conteudo/ficheiros/legislacao/ecd/DL204-2001_30Ago.pdf, acedido em abril de 2016.
- Dehter, M. (2001). Responsabilidad Social de las Universidades Hispanoamericanas para la animación de la Cultura Emprendedora Regional. Congreso Latinoamericano de Educación Superior en el siglo XXI, Argentina: Universidad Nacional de San Martín.
- Delors, J. (1996). *Educação um tesouro a descobrir. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI*. Ministério da Educação e do Desporto. Portugal. Unesco. Edições ASA.
- Direção-geral da Educação (2013). *Educação para a Cidadania – Linhas Orientadoras*. Disponível em <http://www.dge.mec.pt>, acedido em 30 de março de 2015.
- Direção – Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular (DGIDC) (2007). Relatório síntese Projeto Nacional de Educação para o empreendedorismo.
- Dollinger, J. (2001). *Entrepreneurship: Strategies and Resources*. Upper Saddle River, NJ: Prentice Hall, 2.ª edição.
- Dornelas, A. (2001). *Empreendedorismo Transformando Ideias em Negócio*. Rio de Janeiro: Campus.
- Drucker, P. (2002). *Desafios gerenciais para o século XXI*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning.
- Estrela, A. (2015). *Teoria e prática de observação de classes. Uma estratégia de formação de professores*. Porto Editora.
- European Commission Enterprise and Industry (2008). *Entrepreneurship in higher education, especially in non-business studies: final report of the expert group*. Disponível em www.cc.europe.eu/, acedido em maio de 2016.
- Fleming, P. (2005). Education for Entrepreneurship: The Irish Experience. In P. Vilarinho (Ed), *Leading International Practices in Engineering Entrepreneurship Education*. Lisboa: COTEC, 10-21.
- Fontele, R., Moura, H. & Leocadio, A. (2011). Capital Humano, empreendedorismo e desenvolvimento: evidências empíricas nos municípios do Ceará. *Revista de Administração Mackenzie*, 12 (5), 184-208.
- Gall, M., Gall, J., & Borg, R. (2007). *Educational research: An introduction*. Boston.
- Gibb, A. A. (2011). Concepts into Practice: Meeting the Challenge of Development of Entrepreneurship Educators around an Innovative Paradigm -The case of the International Entrepreneurship Educators' Programme (IEEP). *International Journal of Entrepreneurial Behaviour & Research*, 17(2), 146-165.
- Helm, C. (2014). COoperative open learning in commercial education: multilevel analysis of grade 9 students' learning outcomes in accountancy. *Refecting Education*, 9 (2), 63-84.
- Hills, G., Lumpkin, G. & Singh, R. (1997). Opportunity recognition: perceptions and behaviours of entrepreneurs, in Reynolds, P., Bygrave, W., Carter, N., Davidsson, P., Gartner, W., Mason, C. and McDougall, P. (eds), *Frontiers of Entrepreneurship Research* (Wellesley, MA: Babson College).
- Hill, A. & Hill, M. (2012). *Investigação por questionário*. Edições Sílabo.

- Hisrich, D. & Peters, P. (2002). *Empreendedorismo*. 5ª ed. Porto Alegre: Bookman.
- Hynes, B. (1996). Entrepreneurship Education and Training-introducing Entrepreneurship into non-business disciplines. *Journal of European Industrial Training*, 20(8), 10-17.
- Hytti, U., & O’Gorman, C. (2004). What is “enterprise education”? An analysis of the objectives and methods of enterprise education programmes in four European countries. *Education and Training*, 46(1), 11-23.
- Imaginário, S., Cristo, E., Jesus, S. & Morais, F. (2014). *Educação para o Empreendedorismo em Portugal, o nascimento do programa empreender na escola*. Revista Amazônica, 12 (2), 343-362.
- Jamieson, I. (1984). Schools and enterprise. In A. G. Watts & P. Moran (Eds.), *Education for Enterprise*. Cambridge: CRAC/Hobsons.
- Jones, C. (2010). Entrepreneurship Education: Revisiting our Role and its Purpose. *Journal of Small Business and Entrepreneurship Development*, 17(4), 500-513.
- Knoke, D. & Kuklinski, H. (1996). Network Analysis. In Thompson, G., Frances, J. & Mitchell, J. Markets, Hierarchies & Networks: the coordination of social life. Sage Publications. *Open University*, 173-182.
- Lei de Bases do Sistema Educativo n.º 49/2005.
- Levie, J. (2005). Entrepreneurship for Engineering Students at the University of Strathclyde. In P. Vilarinho (Ed.), *Leading International Practices in Engineering Entrepreneurship Education*, 74-88, Lisboa: COTEC
- Lopes, A. (2013). Literacia Empreendedora: impacto da implementação de um programa de empreendedorismo na escola. Dissertação de mestrado em Psicologia. Universidade Católica Portuguesa.
- Machado, J. (2011). *Pais que educam, Professores que amam*. Marcador.
- Man, T. Lau, T. & Chan, F. (2002). The Competitiveness of small and medium enterprises. A conceptualisation with focus on entrepreneurial competencies. *Journal of Business Venturing*, 17 (2), 123-142.
- Marteletto, R. & Silva, A. (2004). Redes e capital social: o enfoque da informação para o desenvolvimento local. *Ciência da Informação*, Brasília, 33 (3), p. 41-49.
- Martins, A., Pardal, L. & Dias, C. (2005). Ensino Técnico e Profissional: Natureza da oferta e da procura. *Interações*, 1, 77-97.
- McLarty, L., Highley, H. & Alderson, S. (2010). Evaluation of Entrepreneurship education in England. *Digital Education Resource Archive*. Disponível em https://www.gov.uk/government/uploads/system/uploads/attachment_data/file/182626/DFE-RR015.pdf, acedido em maio de 2016.
- Merriam, S. (2002). *Qualitative research and case study applications in education*. San Francisco: Jossey-Bass Publishers.
- Mitrano-Média, S. & Véran, L. (2014). Une modélisation du processus de mentorat entrepreneurial et sa mise en application. *Gestión Internacional*, 4 (18), 68-79.
- Mitchellmore, S. & Rowley, J. (2010). Entrepreneurial competencies: a literature review and development agenda. *International Journal of Entrepreneurial Behaviour & Research*, 16 (2), 92-111.
- Monteiro, A. (2009). Escola como catalisador do empreendedorismo. Associação Nacional de Jovens Empresários. Disponível em <https://infoeuropa.euroid.pt/files/database/000043001-000044000/000043128.pdf>. Acedido em 8 de abril de 2016.
- Oosterbeek, H., Praag, M., & Ijsselstein, A. (2010). The impact of entrepreneurship education on entrepreneurship skills and motivation. *European Economic Review*, 54, 442-454.

- Paquay, L. & Wagner, M. (2001). Competências profissionais privilegiadas nos estágios e na videoformação. In Mesquita, E., Competências do Professor. Representações sobre a formação e a profissão. Lisboa, Edições Sílabo.
- Parlamento Europeu e do Conselho (2006). Competências essenciais para a aprendizagem ao longo da vida: quadro de referências europeu. *Jornal Oficial da União Europeia*.
- Penim, A. (2008). Formação para o Empreendedorismo. *Formar*, 64, 17-19.
- Pereira, M., Ferreira, J. & Figueiredo, I. (2007). Guião: *Promoção do Empreendedorismo na Escola*. Acedido em 30 de março de 2015, em <http://www.tree-institute.org/publica/guiao%20pnee.pdf>.
- Pina, J. & Ferreira, R. (2014). *Educação Financeira e Empreendedorismo*. Escolar Editora: Lisboa.
- Pinheiro, J. (1998). *Métodos Pedagógicos*. Lisboa: Instituto do Emprego e Formação Profissional.
- Pinho, F. & Gaspar, C. (2012). Intenção empreendedora dos estudantes no ensino superior politécnico em Portugal. *Jornadas Luso-Espanholas de Gestão Científica*, 22, Vila Real.
- Raposo, M. & Paço, A. (2011). Entrepreneurship Education: Relationship Between Education and Entrepreneurial Activity. *Psicothema*, 23(3), 453-457.
- Recomendação n.º 5/2011: 41660-41661. Disponível em <http://www.cnedu.pt/content/antigo/files/pub/EducDesenvSustent/EducDesenvSustent10.pdf>
- Redford, D. (2006). *Educação em Empreendedorismo em Portugal*. Rede 2010.
- Relatório da Rede Eurydice (2016). *Entrepreneurship Education at Scholl in Europe*. Education and Training. Luxemburgo. Disponível em <https://webgate.ec.europa.eu/fpfis/mwikis/eurydice/images/4/45/195EN.pdf>, acedido em maio de 2016.
- Relatório do Centro Comum de Investigação da Comissão Europeia (2015). Entrepreneurship competence: An overview of existing concepts, policies and initiatives. *Join Research Centre*. Disponível em http://publications.jrc.ec.europa.eu/repository/bitstream/JRC96531/jrc96531_final.pdf, acedido em maio de 2016.
- Relatório Final do Grupo de Trabalho da Educação para o Empreendedorismo (2014). Thematic Working Grup on Entrepreneurship Education: Final Report (2014). Disponível em http://ec.europa.eu/education/policy/strategic-framework/archive/documents/entrepreneurship-report-2014_en.pdf, acedido em maio de 2016.
- Ribeiro, M. (2014). O ensino profissional de nível secundário em Portugal, 2000-2014. Dissertação de mestrado em sociologia. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas: Universidade Nova de Lisboa.
- Rocha, E. & Freitas, A. (2014). Avaliação do ensino de empreendedorismo entre estudantes universitários por meio do perfil empreendedor. *Revista de Administração Contemporânea*, 18 (4), 465-486.
- Roma, J. (2014). *Benefícios da participação em concursos de empreendedorismo. O caso arrisca C*. (Dissertação de Mestrado em Marketing). Universidade de Coimbra, Faculdade de Economia, Coimbra.
- Ros, R. & Martínez, F. (2004). La organización del centro educativo. Manual para maestros. Editorial Club Universitario: Espanha.
- Russell, R., Fredline, E., Atchison, and Brooks, R. (2008). Business plan competitions in tertiary institutions: encouraging entrepreneurship education. *Journal of Higher Education Policy and Management*, 30 (2), 123-138.
- Sá, P. & Paixão, F. (2013). Contributos para a clarificação do conceito de competência numa perspetiva integrada e sistémica. *Revista Portuguesa de Educação*, 26 (1), 87-114.

- Saes, D. & Pita, F. (2007). Empreendedorismo no Ensino Superior: Uma Abordagem Teórica. *Revista de Ciências Empresariais*, 4 (2), 33-41.
- Santos, D. & Caseiro, N. (2012). *Empreendedorismo em Instituições de Ensino Superior: Um Estudo de Caso*. Workshop Empreendedorismo e Desenvolvimento Regional, 14, 98-106.
- Santos, V. (2012). A Importância e a prática da formação profissional na *performance* técnica dos formandos no tecido empresarial. Escola Superior de Turismo e Tecnologia do mar: Instituto Politécnico de Leiria.
- Saraiva, P. (2015). *Empreendedorismo: do conceito à aplicação, da ideia ao negócio, da tecnologia ao valor, da tecnologia ao valor*. Imprensa da Universidade de Coimbra. 2ª edição.
- Sarkar, S. (2007). *Empreendedorismo e Inovação*. Lisboa: Escolar Editora.
- Schmidt, S. & Bohnenberger, M. (2009). Perfil Empreendedor e Desempenho Organizacional. *Revista de Administração Contemporânea*, 13 (43), 451-467.
- Shane, S. & Venkataraman, S. (2000). The Promise of Entrepreneurship as a Field of Research. *Academy of Management Review*, 25 (1), 217– 226.
- Silva, H. & Lopes, J. (2015). *Eu, Professor, Pergunto*. Lisboa: PACTOR – Edições de Ciências Sociais, Forenses e da Educação.
- Sociedade Portuguesa de Inovação (2004). Estudo de Avaliação Potencial Empreendedor em Portugal em 2004 – Projeto GEM Portugal 2004.
- Solomon, G. (2007). Na Examination of Entrepreneurship Education in the United States. *Journal of Small Business and Enterprise Development*, 14(2), 168-182.
- St-Jean, E. (2009). Retombées et facteurs de succès d’une relation de mentorat d’entrepreneur novice selon la perspective du mentoré. Tese de Doutoramento. Departamento de Gestão. Université Laval: França.
- Stenhouse, L. (1994). *Case study methods*. In J.P. Keeves (ed), Educational research, methodology and measurement: na International handbook (pp. 49-53). Oxford: Pergamon Press
- Stiggins, R., Arter, J., Chappuis, J. & Chappuis, S. (2004). *Classroom Assessment for Student Learning: Doing It Right – Using It Well*. Portland, OR: Educational Testing Service.
- Sullivan, A. & Sheffin (2003). *Economics: Principles and Tools*. Prentice Hall.
- Taylor, N. & Outram, S. (2015). Curiosity-based Learning and interdisciplinarity. The Higher Education Academy.
- Teixeira, C. (2012). *Educação para o Empreendedorismo: Um Estudo sobre o Projeto Nacional de Educação para o Empreendedorismo*. (Dissertação de Mestrado em Intervenção Social, Inovação e Empreendedorismo). Universidade de Coimbra, Faculdade de Psicologia e Ciência da Educação, Coimbra. Acedido em 5 de novembro de 2015, em <http://www.estudogeral.sib.uc.pt>
- Vasquez, J. & Chiang, E. (2014). A pictures is worth a thousand words (at least): the effective use of visuals in the economics classroom. *International Review of Economics Education*, 17, 108-119.
- Volkman, C. (2004). Entrepreneurial studies in higher education: Entrepreneurship studies – na ascending Academic discipline in the twenty-first century. *Higher Education in Europe*, 29 (2), 177-185.
- Yin, R. (2003). *Case Study Research: Design and Methods*. 5. ° ed, Thousand Oaks, CA: SAGE Publications.
- Yu, C. (2014). The meaning and role of Entrepreneurship education for school students in the global economy. *International Journal of Vocational Education and Training*, 22 (2), 7-19.
- Zabalza, M. (1994). *Diários de aula: contributos para o estudo dos dilemas práticos dos professores*. Porto: Porto Editora.

Zabalza, M. (2003). *Planificação e desenvolvimento curricular na escola*. Edições ASA. Porto.

Zampier, M. & Takahashi, A. (2011). Competências empreendedoras e processos de aprendizagem empreendedora: modelo conceitual de pesquisa. *Cadernos EBAPE: Brasil*, 9, 564-585.

APÊNDICES:

- **Apêndice A:** Guião da entrevista aplicado aos alunos do 3.º C do Curso Técnico de Gestão
- **Apêndice B:** Inquérito por questionário aplicado aos alunos do 3.º C do Curso Técnico de Gestão: concurso de Ideias Intermunicipal
- **Apêndice C:** Pedido de autorização ao Diretor da ESDS para aplicação dos inquéritos aos alunos do 3.º C do Curso Técnico de Gestão
- **Apêndice D:** Pedido de autorização aos Encarregados de Educação para aplicação dos inquéritos aos alunos do 3.º C do Curso Técnico de Gestão
- **Apêndice E:** Ficha da turma do 3.º C do Curso Técnico de Gestão
- **Apêndice F:** Planificação a médio prazo do módulo 16 – Inovação e Empreendedorismo
- **Apêndice G:** Avaliação sumativa do módulo 16 – Inovação e Empreendedorismo com base no projeto realizado para o concurso de Ideias Intermunicipal
- **Apêndice H:** Matriz de objetivos / conteúdos do módulo 16 – Inovação e Empreendedorismo
- **Apêndice I:** Prática de ensino supervisionada: plano de aulas n.º 37 e 38 e recursos didáticos
- **Apêndice J:** Prática de ensino supervisionada: grelha de observação de comportamentos
- **Apêndice K:** Matriz de análise de conteúdo: “Considero-me uma pessoa inovadora, penso muitas vezes em criar um negócio quando terminar o curso”
- **Apêndice L:** Prática de ensino supervisionada: plano de aulas n.º 39 e 40 e recursos didáticos
- **Apêndice M:** Grelha de avaliação - construção do *site* sobre o desenvolvimento de um produto/serviço inovador
- **Apêndice N:** Prática de ensino supervisionada: plano de aulas n.º 41,42 e recursos didáticos
- **Apêndice O:** Matriz de conteúdos: questionário de competências empreendedoras dos alunos do 3.º C do Curso Técnico de Gestão
- **Apêndice P:** Matriz de análise de conteúdo das entrevistas realizadas aos alunos 3.º C do Curso Técnico de Gestão

Os recursos didáticos encontram-se no CD anexados ao presente relatório.

Apêndice A – Guião da entrevista aplicado aos alunos do 3.º C do Curso Técnico de Gestão

Guião da Entrevista

1. Preparação da Entrevista

Passos necessários	Descrição
1.1. Objetivo da entrevista	Compreender como é que a participação dos alunos no concurso de empreendedorismo promovido pela CIMRL – Comunidade Intermunicipal da Região de Leiria influenciou a produção de competências (ao nível das atitudes) no processo de ensino-aprendizagem da disciplina de Gestão.
1.2. Entrevistados	6 alunos do último ano de escolaridade do Curso Profissional de Técnico de Gestão (3 alunos que submeteram o projeto no concurso de ideias e outros 3 que não submeteram).
1.3. Entrevistador	Professora estagiária.
1.4. Condições logísticas	Gravador de áudio (pedir autorização).

2. Questões Introdutórias

Objetivo	Questões	Observações
Conhecer o entrevistado.	2.1. Que idade tens? 2.2. Qual a tua disciplina preferida?	

3. Questões sobre a disciplina de Gestão

Objetivo	Questões	Observações
Conhecer a perceção dos alunos sobre a disciplina de Gestão.	3.1. Se pudesses voltar atrás voltavas a escolher o Curso Técnico de Gestão? 3.2. A disciplina de Gestão correspondeu às tuas expectativas iniciais? 3.3. De todas as áreas que aprendeste no curso qual gostaste mais? (Aprovisionamento, Marketing, Recursos Humanos, Gestão financeira e económica, criação de novos negócios, etc.). 3.4. Como descreves a tua postura nas aulas de Gestão? (interesse, participação, pró-atividade, empenho).	

4. Questões sobre a participação no concurso de Ideias Intermunicipal

Objetivo	Questões	Observações
Conhecer a perceção dos alunos sobre a sua participação no concurso de Ideias Intermunicipal e a sua influência nas atitudes dos alunos no processo de ensino-aprendizagem na disciplina de Gestão.	<p>4.1. Gostaste de participar no concurso de empreendedorismo? Porquê?</p> <p>4.2. O que aprendeste?</p> <p>4.3. A participação no concurso de empreendedorismo fez com que visses a disciplina de Gestão de uma forma diferente? (p.e. ligação da teoria à prática, que o que aprendeste nas aulas pode ser útil na criação de negócios, aumentou o teu interesse pela disciplina)?</p> <p>4.4. Neste momento saberias criar um negócio?</p> <p>4.5. Achas que aprendes mais quando a disciplina de Gestão é aliada a concursos no âmbito das ciências empresariais? Porquê?</p> <p>4.6. Foi a participação no concurso de empreendedorismo que te fez refletir sobre a possibilidade de abrir um negócio?</p> <p>4.7. Após a participação no concurso de empreendedorismo consideraste uma pessoa com uma maior capacidade reflexiva e participativa face à vida social (quer em grupo de amigos quer nas aulas)?</p> <p>4.8. Por último, o concurso de empreendedorismo suscitou o teu interesse pela pesquisa de novas informações sobre este tema?</p>	

5. Validação da entrevista

Bloco Temático	Objetivos	Tópicos	Observações
Validação da entrevista	<p>Recolher sugestões do entrevistado acerca dos tópicos a incluir na entrevista.</p> <p>Agradecer</p>	<p>5.1. O que acrescentarias a esta entrevista?</p> <p>5.2. Mais uma vez, agradeço a tua disponibilidade e colaboração, fundamentais para a consecução desta entrevista.</p>	Agradecer, novamente e valorizar o contributo do entrevistado

FIM

Apêndice B – Inquérito por questionário aplicado aos alunos do 3.º C do Curso Técnico de Gestão: concurso de Ideias Intermunicipal



Inquérito por Questionário

Com este questionário pretendo conhecer a tua opinião sobre a tua participação no concurso de ideias. Não há respostas certas ou erradas relativamente a qualquer um dos itens, pretendendo-se, apenas, a tua opinião pessoal e sincera. Este questionário é de natureza confidencial. O tratamento deste, por sua vez, é efetuado de uma forma global, não sendo sujeito a uma análise individualizada, o que significa que o seu anonimato é respeitado.

1. Sou:
Rapaz ____ Rapariga ____
2. Ano de nascimento: ____/____/____
3. Submeteste a tua candidatura no concurso de ideias?
Sim: ____ Não: ____

Se respondeste “não”, porquê? _____

4. Selecciona a opção adequada à tua resposta:	Discordo totalmente				Concordo totalmente			
A participação no concurso de empreendedorismo...								
Aumentou o meu interesse pelas atividades escolares, particularmente na disciplina de Gestão.	1	2	3	4	5	6	7	
Fez com que recebesse informações essenciais na fase inicial do negócio.	1	2	3	4	5	6	7	
Fez aumentar os meus conhecimentos na área do empreendedorismo.	1	2	3	4	5	6	7	
Fez com que ficasse a conhecer possíveis fontes de financiamento externo.	1	2	3	4	5	6	7	
Aumentou o meu interesse para a criação de um negócio.	1	2	3	4	5	6	7	

5. Quais são os aspetos positivos que retiras da tua participação no concurso de empreendedorismo?

6. Quais são os aspetos negativos que retiras da tua participação no concurso de empreendedorismo?

FIM!

Obrigada! Pela Colaboração.

Apêndice C – Pedido de autorização ao Diretor da ESDS para aplicação dos inquéritos aos alunos do 3.º C do Curso Técnico de Gestão


Sandra Christina Brito Gomes
Aluna do Mestrado em Ensino de Economia e de Contabilidade



Exmo. Senhor Diretor, do Agrupamento de Escolas
Domingos Sequeira, Dr. Alcino Duarte

11 de fevereiro de 2016

Assunto: Pedido de autorização para aplicação de inquéritos e a referência do nome da Escola no relatório de Prática de Ensino Supervisionada.

Eu, Sandra Christina Brito Gomes, aluna do Mestrado em Ensino e Economia e de Contabilidade e estagiária na Escola Secundária Domingos Sequeira no grupo 430 – Economia e Contabilidade, sob a orientação da Professora Doutora Ana Paula Curado. Pretendo estudar as competências empreendedoras dos alunos. Por conseguinte, venho solicitar autorização para distribuir questionários e entrevistar os alunos do 3.º ano de escolaridade do curso Técnico de Gestão, assim como entrevistar os seus professores. Por último, também solicito autorização para a referência do nome da Escola Secundária Domingos Sequeira no Relatório de Prática de Ensino Supervisionada.

Os dados recolhidos são confidenciais e, em momento algum, os participantes (alunos e professores) serão identificados.

Com os melhores cumprimentos, agradeço a atenção dispensada.



Apêndice D – Pedido de autorização aos Encarregados de Educação para aplicação dos inquéritos aos alunos do 3.º C do Curso Técnico de Gestão



11 de fevereiro de 2016

Caro Encarregado de Educação,

Assunto: Pedido de autorização

No âmbito do Mestrado em Ensino e Economia e de Contabilidade, venho por este meio solicitar a sua autorização para realizar uma recolha de dados, para a elaboração do meu relatório de prática de ensino supervisionada, junto do(a) seu/sua educando (a). Pretende-se estudar as competências empreendedoras dos alunos do ensino profissional.

A participação é voluntária e anónima, consistindo na realização de dois inquéritos (questionário e entrevista).

Autorizo o meu educando a realizar os inquéritos _____

Não autorizo o meu educando a realizar os inquéritos _____

Nome do aluno: _____

Encarregado de Educação,

Professora Estagiária,

(Sandra Gomes)

Apêndice E – Ficha da turma do 3.º C do Curso Técnico de Gestão

Mestrado em Ensino de Economia e Contabilidade

Iniciação à Prática Pedagógica III



FICHA DA TURMA

Designação da Escola: Escola Secundária Domingos Sequeira

Disciplina: Gestão

Ano: ____º Turma: ____

<p>1. A TURMA NA ESCOLA</p> <p>1.1.</p> <table border="1"> <tr> <td>Turma do ensino regular</td> <td></td> </tr> <tr> <td>Turma do ensino profissional</td> <td></td> </tr> </table> <p>(assinalar com X)</p> <p>1.2.</p> <p style="text-align: center;">Horário da turma</p> <table border="1"> <tr> <th>Horas</th> <th>2.ºf</th> <th>3.ºf</th> <th>4.ºf</th> <th>5.ºf</th> <th>6.ºf</th> </tr> <tr><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr> </table> <p>1.3.</p> <table border="1"> <tr> <th>Turma mista</th> <th>Turma masculina</th> <th>Turma feminina</th> </tr> <tr> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> </table> <p>(assinalar com X)</p> <p>1.4.</p> <p>Alunos com dificuldades de aprendizagem Quais?</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>1.5.</p> <p>Alunos com deficiência Quantos? _____ Que deficiências? _____</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>Têm apoio? _____</p>	Turma do ensino regular		Turma do ensino profissional		Horas	2.ºf	3.ºf	4.ºf	5.ºf	6.ºf																																					Turma mista	Turma masculina	Turma feminina				<p>1.6.</p> <p>Número de alunos por turma: _____</p> <p>1.7.</p> <p>Antecedentes da turma</p> <table border="1"> <tr> <th></th> <th>Número de alunos</th> </tr> <tr> <td>Em continuidade</td> <td></td> </tr> <tr> <td>Repetência</td> <td></td> </tr> <tr> <td>Mudança de curso</td> <td></td> </tr> </table> <p>2. OS ALUNOS NA TURMA</p> <p>2.1.</p> <p>Idades</p> <table border="1"> <tr> <th>Idades</th> <th>Frequência absoluta</th> </tr> <tr><td>14</td><td></td></tr> <tr><td>15</td><td></td></tr> <tr><td>16</td><td></td></tr> <tr><td>17</td><td></td></tr> <tr><td>18</td><td></td></tr> <tr><td>19</td><td></td></tr> <tr><td>20</td><td></td></tr> </table> <p>2.2.</p> <p>Sexo dos alunos da turma</p> <table border="1"> <tr> <th>Masculino</th> <th>Feminino</th> </tr> <tr> <td></td> <td></td> </tr> </table>		Número de alunos	Em continuidade		Repetência		Mudança de curso		Idades	Frequência absoluta	14		15		16		17		18		19		20		Masculino	Feminino		
Turma do ensino regular																																																																																	
Turma do ensino profissional																																																																																	
Horas	2.ºf	3.ºf	4.ºf	5.ºf	6.ºf																																																																												
Turma mista	Turma masculina	Turma feminina																																																																															
	Número de alunos																																																																																
Em continuidade																																																																																	
Repetência																																																																																	
Mudança de curso																																																																																	
Idades	Frequência absoluta																																																																																
14																																																																																	
15																																																																																	
16																																																																																	
17																																																																																	
18																																																																																	
19																																																																																	
20																																																																																	
Masculino	Feminino																																																																																

[illegible]

Apêndice F – Planificação de médio prazo do módulo 16 – Inovação e Empreendedorismo

Curso Técnico de Gestão



Planificação a Médio Prazo: Módulo 16 – Inovação e Empreendedorismo

Objetivos gerais:

- Compreender os conceitos: empreendedorismo, criatividade e inovação.
- Analisar as várias formas de construção de ideias.

Professora estagiária: Sandra Gomes
Professora cooperante: Susana Carvalho

Conteúdos	Competências Centrais	Objetivos Específicos	Metodologia	Recursos	Calendarização	Avaliação
1. Empreendedorismo e criação de empresas 2. A gestão do processo de criação e construção de ideias 2.1. Problema versus oportunidade 2.2. Técnica de brainstorming 2.3. Técnica de benchmarking 2.4. Pesquisa e fontes de informação 2.5. Sistematização da informação 3. Criatividade 3.1. Noção de criatividade 3.2. Tipos de criatividade 3.3. Obstáculos à criatividade 3.4. O processo da criatividade 3.4.1. Disposição e motivação para a criatividade 4. Inovação 4.1. Noção de inovação 4.2. Tipos de inovação 4.2.1. Inovação intencional 4.2.2. Oportunidades inovadoras 4.2.3. Informação e conhecimento	<ul style="list-style-type: none"> - Conhece o conceito de empreendedorismo. - Conhece técnicas para desenvolver ideias. - Distingue inovação de invenção. - Discute casos práticos relacionados com os vários tipos de inovação. - Desempenha com responsabilidade as atividades atribuídas. - Escuta os outros. - Critica as ideias e não as pessoas. - Respeita a sua vez de intervir. - revela criatividade nas ações que concretiza. 	<ul style="list-style-type: none"> - Reconhecer o papel do empreendedorismo. - Analisar casos de sucesso. - Avaliar a importância do empreendedorismo. - Distinguir empreendedor de empresário. - Identificar o processo de construção de ideias. - Explicar as diferentes técnicas de construção de ideias. - Construir um cenário de identificação de um problema. - Definir criatividade. - Distinguir os diferentes tipos de criatividade. - Identificar os obstáculos à criatividade. - Elaborar um processo de criatividade. - Definir Inovação - Avalia a importância da inovação no contexto empresarial. - Identificar fontes de oportunidades de inovação. - Distinguir os diferentes tipos de inovação. - Aplicar os diversos tipos de inovação ao contexto real. - Explica a relação entre inovação e desemprego. - Participar no concurso de ideias ativamente. 	<ul style="list-style-type: none"> - Método expositivo intercalado com o interrogativo, na exposição de conceitos, com a certificação de que todos os alunos participam e que se encontram a acompanhar a matéria. - Método demonstrativo (exemplos práticos). - Método ativo (Atividades de exploração, estudo de casos práticos, fichas de trabalho, <u>logos didático</u>, participação no concurso de ideias – CMIRL – Comunidade Intermunicipal da Região de Leiria). 	<ul style="list-style-type: none"> - Computador, videoprojector e tela de projeção. - Apresentação em PowerPoint. - Internet. - Atividades de Exploração. - Casos práticos. - Atividade de remediação. - Fichas de Trabalho. - Vídeos didáticos. - Normas do concurso de ideias. - Recursos do concurso de ideias (atividades) 	6 Aulas de 50m (5horas) 10 Aulas de 50m (8horas) 6 Aulas de 50m (5horas) 8 Aulas de 50m (7horas) Total: 25 Horas / 30 tempos	Avaliação diagnóstica: -Questões orais e fichas de trabalho. Avaliação formativa: - Grelha de observação (pontualidade/assiduidade; autonomia, comportamento, iniciativa, participação e empenho, competências empreendedoras). - Realização das atividades de exploração e fichas de trabalho. Avaliação Sumativa: - Trabalho realizado para o concurso de ideias.

Gestão

3.º ano Turma

Apêndice G – Avaliação sumativa do módulo 16 – Inovação e Empreendedorismo com base no projeto realizado para o concurso de Ideias Intermunicipal

CONCURSO DE IDEIAS DE NEGÓCIO (2015/2016)
FORMULÁRIO DE CANDIDATURA | Ensino Secundário/Profissional

Município: _____ **Nome da Ideia de Negócio:** _____



Promotor 1 (aluno)
 Nome completo: _____ Escola: _____ Ano/Turma: _____
 E-mail: _____ Telefone: _____ Idade: _____

Promotor 2 (aluno)
 Nome completo: _____ Escola: _____ Ano/Turma: _____
 E-mail: _____ Telefone: _____ Idade: _____

Promotor 3 (aluno)
 Nome completo: _____ Escola: _____ Ano/Turma: _____
 E-mail: _____ Telefone: _____ Idade: _____

Professor/es orientador/es
 Nome: _____ Telefone: _____ E-mail: _____
 Nome: _____ Telefone: _____ E-mail: _____

FICHA Nº 2

NOME DO PROJETO

Subtítulo / Slogan

Equipa

- Município
- Nomes dos elementos do grupo
- Nome do(s) professor(es) orientador(es)

- Nome da Escola
- Ano/turma

Em que consiste

Como surgiu

Público-alvo

Inovação

Concorrência

Como colocar em prática

Modelo de negócio

Qual o impacto no território

Como vai ser divulgado

Análise SWOT

Pontos Fortes	Pontos Fracos
*	*
*	*
*	*

Oportunidades	Ameaças
*	*
*	*
*	*

Previsões financeiras

Motivação da equipa

Enviar apresentação para:

Alexandre Almeida
aalmeida@gesentrepreneur.com
+351 91 764 22 07

Ana Mineiro
amineiro@gesentrepreneur.com
+351 91 050 82 84

**Qualquer dúvida estamos ao dispor!*

Apêndice H – Matriz de objetivos / conteúdos do módulo 16 – Inovação e Empreendedorismo



Curso Técnico de Gestão

Matriz de Conteúdos / Objetivos: Módulo 16 – Inovação e Empreendedorismo

Objetivos gerais:

- Compreender os conceitos: empreendedorismo, criatividade e inovação.
- Analisar as várias formas de construção de ideias.

Professora estagiária: Sandra Gomes
Professora cooperante: Susana Carvalho

Conteúdos	Conhecer	Compreender	Aplicar	Analisar / Sintetizar	Avaliar	Criar
1. Empreendedorismo e criação de empresas.	x	x		x	x	
2. A gestão do processo de criação e construção de ideias.	x	x	x			
3. Criatividade.	x	x		x		x
4. Inovação.	x	x	x	x	x	

Apêndice I – Prática de ensino supervisionada: plano de aulas n.º 37 e 38 e recursos didáticos



Curso Profissional – Técnico de Gestão

Plano de Aula n.º 37 e 38

Módulo: 16 – Inovação e Empreendedorismo

Data: 11-02-2016

Unidade: 4 - Inovação

Professora estagiária: Sandra Gomes

Sumário: Análise e discussão do vídeo: “Innovation Day”. Noção de inovação. A inovação e o desemprego.

Professora cooperante: Susana Carvalho

Conteúdos	Competências	Objetivos Específicos	Atividades	Tempo	Metodologia	Recursos	Avaliação
4. Inovação 4.1. Noção de Inovação	<p>Específicas:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Identifica casos inovadores. - Distingue corretamente a inovação por necessidade e por sonho. - Relaciona o conceito de inovação com a evolução da sociedade. - Conhece as razões que levam as empresas a inovar. - Desenvolve a capacidade de reflexão. - Realiza corretamente as atividades propostas. <p>Atitudes:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Desempenha com responsabilidade as atividades atribuídas. - Escuta os outros. - Crítica as ideias e não as pessoas. - Respeita a sua vez de intervir. 	<ul style="list-style-type: none"> - Definir inovação. - Reconhecer a importância da inovação no contexto empresarial. - Relacionar inovação com desemprego. 	<ul style="list-style-type: none"> - Saudar os alunos - Ligar o computador e o respetivo <i>software</i> para efetuar o registo das presenças dos alunos. - Escrever o sumário. - Abrir a apresentação em <i>PowerPoint</i>. - Exibir o vídeo didático: “Innovation Day”. - Distribuir e analisar o guião de exploração do vídeo – atividade 1. - Resolução da atividade 1 individualmente. - Formar grupos de 3 alunos. - Discussão das respostas obtidas individualmente em grupo. - Análise das respostas dadas na atividade 1 com exposição de conteúdos programáticos. - Exposição de conteúdos: A inovação e o desemprego. - Atividade 2 - Síntese da aula. - Esclarecimento de dúvidas. - Encerramento da aula. 	2min 5min 2min 1min 3min 2min 10min 2min 13min 30min 15min 10min 2min 2min 1min	<ul style="list-style-type: none"> - Método expositivo intercalado com o interrogativo, na exposição de conceitos, com a certificação de que todos os alunos participam e que se encontram a acompanhar a matéria. - Método ativo (Discussão de exemplos práticos). - Método demonstrativo (resolução da atividade 1 e 2). 	<ul style="list-style-type: none"> - Computador, videoprojector e tela de projeção. - Apresentação em <i>PowerPoint</i>. - Guião de exploração do vídeo. - Caso de uma inovação simples: Clip. - Sopa de letras (atividade de remediação). 	<p>Avaliação diagnóstica:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Guião de exploração do vídeo. <p>Avaliação formativa:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Grelha de observação (pontualidade/assiduidade; autonomia, comportamento, iniciativa, participação e empenho, competências empreendedoras). - Realização das atividades práticas.

Gestão

3.º ano Turma C

Plano de Aula Detalhado

Tempo	Descrição das atividades	Notas do professor
25m	<p>Abertura/Motivação:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Saudação - Registo de presenças. - Apresentação dos objetivos (sumário) da aula. - Abertura da apresentação eletrónica. <p>Avaliação Diagnóstica:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Exibição de um vídeo introdutório de conteúdos com guião de exploração – atividade 1. 	<p>Os alunos devem visualizar o vídeo “Innovation Day” disponível em https://www.youtube.com/watch?v=8aF6libpss0(2:45). Trata-se de um vídeo introdutório de conteúdos programáticos (inovação). De seguida os alunos devem responder, individualmente, a um conjunto de questões disponibilizadas no respetivo guião de exploração.</p> <ul style="list-style-type: none"> - O guião de exploração deverá ser lido e analisado com os alunos, antes de estes responderem às questões.
70m	<p>Corpo principal da aula:</p> <p><u>Atividades e estratégias das aprendizagens:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Exibição (novamente) do vídeo. - Análise das respostas dadas pelos alunos na atividade 1, com exposição de conteúdos. - Exposição de conteúdos: a inovação e o desemprego. - Atividade 2 – Reflexão. <p><u>Estratégias de consolidação das aprendizagens:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Atividades de aplicação 1 e 2. <p><u>Estratégias de reflexão sobre as aprendizagens:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Análise das respostas dadas pelos alunos. 	<ul style="list-style-type: none"> - Os alunos devem juntar-se em grupos de 3 para discutir as respostas obtidas com os colegas do grupo. Posteriormente, o professor deve expor os conteúdos programáticos (inovação) solicitando a participação de cada um dos grupos, partilhando, assim, as respostas que obtiveram. - Na questão 2 fornecer aos alunos um “clip” e o documento de leitura de modo a mostrar-lhes uma inovação simples. - Aquando a explicação da relação entre inovação e desemprego deve-se questionar os alunos se a inovação cria desemprego e assim proporcionar um debate entre todos. - Na atividade 2 os alunos deverão refletir se se consideram uma pessoa inovador ou não e se tencionam criar um negócio quando terminarem a Escola. Esta atividade deverá ser entregue, no final, à professora estagiária. <p>NOTA: Registrar o desempenho dos alunos(grelha de observação).</p>
5m	<p>Encerramento/Avaliação:</p> <p><u>Estratégias de avaliação/reflexão sobre as aprendizagens:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Verificar as aprendizagens dos alunos a partir das respostas dadas oralmente e nas atividades de aplicação. - Síntese da aula, com esclarecimento de dúvida. - Encerramento da aula. 	<p>Verificar se os objetivos da aula foram atingidos.</p>
	<p>Trabalho de Casa: Não aplicável.</p>	<p>Atividades de remediação:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Sopa de letras. <p>Aula seguinte:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Tipos de inovação.
<p>Reflexão sobre a aula:</p>		

Recursos Didáticos:

Apresentação Eletrónica

Diapositivo 1

TÉCNICO DE GESTÃO

Disciplina: Gestão

M16 – INOVAÇÃO E EMPREENDEDORISMO



Diapositivo 2

Aulas n.º 37, 38

Sumário:

- Análise e discussão do vídeo: "Innovation Day".
- Noção de Inovação.
- A Inovação e o Desemprego.

Diapositivo 3

Avaliação Diagnóstica



Diapositivo 4

Atividade 1

Guião de Exploração do Vídeo

Regras:

1. Responder individualmente ao conjunto de questões.
2. Formar grupos de 3 alunos.
3. Exibir, novamente o vídeo.
4. Discutir as respostas no grupo.

Diapositivo 5

Questão 1 - Inovação

Transformar algo que já existe em **riqueza** e/ou **bem-estar**.

Riqueza porque vai acrescentar valor (vai melhorar) a algo que já existe, mediante uma recompensa monetária.

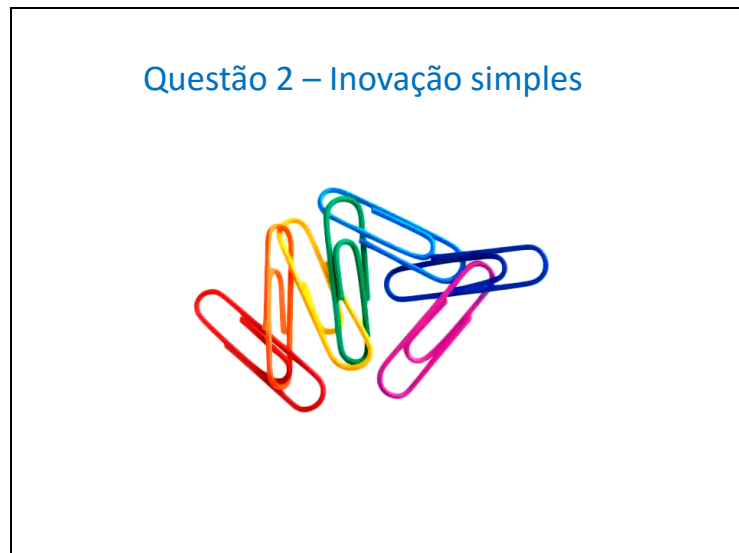


Aumenta a qualidade de vida das pessoas.

Diapositivo 6







Diapositivo 7




Diapositivo 8


Questão 3 – “A inovação pode ser algo totalmente novo ou de pequenas alterações, pode vir de uma necessidade ou de um sonho”

<u>Totalmente novo</u>	<u>Necessidade</u>
	
<u>Pequenas alterações</u>	<u>Sonho</u>
	

Diapositivo 9

Questão 4 – Ponto de partida para se iniciar uma inovação

Ideia 



AHA! JA SEI!!

Diapositivo 10


Questão 5 – As inovações acompanham a evolução da Sociedade?

Sim!



Diapositivo 11

Questão 6.1. – Qual deve ser o Compromisso de uma empresa?



Objetivo: Reforçar a sua posição competitiva

Diapositivo 12

Questão 6.2. – Três razões que levam as empresas a inovar

- **Inovar para sobreviver:** as empresas devem inovar os seus produtos/serviços para que nunca deixem de responder às expectativas dos consumidores.
- **Inovar para competir:** as empresas devem inovar para que não fiquem para trás da concorrência. Devem ganhar vantagem competitiva (Quota de mercado).
- **Inovar como estratégia:** as empresas estão dispostas a gastar dinheiro para encontrar novas formas de desenvolvimento de produtos/serviços.

Diapositivo 13

A Inovação cria desemprego?

Por vezes!



Evolução Tecnológica



Nem Sempre!



A empresa ao inovar os seus produtos/serviços aumenta a sua produtividade



Diapositivo 14

Por último...

Atividade 2

Concorda com a seguinte afirmação?

“Considero-me uma pessoa inovadora, penso muitas vezes, em criar um negócio quando terminar a Escola”.



PRÓXIMA AULA

Tipos de Inovação

Atividade Prática

Curso Técnico de Gestão
Disciplina: Gestão
Módulo 16 – Inovação e Empreendedorismo



Guião de Exploração do Vídeo: “Innovation Day”

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=8aF6libpss0>

Após a visualização do vídeo responda às seguintes questões:

1. Diga o que entende por inovação?
2. Apresente um exemplo de uma inovação simples.
3. Comente a seguinte afirmação:

“A inovação pode ser algo totalmente novo ou de pequenas alterações, pode vir de uma necessidade ou de um sonho”.
4. Qual o ponto de partida para se iniciar uma inovação?
5. As inovações acompanham a evolução da sociedade? Justifique a sua resposta, dando um exemplo.
6. Atente na seguinte afirmação:

“Toda a empresa devia trabalhar arduamente para tornar obsoleta a sua própria linha de produção... antes de os seus concorrentes o fazerem” – Kotler
- 6.1. Qual deve ser o compromisso de uma empresa?
- 6.2. Indique três razões que levam as empresas a inovar?

Professora Estagiária: Sandra Gomes
Professora Cooperante: Susana Carvalho

Curso Técnico de Gestão
Disciplina: Gestão
Módulo 16 – Inovação e Empreendedorismo



Exemplo de uma Inovação Simples: CLIP

O clip ilustra várias características das inovações que veremos seguidamente.

Primeiro, muitas inovações são **simples**. Contudo quantas vezes já usou clips? Portanto, **inovações úteis não têm que ser complicadas**.



Segundo, o que faria se não existissem clips? Agrafava? Tudo bem. Mas depois é muito mais difícil despegar as folhas e ficam sempre as marcas de dois buracos. Esta é a segunda característica de uma inovação. Tem **vantagem** sobre a solução anterior.

Terceiro, no clip houve **dois tipos** de inovações. Primeiro, a **básica**: a *essencial*, o aparecimento do clip.



E depois inovações, melhoramentos de **pormenor**: ao longo do tempo com diferentes formatos (triangulares, redondos), cores, dimensões e até com ondulações e de diversos materiais (outros além do aço, incluindo o plástico) que sendo mais elásticos prendiam melhor.

Quarto, geralmente quando se faz uma inovação fundamental e por vezes de pormenor é possível obter **patentes**: isto é, o governo (de um país) dizer que só o inventor (durante determinado período) pode fabricar o produto. De outro modo apareceriam logo cópias e não haveria incentivo a inovar.

A primeira patente foi (para o inovador Samuel Fay) em 1867. E esta é a **quinta** lição: a inovação como fonte de **progresso não é de hoje**, mas de há muito, muito tempo. E daí a sua importância: **faz o mundo melhor**.

Fonte: Sá et al. (2015) “Como inovar. A minha empresa é o meu primeiro emprego”. Vida Económica.

Professora Estagiária: Sandra Gomes
Professora Cooperante: Susana Carvalho

Atividade de Remediação

Curso Técnico de Gestão
Disciplina: Gestão
Módulo 16 – Inovação e Empreendedorismo



Sopa de Letras

Para que nunca se esqueça delas, encontre na sopa de letras as características comuns aos empreendedores:

c e p p p c e i o i a m e d a
i d c o e s o ã s i v d d a p
a p i u ã r o h c n a a a i e
s r l r r ç s o n d a m d d r
d o a a e i a e i e c o i t n
o n v v n s o v v p p p r s r
a o l i a e i s o e d m g i j
e v i t t t a s i n r i e c a
o a d a a e e m t d i a t d a
i m e i i e j n e ê a a n e i
v ê r c o u a b a n n d i ç t
e c a i e l d n o c t c e a a
a a n n n a e i e i e o i i p
m v ç i i n i c i a t i v a m
ã e a i c n ê g i x e s i e e

curiosidade
resistência
objetivos
independência
iniciativa
perseverança
planeamento
liderança
exigência
criatividade
inovação
visão
empenho
iniciativa
integridade
empatia

Professora Estagiária: Sandra Gomes
Professora Cooperante: Susana Carvalho

Apêndice J – Prática de ensino supervisionada: grelha de observação de comportamentos



Disciplina: _____ Turma: _____ Ano de escolaridade: _____ Plano de Aula n.º _____ Data: ____/____/____

Alunos	Pontualidade/Assiduidade	Autonomia	Comportamento	Iniciativa e Participação	Empenho	Intenções empreendedoras

Escala: 1 - MAU | 2 - INSUFICIENTE | 3 - SUFICIENTE | 4- BOM | 5 - MUITO BOM

Grelha de Observação de aulas

Apêndice K – Matriz de análise de conteúdo: “Considero-me uma pessoa inovadora, penso muitas vezes em criar um negócio quando terminar o curso”

Categoria	Unidades de registo		Indicadores
	Resposta positiva	Resposta negativa	
"Considero-me uma pessoa inovadora, penso muitas vezes em criar um negócio quando terminar a Escola".	"Penso um dia criar a minha própria marca de cosméticos e quem sabe de roupa".		Desejo de trabalhar por conta própria (p.e. indústria cosmética, contabilidade, restauração, desporto).
	"Pretendo abrir um gabinete de contabilidade".		
	"Quando terminar o meu percurso escolar gostaria de abrir um bar".		
	"Sim. Gostava de abrir um ginásio ou um serviço de Personal Trainer".		
	"Sim. Como existe um elevado número de desempregados, ao inovar iria contribuir para que esse número baixasse. Gostaria de ver um projeto meu implementado no mercado, pois assim ia contribuir para o desenvolvimento do mundo".		Desejo de contribuir para o aumento das taxas emprego.
	"Sim. Gostava de pôr em prática as minhas ideias e projetos, dando, assim, emprego a várias pessoas".		
	"Gostava de criar um negócio, mas não tenho nada em mente, nem dinheiro, ajudas e conhecimentos".		Desejo de criar um negócio, apesar da existência de possíveis obstáculos
	"Sim. Gostava de criar um negócio mas para já não tenho meios financeiros para o fazer".		
		"Não me considero uma pessoa inovadora, pois não sei o que fazer no futuro, não tenho ideias novas".	Falta de ideias
		"Não penso em criar um negócio, pois não me considero uma pessoa inovadora".	
		"Não tenho ideias para criar um negócio. Quando terminar a Escola, quero seguir uma área totalmente diferente, não me identifico com esta área".	
		"Não tenho ideias para criar um negócio".	
		"Não me vejo a ter ideias inovadoras para criar um negócio sustentável".	
		"Não quero criar um negócio não tenho ideias".	
		"Não, pois a minha vida futura não está direcionada para este caminho (...) não tenho essa ambição".	Falta de ambição (de vontade)
		"o meu objetivo de vida não passa por esse tipo de etapa".	
		"nunca tive aquele desejo de ter o meu próprio negócio".	
		"Não. Sou uma pessoa pouco ambiciosa".	
		"Não. Não tenho dinheiro para investir".	Falta de meios financeiros.
		"Para já gostava de acabar a escola e arranjar um trabalho".	Querer trabalhar por conta de outrém
		"Após a Escola tenho intenção de trabalhar em algo já existente".	
		"Não tenho intenções em criar um negócio quando terminar a Escola porque não me sinto preparado nem em condições de o fazer".	Imaturidade
		"Não quero ter a responsabilidade de ter um negócio por conta própria, apesar de ter vários na minha família".	
Total de respostas	8 respostas	15 respostas	23 respostas

Apêndice L – Prática de ensino supervisionada: plano de aulas n.º 39 e 40 e recursos didáticos



Curso Profissional – Técnico de Gestão

Plano de Aula n.º 39 e 40

Módulo: 16 – Inovação e Empreendedorismo

Data: 12-02-2016

Unidade: 4 - Inovação

Professora estagiária: Sandra Gomes

Sumário: Revisões da aula anterior. Tipos de inovação. Atividade de exploração (apresentação de um produto/serviço inovador no Google sites ou no Wix).

Professora cooperante: Susana Carvalho

Conteúdos	Competências	Objetivos Específicos	Atividades	Tempo	Metodologia	Recursos	Avaliação
4. Inovação	Específicas:		- Saudar os alunos	2min			
4.2. Tipos de inovação	- Distingue corretamente os diferentes tipos de inovação. - Relaciona os diferentes tipos de inovação a casos concretos. - Desenvolve a capacidade de reflexão. - Realiza corretamente a atividade proposta.	- Definir os diferentes tipos de inovação. - Distinguir os diferentes tipos de inovação. - Aplicar os diversos tipos de inovação ao contexto real.	- Ligar o computador e o respetivo <i>software</i> para efetuar o registo das presenças dos alunos. - Escrever o sumário. - Abrir a apresentação em <i>PowerPoint</i> . - Revisões da aula anterior. - Exposição de conteúdos (Tipos de inovação) - Distribuição da atividade de exploração. - Leitura e análise da atividade de exploração. - Realização da atividade de exploração.	5min 2min 1min 5min 15min 1min 5min 45min	- Método expositivo intercalado com o interrogativo , na exposição de conceitos, com a certificação de que todos os alunos participam e que se encontram a acompanhar a matéria. - Método ativo (Atividade de exploração). - Método demonstrativo (exemplos práticos).	- Computador, videoprojector e tela de projeção. - Apresentação em <i>PowerPoint</i> . - Internet. - Atividade de Exploração	Avaliação diagnóstica: - Guião de exploração do vídeo. Avaliação formativa: - Grelha de observação (pontualidade/assiduidade; autonomia, comportamento, iniciativa, participação e empenho, competências empreendedoras). - Realização da atividade de exploração.
	Atitudes: - Desempenha com responsabilidade as atividades atribuídas. - Escuta os outros. - Critica as ideias e não as pessoas. - Respeita a sua vez de intervir.	- Explicar a partir de um exemplo concreto os diferentes tipos de inovação sofridas ao longo do tempo. - Refletir sobre os pontos fortes que poderão justificar o sucesso de um produto/serviço.	- Apresentação e discussão da atividade de exploração. - Síntese da aula. - Esclarecimento de dúvidas. - Encerramento da aula.	15min 2min 1min 1min			

Gestão

3.º ano Turma C

Plano de Aula Detalhado

Tempo	Descrição das atividades	Notas do professor
15m	<p>Abertura/Motivação:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Saudação - Registo de presenças. - Apresentação dos objetivos (sumário) da aula. - Abertura da apresentação eletrónica. <p>Revisões da aula anterior (questões orais).</p> <ol style="list-style-type: none"> Qual deve ser o compromisso de uma empresa? Quais as razões que levam as empresas a inovar? <p>Discussão:</p> <p>Análise das respostas dadas pelos alunos.</p>	Os alunos devem responder a duas questões, referentes aos conteúdos lecionados na aula número 37 e 38.
81m	<p>Corpo principal da aula:</p> <p><u>Atividades e estratégias das aprendizagens:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Exposição de conteúdos (tipos de inovação). - Leitura e análise da atividade de exploração. - Realização da atividade de exploração. - Apresentação e discussão da atividade de exploração. <p><u>Estratégias de consolidação das aprendizagens:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Participação ativa dos alunos. - Atividades de exploração. <p><u>Estratégias de reflexão sobre as aprendizagens:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Discussão em grupo sobre os resultados obtidos com a realização da atividade. 	<p>Apresentar o PowerPoint. Todos os alunos devem participar ativamente no processo de aprendizagem, dando exemplos práticos de casos inovadores.</p> <p>Explicar aos alunos a atividade de exploração. Esclarecer possíveis dúvidas sobre a criação de um <i>site</i>.</p> <p>No fim de todos os alunos terminarem a atividade o <i>site</i> deverá ser apresentado e discutido com todos os elementos da turma. A Professora deverá assumir o papel de mediadora de modo a proporcionar debate entre todos os alunos.</p> <p><u>NOTA:</u> Registrar o desempenho dos alunos(grelha de observação).</p>
4m	<p>Encerramento/Avaliação:</p> <p><u>Estratégias de avaliação/reflexão sobre as aprendizagens:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Verificar as aprendizagens dos alunos a partir das respostas dadas oralmente e nas atividades de exploração. - Síntese da aula, com esclarecimento de dúvida. - Encerramento da aula. 	Verificar se os objetivos da aula foram atingidos.
	Trabalho de Casa: Não aplicável.	<p>Atividades de remediação:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Sopa de letras. <p>Aula seguinte:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Atividade prática: consolidação de conteúdos inerentes ao módulo 16.
Reflexão sobre a aula:		

Recursos Didáticos:

Apresentação Eletrónica

Diapositivo 1

TÉCNICO DE GESTÃO

Disciplina: Gestão

M16 – INOVAÇÃO E EMPREENDEDORISMO




Diapositivo 2

Aulas n.º 39 ,40

Sumário:

- Revisões da aula anterior.
- Tipos de Inovação.
- Atividade de Exploração.



Diapositivo 3

Revisões

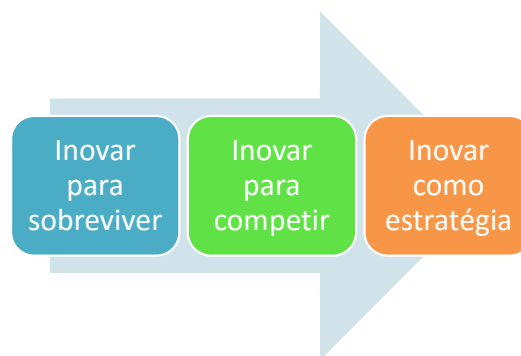
Qual deve ser o Compromisso
de uma empresa?



Diapositivo 4

Revisões

Razões que levam as empresas a inovar



Diapositivo 5

Tipos de Inovação



Tipos de Inovação

Produto



Introdução no mercado de produtos/serviços novos ou significativamente melhorados. Inclui alterações significativas, por exemplo, nas suas especificações técnicas, materiais e *software*.



Automóvel com mudanças automáticas



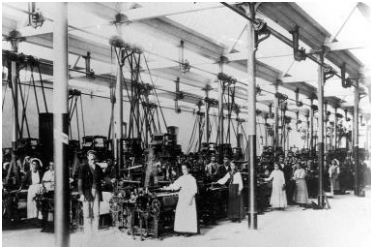
Tipos de Inovação

Processo




Implementação de processos de fabrico e de distribuição novos os significativamente melhorados.


Diapositivo 9



Processo de Fabrico Antigo:
Muitos trabalhadores usam as suas próprias mãos no processo de fabrico.




Processo de Fabrico Moderno:
Braços robóticos fazem o mesmo trabalho.



Trabalho qualificado sem o trabalhador

Diapositivo 10

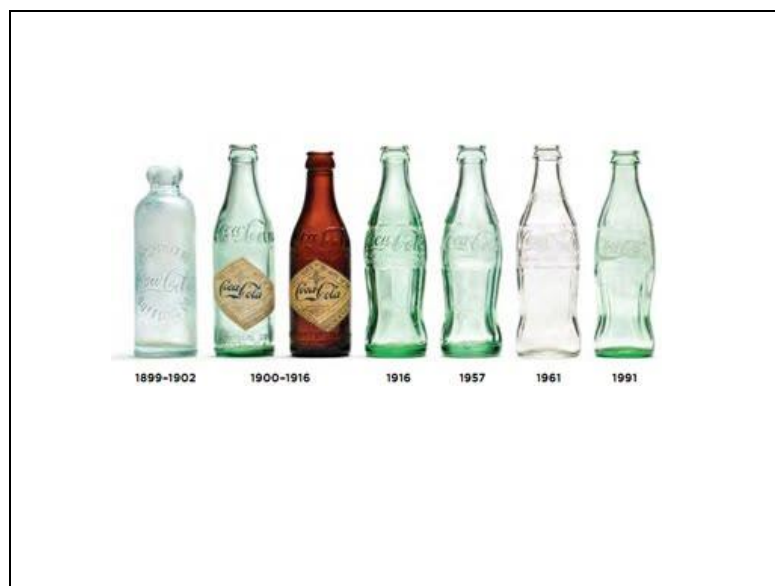
Tipos de Inovação



Marketing

Implementação de novos métodos de marketing, envolvendo melhorias significativas no *design* do produto ou embalagem, preço, distribuição e promoção.

Diapositivo 11




Diapositivo
12



Diapositivo
13

Tipos de Inovação



Organizacional

Implementação de novos métodos organizacionais na prática do negócio (por exemplo, organização do trabalho).

Diapositivo
14

Metodologia 5S



Antes **Depois**

Diapositivo
15

Atividade Prática



Diapositivo
16

PRÓXIMA AULA

Atividade Prática: Consolidação de
conteúdos.

Atividade Prática

Curso Técnico de Gestão
Disciplina: Gestão
Módulo 16 – Inovação e Empreendedorismo



Criação de um Site

Objetivo: apresentar um produto/serviço inovador no Google *sites* ou no Wix¹⁸.

Equipas: - 8 grupos de 3 alunos.
- 1 grupo de 2 alunos.

Tarefa 1: escolher um produto/serviço inovador.

Nota: poderão utilizar o produto/serviço que desenvolveram no âmbito do concurso de ideias.

Tarefa 2: criar um *site* num dos endereços em cima referidos.

Tarefa 3: no site deverão constar os seguintes aspetos:

- Apresentação do produto/serviço;
- Tipos de inovação que sofreu ao longo do tempo;
- Pontos fortes que poderão justificar o sucesso do produto/serviço;
- Reflexão final.

Tarefa 4: reflexão crítica acerca do trabalho desenvolvido.

Tarefa 5: apresentação e discussão do *site*.

Tarefa 6: partilhar o *site* com a professoras.

Professora Estagiária: Sandra Gomes
Professora Cooperante: Susana Carvalho

¹⁸ <http://pt.wix.com/>

Apêndice M – Grelha de avaliação - construção do site sobre o desenvolvimento de um produto/serviço inovador



Disciplina: _____ Turma: _____ Ano de escolaridade: _____ Plano de Aula n.º _____ Data: ____/____/____

Atividade: _____

	Avaliação Individual					Avaliação Coletiva			
<u>Alunos</u>	Respeito pelos colegas	Crítica as ideias e não as pessoas	Respeito a sua vez de intervir	Sabe trabalhar em equipa	Defesa do trabalho	Aplica os conhecimentos teóricos	Sentido estético	Criatividade	Autonomia

Escala: 1 - MAU | 2 - INSUFICIENTE | 3 - SUFICIENTE | 4- BOM | 5 - MUITO BOM

Grelha de Avaliação

Apêndice N – Prática de ensino supervisionada: plano de aulas n.º 41 e 42 e recursos didáticos



Curso Profissional – Técnico de Gestão

Plano de Aula n.º 41 e 42

Módulo: 16 – Inovação e Empreendedorismo

Professora estagiária: Sandra Gomes

Sumário: Consolidação de conhecimentos: Atividade 1: “Quem quer ser empreendedor?”; Atividade 2: Construção da Árvore do Conhecimento.

Professora cooperante: Susana Carvalho

Conteúdos	Competências	Objetivos Específicos	Atividades	Tempo	Metodologia	Recursos	Avaliação
Todos os conteúdos do módulo 16 – Inovação e Empreendedorismo.	<p>Específicas:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Reconhece os vários conceitos associados ao empreendedorismo, à inovação e à criatividade. - Revela iniciativa e prontidão nas respostas dadas na realização das atividades. - Revela uma boa aquisição de conhecimentos. - Desenvolve a capacidade de reflexão. <p>Atitudes:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Participa de forma ativa nas atividades propostas. - Escuta os outros. - Crítica as ideias e não as pessoas. - Respeita a sua vez de intervir. - Sabe trabalhar em equipa. - Revela criatividade nas ações que concretiza. 	<ul style="list-style-type: none"> - Consolidar os conhecimentos do módulo 16: empreendedorismo, inovação e criatividade. 	<ul style="list-style-type: none"> - Saudar os alunos - Ligar o computador e o respetivo <i>software</i> para efetuar o registo das presenças dos alunos. - Escrever o sumário. - Explicar as regras da atividade 1: “Quem quer ser empreendedor?”. - Formar as equipas e a constituição dos elementos do júri. - Desenvolvimento da atividade 1. - Explicar as regras da atividade 2: Construção da Árvore do Conhecimento. - Desenvolvimento da atividade 2. - Síntese da aula. - Esclarecimento de dúvidas. - Encerramento da aula. 	<p>2min</p> <p>5min</p> <p>2min</p> <p>5min</p> <p>10min</p> <p>50min</p> <p>2min</p> <p>20min</p> <p>2min</p> <p>1min</p> <p>1min</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Método expositivo (explanação das atividades de consolidação de conteúdos programáticos) - Método ativo (Atividades de aplicação 1 e 2). 	<ul style="list-style-type: none"> - Computador, videoprojector e tela de projeção. - Cartões do jogo. - Cronómetro. - Placard de pontuação. - Caneta. - Excel (Escolha aleatória do número do cartão). - Mapa das soluções das questões. - <i>Poster</i>: Árvore do conhecimento. - <i>Post-it</i>. 	<p>Avaliação formativa:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Grelha de observação (pontualidade/assiduidade; autonomia, comportamento, iniciativa, participação e empenho). - Empenho na realização das atividades propostas. - Competências empreendedoras.

Gestão

3.º ano Turma C

Plano de Aula Detalhado

Tempo	Descrição das atividades	Notas do professor
9m	Abertura/Motivação: <ul style="list-style-type: none"> - Saudação - Registo de presenças. - Apresentação dos objetivos (sumário) da aula. 	<ul style="list-style-type: none"> - Deve-se proceder ao registo das presenças dos alunos. - Deve-se explicar os objetivos da aula.
87m	Corpo principal da aula: <u>Atividades e estratégias das aprendizagens:</u> <ul style="list-style-type: none"> - Explicar os objetivos da atividade 1: “Quem quer ser empreendedor?”. - Formar as equipas e a constituição dos elementos do júri. - Desenvolvimento da atividade 1. - Nomear a equipa vencedora. - Explicar os objetivos da atividade 2: Construção da Árvore do conhecimento. - Desenvolvimento da atividade 2. <u>Estratégias de consolidação das aprendizagens:</u> <ul style="list-style-type: none"> - Participação ativa dos alunos. - Atividades 1 e 2. <u>Estratégias de reflexão sobre as aprendizagens:</u> <ul style="list-style-type: none"> - Discussão em grupo sobre os resultados obtidos com a realização da atividade. 	<u>Para a atividade 1:</u> <ul style="list-style-type: none"> - Distribuir o guião da atividade 1 aos alunos e de seguida proceder à sua explicação. - Solicitar três voluntários para a constituição do júri. Caso não haja escolher aleatoriamente. - Formar 5 equipas: 3 equipas com 5 alunos e 2 equipas com 4 alunos. <u>Para a atividade 2:</u> <ul style="list-style-type: none"> - Distribuir o guião da atividade 2 aos alunos e de seguida proceder à sua explicação. - Distribuir um <i>post-it</i> a cada um dos alunos e pedir para que escrevam uma palavra associado ao módulo 16 e de seguida colocá-la na Árvore do Conhecimento. Posteriormente, devem partilhar com a turma a razão da escolha.
4m	Encerramento/Avaliação: <u>Estratégias de avaliação/reflexão sobre as aprendizagens:</u> <ul style="list-style-type: none"> - Verificar as aprendizagens dos alunos através da sua participação nas atividades propostas. - Verificar as competências empreendedoras dos alunos. - Síntese da aula, com esclarecimento de dúvidas. - Encerramento da aula. 	Verificar se os objetivos do módulo 16 – Inovação e Empreendedorismo foram atingidos, assim como as competências empreendedoras dos alunos para a criação de negócios.
	Trabalho de Casa: Não aplicável.	Atividades de remediação: <ul style="list-style-type: none"> - Sopa de Letras.
Reflexão sobre a aula:		

Atividade Prática 1

Curso Técnico de Gestão
Disciplina: Gestão
Módulo 16 – Inovação e Empreendedorismo



Regras do Jogo: “Quem quer ser empreendedor?”

Objetivo: consolidar os conhecimentos do módulo 16 – Inovação e Empreendedorismo.

Duração: 60 minutos

Equipas:

- 3 grupos de 5 alunos;
- 2 grupo de 4 alunos.

Recursos:

- Cartões do jogo.
- Cronómetro.
- *Placard* de registos de pontuação.
- Caneta.
- Excel (Escolha aleatória do número do cartão).
- Mapa das soluções das questões.
- Placas de pontuação.

Júri:

- **Mediador:** controla o tempo de resposta (cronómetro) e seleciona aleatoriamente o número do cartão.
- **Verificador de respostas:** valida as respostas dadas pelos grupos, tendo como suporte as soluções das questões inscritas nos cartões.
- **Controlador da pontuação:** coloca a respetiva pontuação no *placard* e nomeia a vencedor. A pontuação é dada da seguinte forma:

+10 Pontos: acertou a resposta.

- 5 Pontos: não acertou a resposta.

Regras:

1. Cada equipa deve estar identificada com uma das seguintes letras: A, B, C, D e E.
2. Cada equipa tem 11 cartões devidamente numerados com questões relacionadas com inovação, empreendedorismo e criatividade.
3. Os cartões são distribuídos aleatoriamente.
4. O mediador deve escolher aleatoriamente (com auxílio do Excel) um número compreendido entre 1-55.
5. A equipa que tem na sua posse o cartão com o número selecionado pelo mediador, deve ler a questão em voz alta. Após a leitura, o grupo tem 30 segundos para responder. Qualquer um dos elementos do grupo pode dar a resposta.
6. Caso o grupo não saiba responder ou responda incorretamente o cartão passa para o grupo seguinte, seguindo a ordem alfabética (A,B,C,D e E). A questão deve ser lida novamente, dispondo de outros 30 segundos para responder.

7. O verificador de respostas deve validar ou não as respostas, mostrando ao grupo a pontuação (placa). Caso não as consiga validar deve solicitar ajuda ao professor. A resposta só é validada se estiver totalmente correta.
8. O controlador da pontuação deve colocar a respetiva pontuação no *placard*, consoante a informação recebida pelo verificador de respostas.
9. O jogo termina quando uma das equipas chegar aos 80 pontos. Devendo o controlador da pontuação parar o jogo e nomear o vencedor.

Professora Estagiária: Sandra Gomes
Professora Cooperante: Susana Carvalho

Cartões de Jogo



CARTÃO 1.

Diga o que entende por empreendedorismo

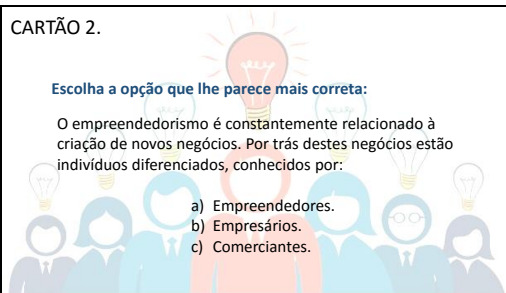


CARTÃO 2.

Escolha a opção que lhe parece mais correta:

O empreendedorismo é constantemente relacionado à criação de novos negócios. Por trás destes negócios estão indivíduos diferenciados, conhecidos por:

- a) Empreendedores.
- b) Empresários.
- c) Comerciantes.

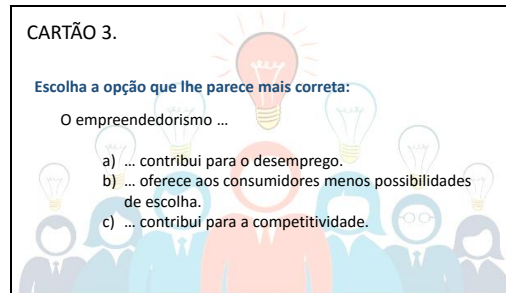


CARTÃO 3.

Escolha a opção que lhe parece mais correta:

O empreendedorismo ...

- a) ... contribui para o desemprego.
- b) ... oferece aos consumidores menos possibilidades de escolha.
- c) ... contribui para a competitividade.



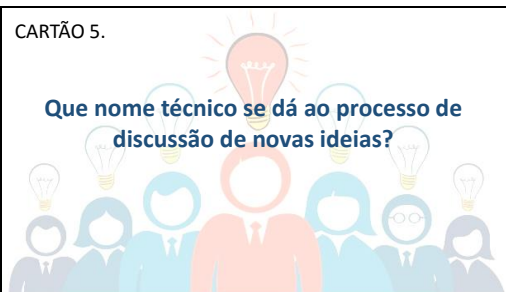
CARTÃO 4.

Indique duas características de um empreendedor



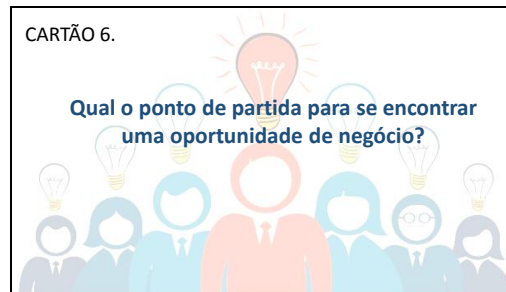
CARTÃO 5.

Que nome técnico se dá ao processo de discussão de novas ideias?



CARTÃO 6.

Qual o ponto de partida para se encontrar uma oportunidade de negócio?

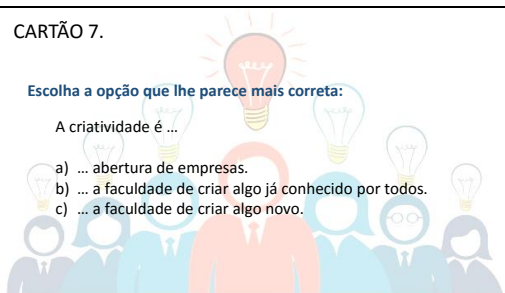


CARTÃO 7.

Escolha a opção que lhe parece mais correta:

A criatividade é ...

- a) ... abertura de empresas.
- b) ... a faculdade de criar algo já conhecido por todos.
- c) ... a faculdade de criar algo novo.

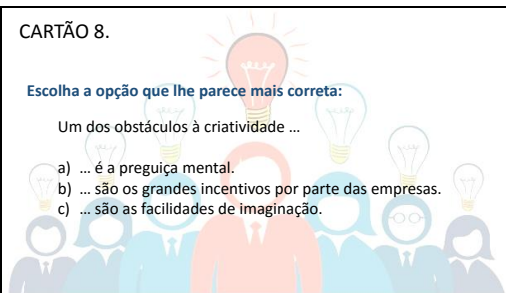


CARTÃO 8.

Escolha a opção que lhe parece mais correta:

Um dos obstáculos à criatividade ...

- a) ... é a preguiça mental.
- b) ... são os grandes incentivos por parte das empresas.
- c) ... são as facilidades de imaginação.

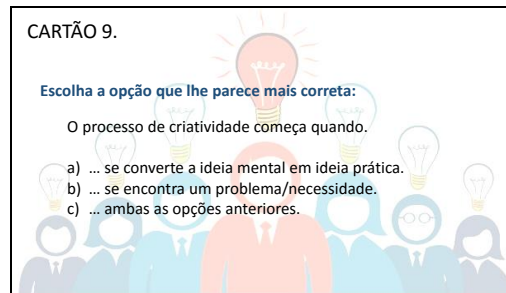


CARTÃO 9.

Escolha a opção que lhe parece mais correta:

O processo de criatividade começa quando.

- a) ... se converte a ideia mental em ideia prática.
- b) ... se encontra um problema/necessidade.
- c) ... ambas as opções anteriores.



CARTÃO 10.

Escolha a opção que lhe parece mais correta:

Invenção é diferente de inovação. A afirmação é:

- a) Verdadeira, porque invenção representa a criação de algo novo, enquanto que a inovação é melhorar algo que já existe.
- b) Falsa, porque invenção é igual a inovação, ambas representam a criação de algo novo.
- c) Verdadeira, porque inovação representa a criação de algo novo, enquanto que a invenção é melhorar algo que já exista.

CARTÃO 11.

Escolha a opção que lhe parece mais correta:

A inovação de produtos consiste na ...

- a) ... implementação de um novo método de produção.
- b) ... implementação de novos métodos de *marketing*.
- c) ... introdução de um bem ou serviço significativamente melhorado.

CARTÃO 12.

Indique três razões que levam as empresas a inovar

CARTÃO 13.

A inovação cria sempre desemprego?
Porquê?

CARTÃO 14.

Todas as inovações são complexas? Dê um exemplo

CARTÃO 15.

As inovações acompanham a evolução da Sociedade? Justifique a sua resposta

CARTÃO 16.

Qual deve ser o compromisso de uma empresa?

CARTÃO 17.

Indique quatro tipos de inovação

CARTÃO 18.

Escolha a opção que lhe parece mais correta:

- a) Descender de uma família de empreendedores é a maior garantia de sucesso.
- b) A principal motivação do empreendedor é a vontade de ganhar dinheiro.
- c) O empreendedor deteta oportunidades de negócios que mais ninguém vê.

CARTÃO 19.

Escolha a opção que lhe parece mais correta:

Um empreendedor encara o insucesso como:

- a) ... forma de aprendizagem.
- b) ... um azar.
- c) ... sinal de que não tem perfil para ser empresário.

CARTÃO 20.

Escolha a opção que lhe parece mais correta:

Muitas das ideias e inovações bem sucedidas resultam de:

- a) ... observação atenta da realidade.
- b) ... melhorias de produtos já existentes.
- c) ... investimentos fortes em publicidade.

CARTÃO 21.

Escolha a opção que lhe parece mais correta:

As principais características das pessoas criativas são:

- a) ... autoestima, aptidões musicais e curiosidade.
- b) ... orientação para desafios, curiosidade, interesse.
- c) ... resistência à mudança, inteligência e curiosidade.

CARTÃO 22.

Escolha a opção que lhe parece mais correta:

Para aumentar a capacidade criativa poder-se-á

- a) ... quebrar rotinas, desenhar e escrever.
- b) ... meditar e relaxar.
- c) Todas as respostas anteriores.

CARTÃO 23.

Diga o que entende por inovação

CARTÃO 24.

Escolha a opção que lhe parece mais correta:

A razão possível para alguém se tornar empresário é...

- a) ... querer controlar o seu dinheiro.
- b) ... vontade de aceitar o desafio que uma nova empresa representa.
- c) Todas as respostas anteriores.

CARTÃO 25.

Escolha a opção que lhe parece mais correta:

Um dos efeitos indiretos mais relevantes da inovação:

- a) ... é a evolução das competências nucleares internas das empresas numa variedade de formas.
- b) ... é a imagem positiva da empresa que é passada para o mercado.
- c) ... é a rentabilidade anormal associada às invenções realizadas.

CARTÃO 26.

Escolha a opção que lhe parece mais correta:

Qual dos seguintes grupos pode constituir uma fonte importante de novas ideias.

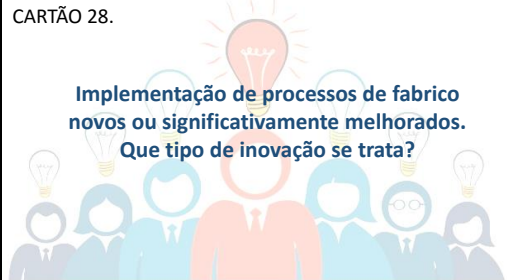
- a) Os funcionários da empresa.
- b) Os concorrentes.
- c) Os consumidores.
- d) Todas as respostas anteriores.

CARTÃO 27.

Introdução no mercado de produtos/serviços novos ou significativamente melhorados. Que tipo de inovação se trata?

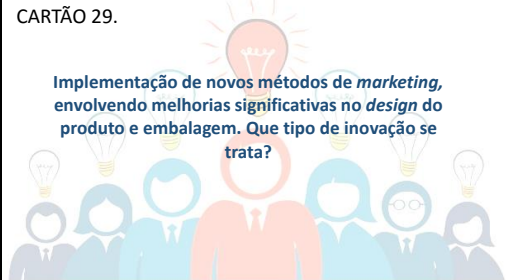
CARTÃO 28.

Implementação de processos de fabrico novos ou significativamente melhorados. Que tipo de inovação se trata?



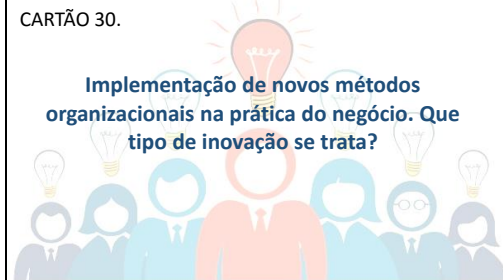
CARTÃO 29.

Implementação de novos métodos de *marketing*, envolvendo melhorias significativas no *design* do produto e embalagem. Que tipo de inovação se trata?



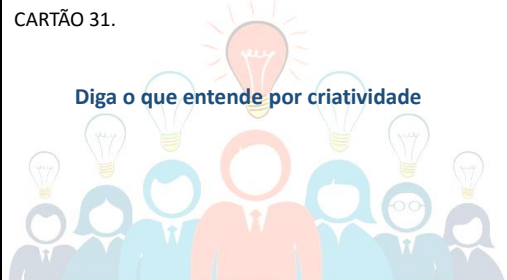
CARTÃO 30.

Implementação de novos métodos organizacionais na prática do negócio. Que tipo de inovação se trata?



CARTÃO 31.

Diga o que entende por criatividade



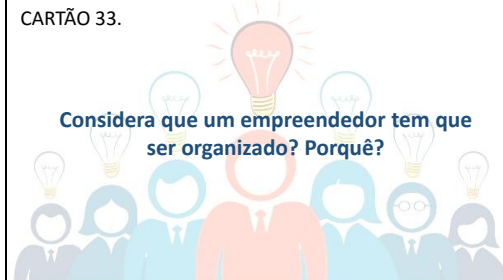
CARTÃO 32.

Identifique dois tipos de criatividade



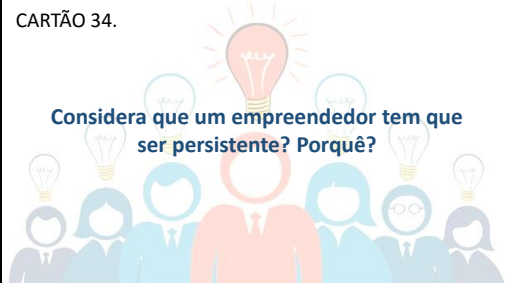
CARTÃO 33.

Considera que um empreendedor tem que ser organizado? Porquê?



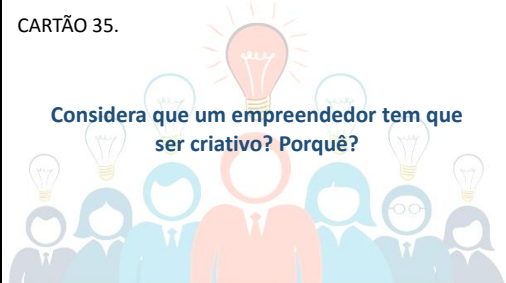
CARTÃO 34.

Considera que um empreendedor tem que ser persistente? Porquê?



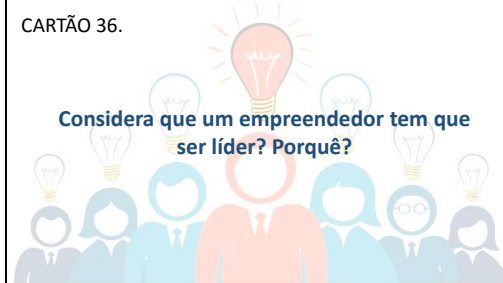
CARTÃO 35.

Considera que um empreendedor tem que ser criativo? Porquê?



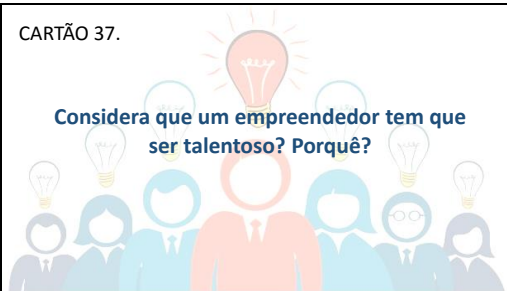
CARTÃO 36.

Considera que um empreendedor tem que ser líder? Porquê?



CARTÃO 37.

Considera que um empreendedor tem que ser talentoso? Porquê?



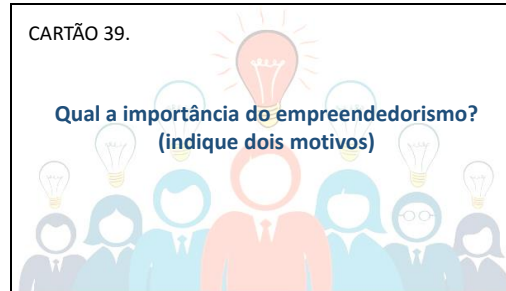
CARTÃO 38.

Um empresário é um empreendedor?



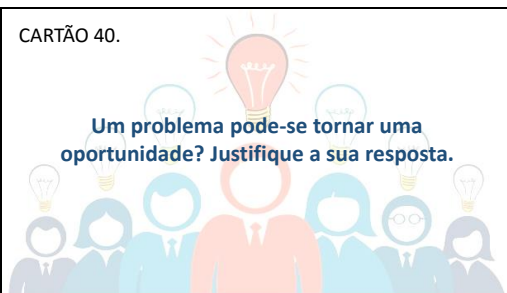
CARTÃO 39.

Qual a importância do empreendedorismo?
(indique dois motivos)



CARTÃO 40.

Um problema pode-se tornar uma oportunidade? Justifique a sua resposta.



CARTÃO 41.

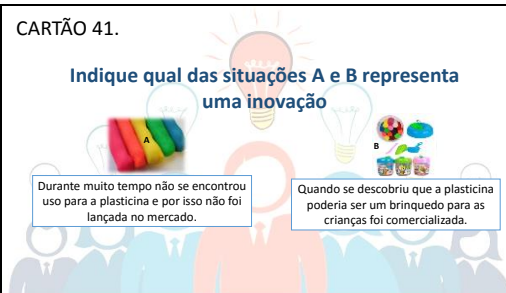
Indique qual das situações A e B representa uma inovação



Durante muito tempo não se encontrou uso para a plasticina e por isso não foi lançada no mercado.

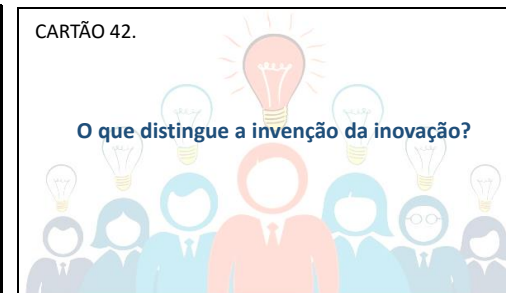


Quando se descobriu que a plasticina poderia ser um brinquedo para as crianças foi comercializada.



CARTÃO 42.

O que distingue a invenção da inovação?



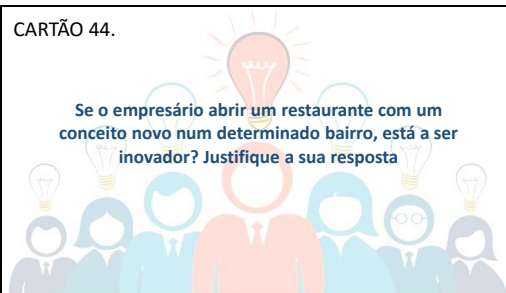
CARTÃO 43.

Se o empresário abrir um restaurante num bairro em que já existem outros semelhantes, está a ser inovador? Justifique a sua resposta



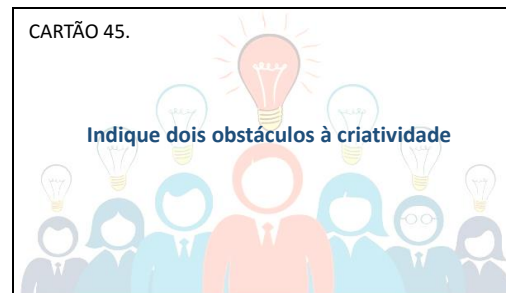
CARTÃO 44.

Se o empresário abrir um restaurante com um conceito novo num determinado bairro, está a ser inovador? Justifique a sua resposta



CARTÃO 45.

Indique dois obstáculos à criatividade



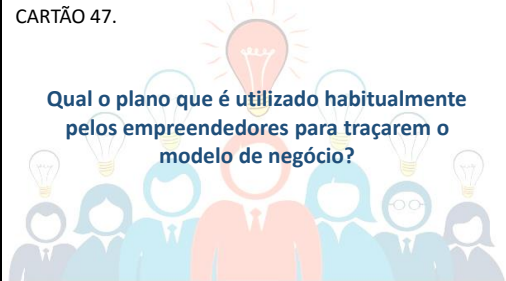
CARTÃO 46.

**Indique dois dos maiores empreendedores
ao nível tecnológico**



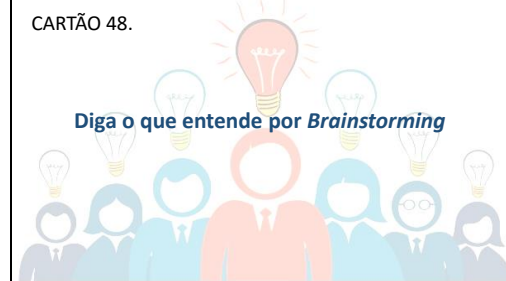
CARTÃO 47.

**Qual o plano que é utilizado habitualmente
pelos empreendedores para traçarem o
modelo de negócio?**



CARTÃO 48.

Diga o que entende por *Brainstorming*



CARTÃO 49.

**Qual o ponto de partida para se iniciar uma
inovação?**



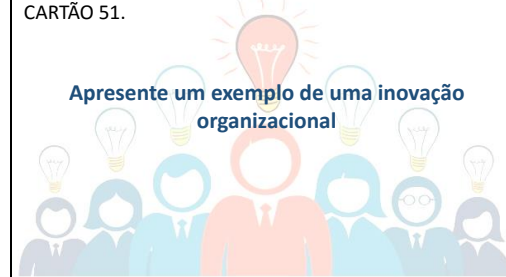
CARTÃO 50.

**Apresente um exemplo de uma inovação
em Marketing**



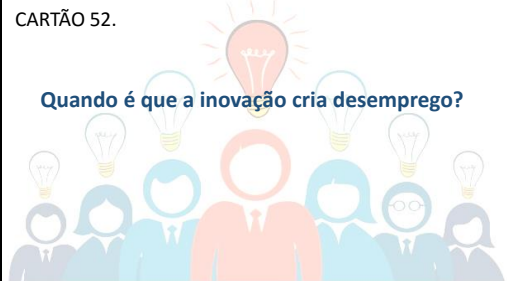
CARTÃO 51.

**Apresente um exemplo de uma inovação
organizacional**



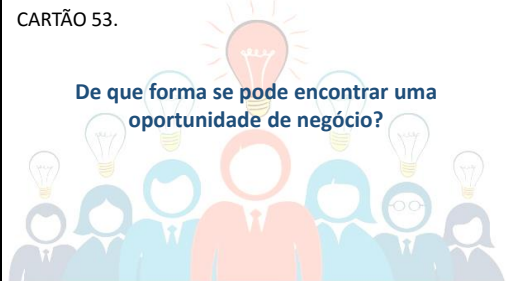
CARTÃO 52.

Quando é que a inovação cria desemprego?



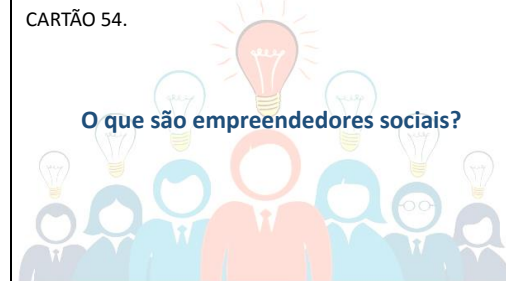
CARTÃO 53.

**De que forma se pode encontrar uma
oportunidade de negócio?**



CARTÃO 54.

O que são empreendedores sociais?



CARTÃO 55.

Dos seguintes conjuntos (A e B) indique qual deles diz respeito às características de um empreendedor.

A	B
Constói, propõe Inova Cria	Gere Administra
Identifica oportunidades	Controla a equipa
Faz as coisas certas	Identifica problemas
	Faz corretamente as coisas

Curso Técnico de Gestão
Disciplina: Gestão
Módulo 16 – Inovação e Empreendedorismo



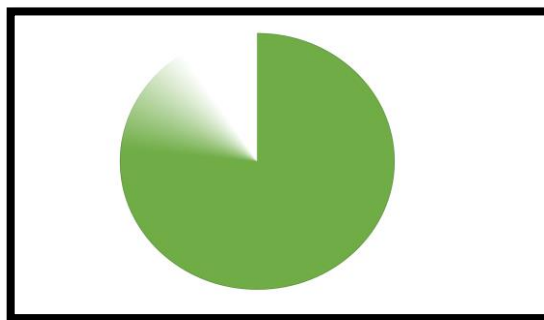
Soluções dos Cartões “Quem Quer Ser Empreendedor?”

Cartão 1.	Desenvolvimento de competências relacionadas com a criação de negócios
Cartão 2.	A
Cartão 3.	C
Cartão 4.	Duas das seguintes: Talentoso, organizado, persistente, criativo, líder, etc.
Cartão 5.	<i>Brainstorming</i>
Cartão 6.	Encontrar uma necessidade não satisfeita (problema), isto é algo que faça falta às pessoas, aos animais ou à natureza
Cartão 7.	C
Cartão 8.	A
Cartão 9.	B
Cartão 10.	A
Cartão 11.	C
Cartão 12.	Inovar para sobreviver, Inovar para competir e Inovar como estratégia
Cartão 13.	Não. A empresa ao inovar os seus produtos/serviços aumenta a sua produtividade, fazendo com que contrate mais colaboradores
Cartão 14.	Não. Existem inovações simples como o caso do clip e do cabide
Cartão 15.	Sim. Ao longo dos anos foram criados novos produtos/serviços que facilitam a vida das pessoas (por exemplo, a substituição do pombo correio pelo e-mail eletrónico)
Cartão 16.	Inovação
Cartão 17.	Produto, marketing, processo e organizacional
Cartão 18.	C
Cartão 19.	A
Cartão 20.	A
Cartão 21.	B
Cartão 22.	C
Cartão 23.	Transformação de algo (produto/serviço) novo ou significativamente melhorado
Cartão 24.	C
Cartão 25.	B
Cartão 26.	D
Cartão 27.	Inovação do produto
Cartão 28.	Inovação do processo
Cartão 29.	Inovação de marketing
Cartão 30.	Inovação organizacional
Cartão 31.	Faculdade/habilidade de criar algo novo
Cartão 32.	Individual e coletiva
Cartão 33.	Sim. O empreendedor tem que organizar de forma racional e lógica os recursos que dispõe. A organização facilita o trabalho e reduz perdas de tempo
Cartão 34.	Sim. O empreendedor não pode desistir nas primeiras dificuldades encontradas, deve encontrar, sempre, novas soluções
Cartão 35.	Sim. O empreendedor deve encontrar métodos e técnicas para executar tarefas de uma maneira nova ou diferente do habitual
Cartão 36.	Sim. O empreendedor deve saber definir objetivos, orientar a realização das tarefas e incentivar a sua equipa na concretização dos objetivos
Cartão 37.	Sim. O empreendedor deve ser capaz de transformar ideias em realidade.

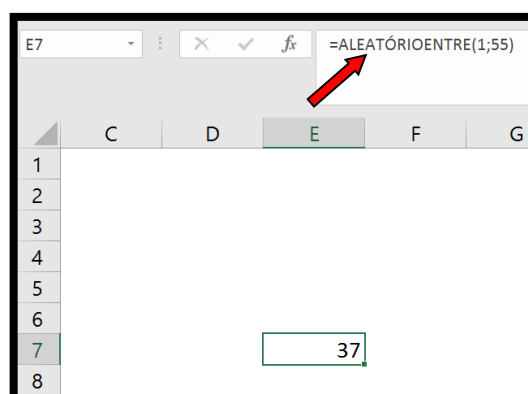
Cartão 38.	O empresário só é empreendedor se for capaz de conceber uma ideia e pô-la em prática e não se limitar a controlar a empresa financeiramente
Cartão 39.	Contribui para a criação de emprego e oferece aos consumidores mais possibilidades de escolha e preços mais baixos
Cartão 40.	Sim. A partir de um problema é que nasce uma ideia, que se pode tornar uma oportunidade de negócio
Cartão 41.	B
Cartão 42.	Comercialização do produto
Cartão 43.	Não. Porque não está a criar algo novo ou significativamente melhorado, mas sim a criar uma empresa
Cartão 44.	Sim. Porque não existem restaurantes semelhantes. Este empresário está a criar algo novo
Cartão 45.	Dificuldades de imaginação e desistência
Cartão 46.	Steve Jobs e Bill Gates
Cartão 47.	Plano de Negócios
Cartão 48.	Processo de discussão de novas ideias em grupo
Cartão 49.	Ideia
Cartão 50.	Introdução de melhorias significativas no <i>design</i> , embalagem e promoção do produto
Cartão 51.	Implementação de novos métodos de trabalho
Cartão 52.	Quando a implementação de novas tecnologias substitui o trabalho humano
Cartão 53.	A partir da identificação de um problema ou de uma necessidade não satisfeita
Cartão 54.	Os empreendedores sociais são indivíduos com soluções inovadoras para os problemas sociais mais urgentes da sociedade.
Cartão 55.	A

Professora Estagiária: Sandra Gomes
Professora Cooperante: Susana Carvalho

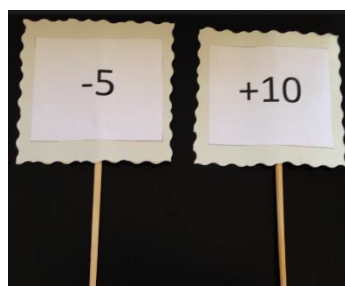
Cronómetro



Seleção de Números aleatórios (Excel)



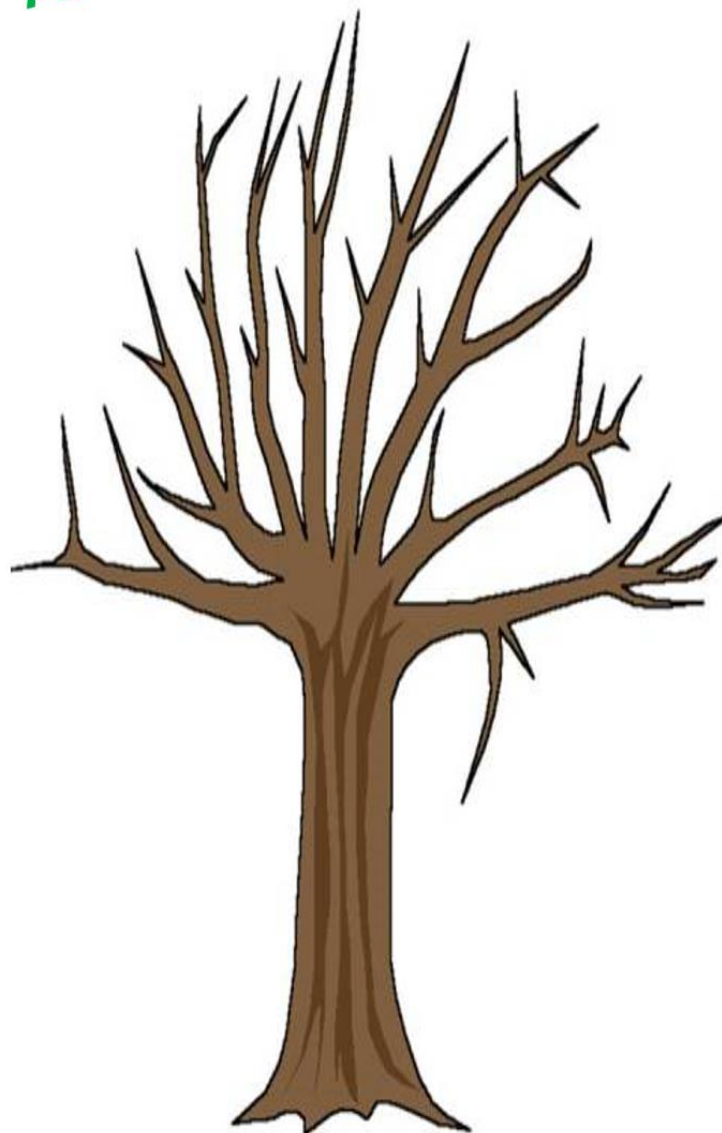
Placas de Pontuação



Placard de Registos de Pontuação

Equipas	Pontuação															Total
Cartão n.º																
A																
Cartão n.º																
B																
Cartão n.º																
C																
Cartão n.º																
D																
Cartão n.º																
E																

Árvore do Conhecimento



Apêndice O – Matriz de conteúdos: questionário de competências empreendedoras dos alunos do 3.º C do Curso Técnico de Gestão

Indicadores	Descrição	Resultado
Identificação da Escola	Nome da Escola	Todos os inquiridos estudam na Escola Secundária Domingos Sequeira.
Caracterização do aluno e Ambiente familiar	Caracterização por género	A maioria dos inquiridos são do sexo feminino (65%).
	Caracterização por idade	A maioria dos inquiridos tem 19 anos (73%).
	Caracterização por país de residência	Todos os inquiridos residem em Portugal.
	Caracterização por nacionalidade dos pais e/ou encarregado de educação	A maioria dos pais e/ou encarregados de educação dos inquiridos são de nacionalidade portuguesa (69%).
	Caracterização por nível de escolaridade dos pais e/ou encarregado de educação	A maioria dos pais e/ou encarregados de educação dos inquiridos tem a escolaridade até ao 9.º ano (54%).
	Caracterização por experiência anterior de familiares e/ou amigos em matéria de criação de negócios	A maioria dos familiares e/ou amigos dos inquiridos não possuem experiências anteriores em matéria de criação de negócios (69%).
	Caracterização por participação em atividades relacionadas com o empreendedorismo	A maioria dos inquiridos já participaram em atividades relacionadas com o empreendedorismo (54%).
	Caracterização por experiência de voluntariado	A maioria dos inquiridos nunca tiveram experiências de voluntariado (85%).
	Caracterização por ocupação fora da Escola	A maioria dos inquiridos não trabalha fora da Escola (69%).
	Caracterização por envolvimento em atividades fora da Escola e pela sua capacidade de organização, planeamento e/ou liderança	A maioria dos inquiridos nunca participou em atividades fora da Escola, nomeadamente em associações, clubes, campos de férias, etc. (58%).
	Caracterização por envolvimento em atividades fora da Escola e pela capacidade de iniciativa	A maioria dos inquiridos nunca se envolveram em projetos fora da Escola (58%).
	Caracterização pelas expectativas escolares	A maioria dos inquiridos pretende prosseguir os estudos para o ensino superior (58%).
Perceção do aluno	Perceção sobre a sua mentalidade empreendedora	Metade dos inquiridos concordam que geralmente são os primeiros a sugerir uma solução para um problema (50%). Apenas 30% dos inquiridos concordam que continuam a tentar até encontrar a solução para um problema. Somente 19% dos inquiridos veem oportunidades onde mais ninguém vê.
	Perceção sobre o ambiente escolar e os métodos de ensino	Apenas 31% dos inquiridos concordam que a Escola ensina a pensar de forma criativa. Somente 23% dos inquiridos concorda que a Escola ensina a propor ideias. 27% dos inquiridos concorda que a Escola ensina a pôr as ideias em ação.
	Perceção sobre as práticas na sala de aula	Somente 19% dos inquiridos consideram que os professores os incentivam a participar em atividades fora da sala de aula e que ouvem as suas ideias. 31% dos inquiridos concordam que os professores dizem que não há problema de cometerem erros.
		Mais de metade dos inquiridos consideram que as pessoas criam negócios por razões diferentes, nomeadamente fazer dinheiro,

Conhecimento empreendedor	Potencial comportamental e compreensão dos conceitos-chave associados ao empreendedorismo	<p>ajudar outros, fazer uma coisa diferente (54%).</p> <p>Mais metade dos inquiridos concordam que algumas ideias de negócio funcionam e outras não (73%).</p> <p>Apenas 38% dos inquiridos conhecem o papel que os empreendedores desempenham na nossa sociedade.</p> <p>Somente 12% dos inquiridos concordam que a Escola ensinou a criar um negócio.</p> <p>19% dos inquiridos concordam que a Escola ensinou a conhecer o papel que os empreendedores desempenham na nossa sociedade e a avaliar uma ideia de negócio.</p>
Capacidades empreendedoras	<p>Autoavaliação (autoconfiança e autoestima)</p> <p>Reconhecimento da capacidade de saber fazer com sucesso, de satisfação e de realização pessoal. Constatação de uma imagem positiva e de confiança na capacidade de julgamento, de resolver problemas e de arriscar</p>	<p>Apenas 31% dos inquiridos concorda estar confiante de que vão ter sucesso na vida.</p> <p>38% dos inquiridos concorda que são bem-sucedidos quando tentam fazer qualquer coisa.</p> <p>42% dos inquiridos concorda que conseguem terminar com sucesso as tarefas.</p> <p>Metade dos inquiridos concordam estar satisfeitos com eles próprios (50%).</p> <p>42% dos inquiridos concordam que são eles próprios que vão decidir o que vai acontecer na sua vida.</p> <p>Mais de metade dos inquiridos concordam são capazes de lidar com a maioria dos seus problemas (64%).</p>
	<p>Criatividade (e inovação)</p> <p>Capacidade de criar oportunidades (capacidade de ler a realidade, criar soluções e transformá-las em oportunidades). Conceção de novas ideias e planificação de abordagens originais a partir da leitura da realidade. Desenvolvimento de novas formas de resolver problemas, revelando um pensamento aberto e resiliência / persistência</p> <p>Proatividade (e capacidade de resolução de problemas)</p> <p>Disposição para agir (e capacidade de resolver problemas e executar (novas) ideias. Avaliação, seleção e atuação utilizando métodos e estratégias diversificados para resolver problemas inicialmente identificados e atingir os objetivos propostos, de forma enérgica, autónoma e manifestando iniciativa própria</p>	<p>27% dos inquiridos concordam que são capazes de propor novas ideias e encontrar soluções novas e diferentes.</p> <p>23% dos inquiridos concordam que são capazes de encontrar formas diferentes de fazer as coisas.</p>
	<p>Gerir a Incerteza (persistência; tolerância ao risco)</p> <p>Capacidade para continuar apesar dos contratempos e predisposição para encontrar alternativas, vontade de assumir riscos e lidar com a incerteza. Manutenção de um comportamento equilibrado e ajustado aos contextos, bem como a autoconfiança e autoestima quando confrontado com a oposição do outro sempre que as coisas não correm de acordo com as expectativas</p>	<p>42% dos inquiridos concordam que são capazes de lidar com mudanças súbitas e surpresas.</p> <p>Apenas 23% dos inquiridos concordam que são capazes de desenvolver atividades sob pressão e stress.</p> <p>31% dos inquiridos concordam que são capazes de continuar a desenvolver atividades apesar dos problemas.</p>
	<p>Literacia Financeira</p> <p>Capacidade para tomar decisões sobre questões monetárias, económicas ou financeiras, considerando os conhecimentos relacionados e específicos sobre os temas. Leitura, análise, gestão e comunicação sobre a condição financeira pessoal e a forma como esta afeta o bem-estar material de cada um. Planificação / antecipação do futuro optando entre possíveis escolhas financeiras, discutindo aberta e naturalmente sobre estes temas, respondendo de forma competente às situações do dia-a-dia</p>	<p>Somente 19% dos inquiridos concordam que são capazes de ler e interpretar demonstrações financeiras.</p> <p>23% dos inquiridos concordam que são capazes de estimar um orçamento para um novo projeto e controlar os seus custos.</p>

Capacidades empreendedoras (continuação)	Mobilização / Gestão de recursos (relações interpessoais) Capacidade para estabelecer e gerir parcerias, envolvendo outros interessados internos e/ou externos à escola, no sentido de alcançar os objetivos propostos. Capacidade para desenvolver uma rede de relacionamentos, (estabelecer contactos e trocar informação com os outros), concorrendo para concretizar os objetivos e/ou processos de aprendizagem/trabalho	Cerca de 40% dos inquiridos concordam que são capazes de fazer/estabelecer parcerias para alcançar objetivos e de trabalhar em rede, como por exemplo contactar outras pessoas e trocar informação.
	Planeamento e organização Capacidade para planejar e organizar as atividades. Definição dos objetivos a partir do problema ou questão inicial, estabelecimento de um plano com a definição e calendarização das ações a implementar, organização interna do grupo e das tarefas previstas	38% dos inquiridos concordam que são capazes de criar um plano para um projeto. 46% dos inquiridos concordam que são capazes de organizar as tarefas num projeto e de definir os seus objetivos.
	Trabalho em grupo Capacidade para trabalhar e cooperar com os outros	Mais de metade dos inquiridos concordam que são capaz de realizar as tarefas com outras pessoas (62%), de defender ideias e opiniões quando estão a trabalhar em grupo (54%) e de participar ativamente no trabalho de grupo (58%).
Atitudes Empreendedoras	Perceção das normas sociais e do controlo comportamental, demonstrando a formação da intenção / predisposição	Mais de metade dos inquiridos concordam que é útil criar um negócio (96%) e que é gratificante (88%) e positivo (88%). Mais de metade dos inquiridos concordam que gostariam de ter uma profissão que permita encontrar novas formas de resolver problemas (62%) e de trabalhar seguindo as suas próprias ideias e tarefas (85%).
Intenção	Predisposição para agir. Vontade de criar um negócio a médio, longo prazo	Apenas 35% dos inquiridos pensam, muitas vezes, em criar um negócio quando terminar a Escola. Somente 23% dos inquiridos concordam ter muitas ideias para fazer dinheiro. 46% dos inquiridos concordam que têm como objetivo ser patrão. Mais de metade dos inquiridos concordam que nunca criam um negócio sozinho ou com outras pessoas (81%). A maioria dos inquiridos concordam que não têm atualmente nenhum negócio (96%) sozinho ou com outras pessoas e que não estão atualmente a tentar criar nenhum negócio (85%).

Apêndice P – Matriz de análise de conteúdo das entrevistas realizadas aos alunos do 3.º C do curso Técnico de Gestão

Matriz de Análise de Conteúdo

Questões introdutórias

Entrevistado	Idade	Disciplina Preferida
A1	18	Inglês
A2	18	Gestão
A3	18	Inglês
A4	18	Economia
A5	18	Educação Física
A6	18	Contabilidade

Tema 1. Perceções dos alunos sobre a disciplina de Gestão e o Curso Técnico de Gestão

Categoria	Subcategoria	Indicadores	Unidades de registo	Entrevistado
Perceções dos alunos sobre a disciplina de Gestão e o Curso Técnico de Gestão	Satisfação com o Curso Técnico de Gestão	Mudaria de curso	“Não. Escolhia turismo, mas não escolhi por influência de familiares. Naquela altura gostava de números e achava que era um curso com saída e como não sabia o que queria fazer então decidi seguir gestão”.	A1
			“Acho que escolheria Contabilidade porque no estágio fazemos mais contabilidade do que gestão e assim dava-me mais jeito”.	A2
			“Boa pergunta, eu queria teatro mas os meus pais não me deixaram ir para Lisboa”.	A3
			“Provavelmente não. Pensei que fosse um curso diferentes, se fosse hoje escolhia desenho de moldes”.	A5
		Não mudaria de curso	“Sim, gosto de Gestão”.	A4
			“Sim, porque é o curso ideal para mim (...) gosto de números”.	A6
	Expectativas	Positiva (em relação a uma aprendizagem mais prática)	“Sim, acho que sim, porque eu tinha aquela ideia de criar um negócio e foi mais ou menos isso que aprendemos”.	A1
			“Sim, porque é uma disciplina muita prática e era aquilo que eu achava inicialmente”.	A2
			“Sim, correspondeu às minhas expectativas, tirando algumas disciplinas, mas no geral gostei”.	A4
			“Sim, estava à espera de aprender aquilo que aprendi ao longo da disciplina”.	A5
			“Surpreendeu –me, porque estava à espera de uma disciplina mais chata e afinal não é (...) gosto muito de gestão”.	A6
		Negativa (em relação a uma aprendizagem mais difícil)	“Não, estava à espera de uma coisa mais <i>soft</i> , com menos contas (...) a contabilidade mais de contas e a gestão mais teórica”.	A3
	Área com mais interesse	Marketing	“Marketing”.	A1
			“Marketing, não tem números”.	A3
			“Marketing”.	A5
		Recursos Humanos	“Recursos Humanos e por acaso é nessa área que estou a fazer a PAP”.	A2
		Produção/Qualidade	“Gestão da Produção/Qualidade”.	A4
		Finanças	“Gestão financeira”	A6

	Atitude e postura	Falta de empenho, participação e interesse	“Poderia ter mais empenho do que aquele que tenho. Tenho noção disso. O interesse não é muito, porque não é aquilo que quero, mas quando me dou ao trabalho de aprender, até participo”.	A1
			“É assim se a disciplina fosse diferente, talvez me cativasse mais a participar”.	A5
			“Participo pouco, poderia ter mais interesse, mas se não gosto ou não percebo perco o interesse e o empenho”.	A2
		Forte participação, interesse e empenho	“É assim eu acho que em todas as disciplinas sou uma aluna participativa e que se interessa pelas aulas”.	A4
			“Eu acho que sou participativo e empenhado. Tento fazer de tudo para aprender mais”.	A6
			“Tenho interesse, mas sou pouco participativa porque sou tímida”.	A3

Tema 2: Perceções dos alunos sobre a participação no concurso de Ideias Intermunicipal e a sua influência nas atitudes dos alunos no processo de ensino-aprendizagem na disciplina de Gestão

Categoria	Subcategoria	Indicadores	Unidades de registo	Entrevistado
Perceções dos alunos sobre a participação no curso de Ideias Intermunicipal e a sua influência no processo de ensino-aprendizagem na disciplina de Gestão	Satisfação	Positiva (considerado uma oportunidade, útil para o futuro, novas aprendizagens, nova experiência)	“Sim, porque foi uma oportunidade para nós de fazermos algo que criássemos e gostássemos”.	A1
			“Sim gostei, é um concurso diferente, nós não estávamos habituados a participar em concursos e gostei. Acho que é importante mesmo ao nível de novas ideias que possamos ter e até para o nosso futuro”.	A2
			“Sim, foi interessante, mas não gosto de trabalhar em grupo”.	A3
			“Gostei porque já tinha um produto inovador e aprendi uma nova forma de o dar a conhecer”.	A4
			“Gostei, foi uma experiência nova. Daqui a alguns anos posso lançar um produto no mercado”.	A5
			“Sim, porque é uma oportunidade para nós investirmos em algo que gostássemos”.	A6
	Aprendizagem	Vários conhecimentos relacionados com o empreendedorismo (ajuda para a PAP, que nenhuma ideia é ridícula, a importância do empreendedorismo em todas as vertentes da vida, o modo como se pode apresentar um projeto).	“Aprendi que nenhuma ideia é má, podemos ter uma ideia e se juntarmos a mais pessoas podemos criar uma ideia nova”.	A1
			“Nós falamos muito sobre empreendedorismo e inovação. Aprendemos que devemos ser empreendedores, embora eu não veja que nós, turma, sejamos empreendedores, nem inovadores. Não há muita preocupação com isso (...) mas uma coisa que aprendi é que é importante sermos empreendedores em qualquer coisa que façamos, não só nos nossos trabalhos mas também na nossa vida”.	A2
			“Então (...) eu aprendi o que era o empreendedorismo”.	A3
			“Aprendi coisas novas para a minha PAP, como se elabora um projeto e que um produto simples se pode tornar em algo de muito sucesso”.	A4
			“Aprendi que nenhuma ideia é ridícula”.	A5
			“Aprendi que não se pode desistir à primeira e que temos que lutar se	A6

			quisermos lançar algo novo no mercado”.	
	Visão diferente perante a disciplina de Gestão	Positiva (oportunidade de aprender coisas novas relacionados com a matéria de Gestão)	“Sim, eu achava que a matéria que estivemos a aprender só se adequava a empresas e tive a oportunidade de ver que também se aplica a produtos e ideias novas (...) foi muito bom (...) se soubesse tinha participado em outros concursos ao longo do curso”.	A1
			“Acho que sim, até porque com este módulo tivemos a oportunidade de participar em palestras que foram bastante interessantes e que gostei muito”.	A2
			“Sim, aumentou mesmo muito e em relação ao empreendedorismo fez com que visse o aspeto mais prático”.	A4
			“Sim, comecei a gostar mais da disciplina de gestão, uma vez que conheci coisas novas que desconhecia”.	A6
		Negativa (a participação no concurso não fez com que a disciplina de gestão fosse vista de maneira diferente)	“Sinceramente, para mim não modificou o que penso da disciplina de gestão (...) prefiro participar nesse tipo de concursos do que dar matéria”.	A3
			“Não, a minha participação não vai fazer com que esteja mais atento nas aulas”.	A5
	Conhecimentos técnicos para criar um negócio	Aquisição de bases para a criação de uma empresa	“Acho que sim. A minha PAP é sobre a criação de uma Agência de Viagens (...) o concurso ajudou-me a orientar a minha PAP, tornando-a mais fácil”.	A1
			“Acho que sim, mas precisava de uma ideia viável, mas acho que sim, tivemos bases para podermos mais tarde criar um negócio”.	A2
			“Provavelmente ia dar para o torto, mas sim, já tenho as bases”.	A3
			“Acho que sim, pelo menos tenho as bases”.	A6
			“Sim, com algum incentivo e motivação acho que conseguia”.	A4
			“Acho que sim, mas com ajuda. Ainda sou muito novo”.	A5
	Associação da disciplina de Gestão ao Concurso	Ligação da teoria à prática	“Sim. Dá para conciliar tudo o que aprendemos nas aulas, é muito mais fácil ligar a teoria à prática”.	A1
			“Acho que sim, porque permite ligar a teoria à prática”.	A2
			“Sim, porque aprendi o que se faz na prática”.	A3
			“Sim, aprendi a ver a realidade (...) arrependo-me de não ter participado em mais concursos”.	A4
			“Sim, acaba por ser aulas diferentes e desperta o interesse dos alunos e aprendemos mais, uma vez que são aspetos ligados à realidade”.	A5
			“Para além de ter aumentado o meu interesse pela disciplina, fez com que fossem dados exemplos práticos”.	A6
	Influência do concurso na possibilidade de criar um negócio	Positiva (influenciou a possibilidade de criar um negócio)	“Já tinha mais ou menos essa ideia, mas nunca tinha pensado como fazer (...) o concurso mostrou-me que há sempre oportunidades de fazer algo novo e diferente”.	A1
			“Fez refletir, por acaso já pensei mesmo nisso”.	A4

	Influência do concurso na possibilidade de criar um negócio (continuação)		"Já tinha a ideia, mas fiquei com a certeza que poderei no futuro criar um negócio".	A5
			"Foi, até aí não tinha pensado sobre isso, nem sequer sabia o que poderia fazer no futuro".	A6
		Negativa (não houve influência do concurso na possibilidade de criar um negócio)	"É assim nunca tive a vontade de criar um negócio, mas nunca coloquei essa ideia de parte (...) não foi o concurso que me fez refletir sobre essa possibilidade".	A2
			"Eu não quero abrir um negócio, o concurso não me influenciou".	A3
	Influência no concurso na capacidade reflexiva e participativa face à vida social	Positiva (influenciou a capacidade participativa)	"Sim, acredito que sim, porque fomos estimulados no concurso a participar".	A1
			"Sim, eu acho que por um lado sim, apesar de não participarmos muito, eu acho que me deu, falo por mim, aquela sensação que deveria ter participado mais e acreditar naquilo que sei".	A2
			"Muito mais, sem dúvida".	A4
			"Acho que sim, houve muita interação fazendo com que tivéssemos que participar".	A5
		Não houve alteração (já existia a capacidade participativa)	"Isso já está no meu sangue".	A3
			"Eu acho que já era participativo, portanto acho que não alterou grande coisa".	A6
	Interesse pela pesquisa de novas informações sobre o empreendedorismo	Aumentou a curiosidade na pesquisa de novas informações sobre o empreendedorismo	"Sim, pesquisei algumas coisas mas acho que ainda não tenho esse interesse".	A1
			"Sim, até porque para o trabalho final do módulo, vamos ter que fazer essa pesquisa".	A2
			"Sim, por acaso sim, porque pesquisei alguma coisas para o trabalho".	A3
			"Sim, até porque já fui pesquisar algumas temas sobre o empreendedorismo".	A4
			"Sim já fui procurar para saber mais".	A5
			"Sim, já tive essa curiosidade".	A6

ANEXOS:

- **Anexo A:** Inquérito por questionário aos alunos do 3.º C do Curso Técnico de Gestão: Competências Empreendedoras
- **Anexo B:** Modelo de avaliação do questionário realizado aos alunos do 3.º C do Curso Técnico de Gestão: Competências Empreendedoras
- **Anexo C:** Certificado de participação no colóquio Educação para o Empreendedorismo.

Anexo A – Inquérito por questionário aos alunos do 3.º C do Curso Técnico de Gestão: Competências Empreendedoras



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
E CIÊNCIA



PEEP
Plataforma para a Educação da
Empreendedorismo em Portugal



Este questionário permite que realizes uma autoavaliação das tuas competências empreendedoras.
Não existem respostas certas ou erradas.
O questionário é anónimo e as respostas não afetam as tuas classificações escolares.

Secção A: Sobre ti

1a. Sou:

☐ Rapaz

☐ Rapariga

2a. Ano de nascimento: _____

3a. Em que país vives? _____

4a. Qual é o nome da tua escola? _____

5a. Já participaste em alguma atividade sobre empreendedorismo / auto-emprego?

☐ Sim ☐ Não

6a. Fazes voluntariado fora da escola? (associação juvenil, clube ou outro tipo de voluntariado)

☐ Sim ☐ Não

7a. Trabalhas fora da escola?

☐ Sim ☐ Não

8a. Os teus pais nasceram em Portugal?

☐ Sim, ambos

☐ Sim, um deles

☐ Não

Se não, em que país? _____

9a. O teu pai ou a tua mãe (ou algum outro adulto que viva contigo)?

☐ Tem habilitação inferior ao 9º ano de escolaridade

☐ Tem o 9º ano de escolaridade

☐ Tem o 12º ano de escolaridade

☐ Tem uma licenciatura

10a. Pensas continuar os estudos e entrar na universidade / ensino superior?

☐ Sim ☐ Não

11a. Alguém que conheças bem criou recentemente um negócio? (assinala todas as opções válidas)

☐ Mãe/madrasta

☐ Pai/padrasto

☐ Outro familiar

☐ Amigo

☐ Não

Seleciona a opção adequada à tua resposta:	Discordo Totalmente						Concordo Totalmente
12a. Sou geralmente o primeiro a sugerir uma solução para um problema	1	2	3	4	5	6	7
13a. Continuo a tentar até encontrar a solução para um problema	1	2	3	4	5	6	7
14a. Vejo oportunidades onde os outros veem problemas	1	2	3	4	5	6	7

15a. És ou já foste responsável em alguma atividade ou projeto fora da escola? (por exemplo, associações, clubes, campos de férias, ações voluntariado, atividades artísticas e desportivas)

☐ Sim ☐ Não

16a. Já alguma vez iniciaste alguma atividade ou projeto fora da escola? (por exemplo, associações, clubes, campos de férias, ações de voluntariado, atividades artísticas e desportivas)

☐ Sim ☐ Não

Seleciona a opção adequada à tua resposta:	Discordo Totalmente						Concordo Totalmente
17a. Estou confiante de que vou ter sucesso na vida	1	2	3	4	5	6	7
18a. Quando tento fazer qualquer coisa sou, geralmente, bem-sucedido	1	2	3	4	5	6	7
19a. Consigo terminar com sucesso as tarefas	1	2	3	4	5	6	7
20a. Em geral, estou satisfeito comigo mesmo	1	2	3	4	5	6	7
21a. Sou eu que decido o que vai acontecer na minha vida	1	2	3	4	5	6	7
22a. Sou capaz de lidar com a maioria dos meus problemas	1	2	3	4	5	6	7

Secção B: Sobre ti e a tua escola

Seleciona a opção adequada à tua resposta: Na escola ensinam-me	Nunca						Sempre
1b. A pensar de forma criativa	1	2	3	4	5	6	7
2b. A propor ideias	1	2	3	4	5	6	7
3b. A pôr as ideias em ação	1	2	3	4	5	6	7
4b. A criar um negócio	1	2	3	4	5	6	7
5b. O papel que um empreendedor desempenha na sociedade	1	2	3	4	5	6	7
6b. A avaliar uma ideia de negócio	1	2	3	4	5	6	7

Seleciona a opção adequada à tua resposta: Os professores.....	Discordo Totalmente						Concordo Totalmente
7b. Incentivam-me a participar em atividades fora da sala de aula	1	2	3	4	5	6	7
8b. Ouvem as minhas ideias	1	2	3	4	5	6	7
9b. Dizem que não há problema se cometer erros	1	2	3	4	5	6	7

Seleciona a opção adequada à tua resposta: Compreendo...	Discordo Totalmente						Concordo Totalmente
10b. O papel que os empreendedores desempenham na nossa sociedade	1	2	3	4	5	6	7
11b. Sei que as pessoas criam negócios por razões diferentes (fazer dinheiro, ajudar outros, fazer uma coisa diferente)	1	2	3	4	5	6	7
12b. Sei que algumas ideias de negócio funcionam e outras não	1	2	3	4	5	6	7

Secção C: Sobre as tuas capacidades e atitudes

Seleciona a opção adequada à tua resposta: Sou capaz de ...	Discordo Totalmente						Concordo Totalmente
1c. Lidar com mudanças súbitas e surpresas	1	2	3	4	5	6	7
2c. Ler e interpretar demonstrações financeiras	1	2	3	4	5	6	7
3c. Propor novas ideias	1	2	3	4	5	6	7
4c. Desenvolver atividades sob pressão e stress	1	2	3	4	5	6	7
5c. Estimar um orçamento para um novo projeto	1	2	3	4	5	6	7
6c. Encontrar soluções novas e diferentes	1	2	3	4	5	6	7
7c. Continuar a desenvolver atividades apesar dos problemas	1	2	3	4	5	6	7
8c. Controlar os custos de projetos	1	2	3	4	5	6	7
9c. Encontrar formas diferentes de fazer as coisas	1	2	3	4	5	6	7

Seleciona a opção adequada à tua resposta: Sou capaz de ...	Discordo Totalmente						Concordo Totalmente
10c. Realizar tarefas com outras pessoas	1	2	3	4	5	6	7
11c. Criar um plano para um projeto	1	2	3	4	5	6	7
12c. Fazer/ estabelecer parcerias para alcançar objetivos	1	2	3	4	5	6	7
13c. Participar ativamente no trabalho de grupo	1	2	3	4	5	6	7
14c. Definir os objetivos do projeto	1	2	3	4	5	6	7
15c. Trabalhar em rede (ex: contactar outras pessoas e trocar informação)	1	2	3	4	5	6	7
16c. Defender as minhas ideias e opiniões quando estou a trabalhar em grupo	1	2	3	4	5	6	7
17c. Organizar as tarefas num projeto	1	2	3	4	5	6	7
18c. Estabelecer novos contactos	1	2	3	4	5	6	7

Secção D: A tua futura carreira

Seleciona a opção adequada à tua resposta: Gostaria de ter uma profissão que me permita...	Discordo Totalmente						Concordo Totalmente
1d. Encontrar novas formas de resolver problemas	1	2	3	4	5	6	7
2d. Trabalhar seguindo as minhas próprias ideias	1	2	3	4	5	6	7
3d. Definir as minhas tarefas	1	2	3	4	5	6	7

Seleciona a opção adequada à tua resposta:	Discordo Totalmente						Concordo Totalmente
4d. Penso, muitas vezes, em criar um negócio quando terminar a escola	1	2	3	4	5	6	7
5d. Tenho muitas ideias para fazer dinheiro	1	2	3	4	5	6	7
6d. O meu objetivo é ser patrão	1	2	3	4	5	6	7

7d. Já criaste, sozinho ou com outras pessoas, algum negócio?

☐ Sim ☐ Não

8d. Tens, sozinho ou com outras pessoas, um negócio?

☐ Sim ☐ Não

9d. Estás, atualmente, a tentar criar um negócio?

☐ Sim ☐ Não

Em geral, criar um negócio é ...								
10d. Inútil	1	2	3	4	5	6	7	Útil
11d. Dececionante	1	2	3	4	5	6	7	Gratificante
12d. Negativo	1	2	3	4	5	6	7	Positivo

Anexo B – Modelo de avaliação do questionário realizado aos alunos do 3.º C do Curso Técnico de Gestão: Competências Empreendedoras



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
E CIÊNCIA



PEEP
Plataforma para a Educação do
Empreendedorismo em Portugal



Caro(a) Professor(a),

No âmbito da educação para o empreendedorismo, o presente questionário pretende ajudar os alunos a avaliar o seu nível de conhecimento, capacidades, atitudes e a sua predisposição para agir em matéria de empreendedorismo e, simultaneamente, constituir-se como uma ferramenta essencial para os professores refletirem quer sobre as estratégias de ensino e de aprendizagem utilizadas, quer sobre os resultados das suas práticas pedagógicas.

É fundamental que a escola proporcione em todos os níveis e ciclos de ensino uma cultura favorável à aquisição de conhecimentos e ao desenvolvimento de capacidades, atitudes e comportamentos promotores do espírito empreendedor, nomeadamente autoavaliação, criatividade/inovação, planeamento/organização, trabalho em grupo, resiliência / assunção de riscos, entre outros.

A educação para o empreendedorismo é, pois, um domínio transversal às diferentes disciplinas e outras componentes do currículo, que se consubstancia em atividades ou projetos, desenvolvidos de forma participada pelos alunos e que concorram para uma intervenção e mudança na sua área de atuação enquanto cidadãos.

Tendo em conta que a avaliação dos impactos da educação para o empreendedorismo pressupõe a utilização de instrumentos transversais de avaliação, elaborou-se este guia de apoio, cujo objetivo é explicitar as dimensões e constructos de base ao presente questionário e os respetivos indicadores.

O questionário foi desenvolvido recorrendo a revisão de literatura, a adaptação de escalas previamente testadas, a nível nacional e internacional, e a referenciais do Ministério da Educação e Ciência.

O quadro seguinte permite obter uma visão sintética das dimensões e constructos, da sua definição e da sua operacionalização em indicadores.

DIMENSÃO E / OU CONSTRUCTO	DEFINIÇÃO	INDICADORES	# QUESTÃO	
			Ensino Básico [2º / 3º ciclos]	Ensino Secundário
IDENTIFICAÇÃO DA ESCOLA	Nome da escola	Qual é o nome da tua escola?	4a	4ª
CARATERIZAÇÃO DO ALUNO E AMBIENTE FAMILIAR	Caracterização por género	Sou: rapaz / rapariga	1a	1ª
	Caracterização por idade	Ano de nascimento	2a	2ª
	Caracterização por país de residência	Em que país vives?	3a	3ª
	Caracterização por nacionalidade dos pais e/ou encarregado de educação	Os teus pais nasceram noutro país?	5a	8ª
	Caracterização por nível de escolaridade dos pais e/ou encarregado de educação	O teu pai ou a tua mãe (ou algum outro adulto que viva contigo) tem: o 9º ano; o 12º ano de escolaridade; licenciatura.	6a	9ª
	Caracterização por experiência anterior de familiares e/ou amigos em matéria de criação de negócio	Alguém que conheças bem (amigo, familiar) criou recentemente um negócio?	7a	11ª
	Caracterização por participação em atividades relacionadas com o empreendedorismo	Já participaste em alguma atividade sobre empreendedorismo / auto-emprego?		5ª
	Caracterização por experiência de voluntariado	Fazes voluntariado fora da escola? (associação juvenil, clube ou outro tipo de voluntariado)		6ª
	Caracterização por ocupação fora da escola	Trabalhas fora da escola?		7ª
	Caracterização por envolvimento em atividades fora da escola e pela sua capacidade de organização, planeamento e/ou liderança	És ou já foste responsável em alguma atividade ou projeto fora da escola?	11a	15ª
	Caracterização por envolvimento em atividades fora da escola e pela capacidade de iniciativa	Já alguma vez iniciaste alguma atividade ou projeto fora da escola?	12a	16ª
	Caracterização pelas expectativas escolares	Pensas continuar os estudos e entrar na universidade / ensino superior?		10ª

DIMENSÃO E / OU CONSTRUCTO	DEFINIÇÃO	INDICADORES	# QUESTÃO	
			Ensino Básico [2º / 3º ciclos]	Ensino Secundário
PERCEÇÃO DO ALUNO	Perceção sobre a sua mentalidade empreendedora	Sou geralmente o primeiro a sugerir uma solução para um problema. Continuo a tentar até encontrar a solução para um problema. Vejo oportunidades onde os outros veem problemas.	8a 9a 10a	12a 13a 14a
	Perceção sobre o ambiente escolar e os métodos de ensino	Na escola ensinam-me: A pensar de forma criativa; A propor ideias; A pôr as ideias em ação	1b 2b 3b	1b 2b 3b
	Perceção sobre as práticas na sala de aula	Os professores: Incentivam-me a participar em atividades fora da sala de aula; Ouvem as minhas ideias; Dizem que não há problema se cometer erros.	4b 5b 6b	7b 8b 9b
CONHECIMENTO EMPREENDEDOR	Potencial comportamental e compreensão dos conceitos-chave associados ao empreendedorismo ¹	Sei que é possível ser o meu próprio patrão	7b	
		Sei que as pessoas criam negócios por razões diferentes (fazer dinheiro, ajudar outros, fazer uma coisa diferente). Sei que algumas ideias de negócio funcionam e outras não.	8b 9b	11b 12b
		O papel que os empreendedores desempenham na nossa sociedade		10b
		Na escola ensinaram-me: A criar um negócio; O papel que um empreendedor desempenha na sociedade; A avaliar uma ideia de negócio.		4b 5b 6b

¹ Kourilsky and Esfandiari, 1997; Hunt, 2003; Peterman & Kennedy, 2003

DIMENSÃO E / OU CONSTRUCTO	DEFINIÇÃO	INDICADORES	# QUESTÃO	
			Ensino Básico [2º / 3º ciclos]	Ensino Secundário
CAPACIDADES EMPREENDEDORAS *	<p>Autoavaliação (autoconfiança e autoestima)</p> <p>Reconhecimento da capacidade de saber fazer com sucesso, de satisfação e de realização pessoal. Constatação de uma imagem positiva e de confiança na capacidade de julgamento, de resolver problemas e de arriscar ²</p>	<p>Estou confiante de que vou ter sucesso na vida.</p> <p>Quando tento fazer qualquer coisa sou, geralmente, bem-sucedido.</p> <p>Consigo terminar com sucesso as tarefas.</p> <p>Em geral, estou satisfeito comigo mesmo. Sou eu que decido o que vai acontecer na minha vida.</p> <p>Sou capaz de lidar com a maioria dos meus problemas.</p>	<p>13a</p> <p>14a</p> <p>15a</p> <p>16a</p> <p>17a</p> <p>18a</p>	<p>17a</p> <p>18a</p> <p>19a</p> <p>20a</p> <p>21a</p> <p>22^a</p>
	<p>Criatividade (e inovação)</p> <p>Capacidade de criar oportunidades (capacidade de ler a realidade, criar soluções e transformá-las em oportunidades).</p> <p>Conceção de novas ideias e planificação de abordagens originais a partir da leitura da realidade.</p> <p>Desenvolvimento de novas formas de resolver problemas, revelando um pensamento aberto e resiliência / persistência.</p> <p>Proatividade (e capacidade de resolução de problemas)</p> <p>Disposição para agir (e capacidade de resolver problemas e executar (novas) ideias.</p> <p>Avaliação, seleção e atuação utilizando métodos e estratégias diversificados para resolver problemas inicialmente identificados e atingir os objetivos propostos, de forma enérgica, autónoma e manifestando iniciativa própria.</p>	<p>Propor novas ideias</p> <p>Encontrar soluções novas e diferentes.</p> <p>Encontrar formas diferentes de fazer as coisas</p>	<p>1c</p> <p>3c</p> <p>5c</p>	<p>3c</p> <p>6c</p> <p>9c</p>

² Judge et al, 2003; Rosendahl Huber et al., 2012

DIMENSÃO E / OU CONSTRUCTO	DEFINIÇÃO	INDICADORES	# QUESTÃO	
			Ensino Básico [2º / 3º ciclos]	Ensino Secundário
CAPACIDADES EMPREENDEDORAS (cont.)	Gerir a Incerteza (persistência; tolerância ao risco) Capacidade para continuar apesar dos contratempos e predisposição para encontrar alternativas, vontade de assumir riscos e lidar com a incerteza. Manutenção de um comportamento equilibrado e ajustado aos contextos, bem como a autoconfiança e autoestima quando confrontado com a oposição do outro sempre que as coisas não correm de acordo com as expectativas.	Lidar com mudanças súbitas e surpresas. Desenvolver atividades sob pressão e stress. Continuar a desenvolver atividades apesar dos problemas.	8c 12c 10c	1c 4c 7c
	Literacia Financeira Capacidade para tomar decisões sobre questões monetárias, económicas ou financeiras, considerando os conhecimentos relacionados e específicos sobre os temas. Leitura, análise, gestão e comunicação sobre a condição financeira pessoal e a forma como esta afeta o bem-estar material de cada um. Planificação / antecipação do futuro optando entre possíveis escolhas financeiras, discutindo aberta e naturalmente sobre estes temas, respondendo de forma competente às situações do dia-a-dia. ³	Fazer um orçamento para um projeto (identificando rendimento e despesas e apurando o respectivo saldo). Controlar os custos de um projeto. Tomar decisões tendo em conta que o rendimento é limitado. Ler e interpretar demonstrações financeiras. Estimar um orçamento para um novo projeto Controlar os custos de projetos.	13c 14c 15c	
	Mobilização / Gestão de recursos (relações interpessoais) Capacidade para estabelecer e gerir parcerias, envolvendo outros interessados internos e/ou externos à escola, no sentido de alcançar os objetivos propostos. Capacidade para desenvolver uma rede de relacionamentos, (estabelecer contactos e trocar informação com os outros), concorrendo para concretizar os objetivos e/ou processos de aprendizagem/trabalho	Fazer/ estabelecer parcerias para alcançar objetivos. Trabalhar em rede (ex: contactar outras pessoas e trocar informação)		12c 15c

³ Orton, 2007

DIMENSÃO E / OU CONSTRUCTO	DEFINIÇÃO	INDICADORES	# QUESTÃO	
			Ensino Básico [2º / 3º ciclos]	Ensino Secundário
CAPACIDADES EMPREENDEDORAS (cont.)	Planeamento e organização Capacidade para planear e organizar as atividades. Definição dos objetivos a partir do problema ou questão inicial, estabelecimento de um plano com a definição e calendarização das ações a implementar, organização interna do grupo e das tarefas previstas.	Criar um plano para um projeto. Organizar as tarefas num projeto. Definir os objetivos do projeto.	7c 9c 11c	11c 14c 17c
	Trabalho em grupo Capacidade para trabalhar e cooperar com os outros.	Realizar tarefas com outras pessoas. Defender as minhas ideias e opiniões quando estou a trabalhar em grupo. Participar ativamente no trabalho de grupo.	2c 4c 6c	10c 16c 13c
ATITUDES EMPREENDEDORAS	Perceção das normas sociais e do controlo comportamental, demonstrando a formação da intenção / predisposição ⁴	Em geral, criar um negócio é: inútil / útil. Em geral, criar um negócio é: dececionante / gratificante. Em geral, criar um negócio é: negativo / positivo.	7d 8d 9d	10d 11d 12d
		Gostaria de ter uma profissão que me permita: Encontrar novas formas de resolver problemas; Trabalhar seguindo as minhas próprias ideias; Definir as minhas tarefas.	1d 2d 3d	1d 2d 3d
INTENÇÃO	Predisposição para agir. Vontade de criar um negócio a médio, longo prazo. ⁵	Penso, muitas vezes, em criar um negócio quando terminar a escola. Tenho muitas ideias para fazer dinheiro. O meu objetivo é ser patrão.	4d 5d 6d	4d 5d 6d
		Já criaste, sozinho ou com outras pessoas, algum negócio? Tens, sozinho ou com outras pessoas, um negócio? Estás, atualmente, a tentar criar um negócio?		7d 8d 9d

⁴ McGee et al., 2009

⁵ Autio et al., 1997; Galloway & Brown, 2002; Fayolle, 2013; Klapper, 2004; Linan & Chen, 2009; Noel, 2000; Peterman & Kennedy, 2003

* As competências traduzem a combinação do conhecimento e das experiências que foram adquiridas e que são necessárias / úteis para desenvolver uma determinada atividade com sucesso.

No âmbito deste projeto, seleccionou-se um conjunto de competências relacionadas com a atividade empreendedora, que traduzem o constructo da auto-eficácia, enquanto percepção e confiança do jovem nas suas capacidades e no controlo do seu próprio sucesso.

[Alvarez & Jung, 2003; Bandura, 1977; Ehrlich et al., 2000; Frank et al., 2005; Galloway et al., 2005; Lans et al., 2005; Moberg, 2013; Rosendahl Huber et al., 2012]

Referências:

- Alvarez, R.D., & Jung, D. (2003). "Educational curricula and self-efficacy: Entrepreneurial orientation and new venture intentions among university students in Mexico". *Frontiers of entrepreneurship research*. Babson-Kauffman Research Conference Proceedings.
- Autio, E., Keelyey, R., Klofsten, M., & Ulfstedt, T. (1997). "Entrepreneurial intent among students: Testing an intent model in Asia, Scandinavia and The United States". *Frontiers of Entrepreneurship Research*. Wellesley, MA: Babson College.
- Bandura, A. (1977), *Self-efficacy: the exercise of control*. New York: Freeman.
- Ehrlich, S.B., De Noble, A.F., Jung, D.I., & Pearson, D. (2000). "The impact of entrepreneurship training programs on an individual's entrepreneurial self-efficacy". *Frontiers of Entrepreneurship Research*. Babson-Kauffman Research Conference Proceedings.
- Kourilsky, M.L. & Esfandiari, M. (1997). "Entrepreneurship education and lower socioeconomic black youth: An empirical investigation". *The Urban Review*, 29 (3), 205-215.
- Fayolle, A., and F. Linan. (2013). "Entrepreneurial Intention: Literature Review and New Research Perspectives." Paper presented at the 2013 GIKA Conference, Valencia, Spain, July 9–13, 2013 (Journal of Business Research, under review).
- Frank, H., Korunka, C., Lueger, M., & Mugler, J. (2005). "Entrepreneurial orientation and education in Austrian secondary schools". *Journal of Small Business and Enterprise Development*, 12(2), 259-273.
- Galloway, L., & Brown, W. (2002). "Entrepreneurship education at university: A driver in the creation of high growth firms?" *Education & Training*. 44(8/9), 398-404.
- Galloway, L., Anderson, M., Brown, W., & Wilson, L. (2005). "Enterprise skills for the economy". *Education & Training*. 47(1), 7-17.
- Hunt D.P. (2003). "The concept of knowledge and how to measure it". *Journal of Intellectual Capital*. 4 (1), 100-113.
- Klapper, R. (2004). "Government goals and entrepreneurship education – an investigation at Grande Ecole in France". *Education & Training*. 46(3), 127-137.
- Lans T, Biemans H, Mulder M, Verstegen J. (2010). "Self-awareness of mastery and improvability of entrepreneurial competence in small businesses in the agrifood sector". *Human Resour Dev*. 21(2):147-68.
- Liñan, F. and Chen, Y.W. (2009). "Development and CrossCultural Application of a Specific Instrument to Measure Entrepreneurial Intentions". *Entrepreneurship Theory and Practice*, 33(3), 593-617.
- McGee T.R., Wickes R.L., Bor W. & Najman J.M. (2009). Antisocial behaviour across neighbourhoods: Individuals and families in context. Final report for grant 19/07–08 to the Criminology Research Council, Australian Institute of Criminology. Canberra: Criminology Research Council
- Noel, T.W. (2000). "Effects of entrepreneurial education on intent to open a business". *Frontiers of Entrepreneurship Research*. Babson-Kauffman Research Conference Proceedings.
- Orton, L. (2007). Financial literacy: Lessons from international experience. Canadian Policy Research Networks Inc. Canada.
- Peterman N.E., & Kennedy J. (2003), "Enterprise Education: Influencing students' perception of entrepreneurship". *Entrepreneurship Theory & Practice*. Winter, 2003.
- Rosendahl H., Sloof, L., R. and Van Praag, M. (2012). The Effect of Early Entrepreneurship Education: Evidence from a Randomized Field Experiment, IZA DP No. 6512.

Anexo C – Certificado de participação no colóquio Educação para o Empreendedorismo

 <small>CENTRO DE FORMAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO DE ESCOLAS DO MAR AO ZÉZERE</small>	<small>Promotor</small>  <small>CIMRL Comunidade Infância e Mundo do Zézeiro</small>	<small>Apoio</small>  <small>GasEntrepreneur</small>  <small>cenformaz</small>  <small>leirwlar</small>	 <small>ccems</small>  <small>CENTRO FIE</small>  <small>PORTUGAL 2020</small>  <small>EU</small>
--	---	--	--

Certificado

Certifica-se que o(a) docente Sandra Christina Brito Gomes, a exercer funções e
Agrupamento de Escolas Domingos Sequeira, frequentou a Ação de Formação:

**Educação para o Empreendedorismo: pontos de situação e oportunidades
de futuro**

Modalidade: **Curso de Formação**
Registo de Acreditação: **CCPFC/ACC-75646/13**
Local de Realização: **Biblioteca Municipal de Pombal**
Data de Realização: **31 de outubro e 7 de novembro de 2015**
Duração: **15 horas de formação**
Formador: **Alexandre Almeida e Ana Mineiro**
Unidades de Crédito: **0.6 créditos**
Entidade Formadora: **Centro de Formação da Associação de Escolas do Mar ao Zêzere - CENFORMAZ**

Informação Final: **APROVADO(A)**
O(A) docente obteve a classificação final de **10 valores** com a menção de **Excelente**

Mais se certifica que, para os efeitos previstos no artigo 5.º, do Regime Jurídico da Formação Contínua de Professores, a presente ação releva para efeitos de progressão em carreira de Educadores de Infância e Professores dos Ensinos Básico e Secundário.
Para efeitos de aplicação do nº 3 do artigo 14º do mesmo Diploma legal, a presente ação não releva para a progressão em carreira.

Ansião, 30 de dezembro de 2015

Certificado nº 244/2015

O Diretor do Centro de Formação CENFORMAZ



(José Alberto Forte Afonso)
SEDE: Escola Básica e Secundária Dr. Pascoal José de Mello

CENFORMAZ – Centro de Formação da Associação de Escolas do Mar ao Zêzere
SEDE: EB/S Dr. Pascoal José de Mello | Av. Coronel Vitorino Magalhães Godinho | 3240-154 Ansião | Tel: 36670100 | Fax: 36670101 |
dae.cenformaz@gmail.com | director.cenformaz@gmail.com | www.cenformaz.pt

